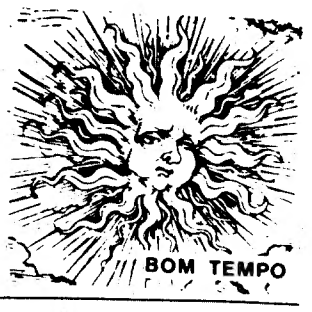
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

JUNTA DE 11 de Outubro de 19 N ANO



INCURSÃO ISRAELITA ATRAVÉS DO CANAL

Bombardeados portos da Síria que diz ter abatido 41 aviões

TELAVIVE, 11 (U.P.I.-A.N.I.) As tropas israelitas cruzaram às primeiras horas desta madrugada o Canal de Suez, penetrando pela primeira vez em território egípcio durante o actual confronto bélico anunciaram fontes oficiais de Telavive.

O mesmo comunicado acrescenta que uma vez cumprida a sua missão, as forças israelitas regressaram aos seus pontos de partida.

Comboios de abastecimento e instalações logísticas da retaguarda egípcia no lado ocidental do Canal foram os objectivos principais da incursão, segundo um informador militar, que acrescentou não terem os israelitas sofrido baixas nesta operação.

NAVIO GREGO AFUNDADO

DAMASCO, 11 — (U.P.I.-A.N.I. e R.) — Unidades navais israelitas bombardearam esta madrugada alvos ao longo da costa síria mediterrânica, afundando um navio grego no porto de Latakia e atingindo um terminal petrolífero — anuncia um comunicado sírio.

Vedetas sírias e a artilharia costeira ripostaram ao ataque israelita e afundaram três barcos do inimigo — acrescenta o comunicado, dizendo ainda que os alvos visados pelos israelitas nesta investida foram Burj Islam, o porto de Latakia e Banias.

Por outro lado, o comando sírio anunciou que esta manhã foram abatidos mais 41 aviões israelitas em combates travados sobre território da Síria.

O informador militar disse que formações de jactos israelitas penetraram no espaço aéreo sírio às 7 horas da manhã, para atacarem aeródromos e outros alvos estratégicos.

Até às 9 e 30 da manhã, os caças e a artilharia antiaérea da Síria tinham abatido 41 aviões inimigos e a luta continuava.

Os comunicados militares sírios referem-se a um total de 185 aviões israelitas abatidos desde o início das hostilidades, no sábado.

Aumenta o número de soldados israelitas feitos prisioneiros pelas tropas egípcias no Sinai (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

O 6.º ANO LICEAL NOCTURNO

Devido a uma decisão da última hora tomada pelo ministro da Educação, largas dezenas dos seiscentos alunos do 6.º ano liceal nocturno, inicialmente matriculados nos Liceus Camões e Pedro Nunes, viram-se inesperadamente transferidos para o longínquo D. Dinis, em Olivais Sul, o que poderá levar à desistência de muitos deles. Estudantes-trabalhadores na sua maioria, colocados em ocupações no centro da cidade e residentes em localidades das linhas de Sintra e Estoril e mesmo da outra banda, a sua decisão de reiniciarem os estudos interrompidos, há alguns anos, filiava-se na localização central dos dois estabelecimentos inicialmente escolhidos. «Assim é um sacrifício incomportável! Com as aulas a acabarem às vinte e uma e trinta só chego a casa lá para as duas da madrugada!», afirmou-nos um dos alunos. (Pag. 2).

DEMISSÃO DE AGNEW: QUEBRA NA BOLSA

NOVA IORQUE, 11 (EFE/ANI) — Em consequência da condenação por fraude fiscal e consequente resignação do vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, a parte final da sessão de ontem na Bolsa de valores de Nova Iorque foi caracterizada por um vultoso movimento de venda que fez descer abruptamente os preços.

A média industrial «Dow Jones» traduz bem a situação ao apresentar uma quebra de 13,62 pontos, ficando na marca de 960,57.

Durante a sessão mudaram de mãos 19 010 000 acções, cifra das mais avultadas na maior Bolsa de valores do mundo.

Entre as personalidades da política norte-americana mencionadas como possíveis candidatas à sucessão de Spiro Agnew na vice-presidência dos Estados Unidos, obtiveram-se as seguintes reacções, acerca da demissão ontem anunciada:

Nelson Rockfeller, governador do Estado de Nova Iorque: «É uma tragédia pessoal e há um velho provérbio latino-americano que diz que ninguém deve subir sobre os cadáveres dos seus amigos».

John Connaly, antigo secretário do Tesouro e antigo governador do Texas: «Não sou candidato a nenhum posto e recuso-me a especular acerca da aceitação de uma oferta feita pelo presidente Nixon porque se trata de uma questão demasiado hipotética».

Barry Goldwater, senador do Arizona: «Agnew foi vergonhosamente ameaçado por pessoas que ocupam importantes cargos no Governo. Espero não voltar a ver na minha vida este tipo de abuso contra um cidadão norte-americano».

Ronald Reagan, governador da Califórnia: «Estou surpreendido e triste com a notícia. Agnew foi e é amigo meu. Estou seguro de que a maioria dos norte-americanos compartilham os meus sentimentos».

Spiro Agnew (à esquerda) demitiu-se das funções de vice-presidente. A telefoto mostra-o com o presidente Nixon, quando aceitaram a candidatura pelo Partido Republicano em 1968. (UPI-Telimprensa-«DL»)

36 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

NOVO ATAQUE AÉREO A DAMASCO

DAMASCO, 11 (FP) — A população de Damasco foi acordada esta manhã com o uivo das sirenes anunciando um novo ataque aéreo israelita. Um dos «Phantom» israelitas foi atingido em cheio por um míssel terra-ar quando sobrevoava o monte Kassiun, que domina Damasco.

OS ISRAELITAS A 40 KM.

TELAVIVE, 11 (F.P.) — O comunicado do porta-voz militar israelita, anunciando que os blindados e a infantaria de Israel progridem em território sírio, leva a crer que Damasco pode em breve sentir-se ameaçada, pois está separada apenas por 40 quilómetros da linha de cessar-fogo.

Os observadores militares acentuam que a estrada para Damasco não tem obstáculos naturais e a oposição só pode vir dos carros e da artilharia síria.

Ora, segundo o correspondente militar da Rádio israelita no Golan, o facto de entre os 800 carros perdidos até agora pelos sírios, muitos deles terem caído intactos nas mãos dos israelitas, leva a crer que o moral das forças blindadas sírias perdeu a energia que demonstrara no início das hostilidades.

OS EGÍPCIOS AVANÇARAM 23 KM.

CAIRO, 11 (UPI / ANI) — Os tanques egípcios já avançaram 23 quilómetros no Sinai desde o último sábado — anuncia hoje o jornal «Al Ahram», em notícia dada por um correspondente na frente de combate.

Entretanto, a frente de Israel com a Jordânia, que é a de maior superfície, mantém-se silenciosa.

Prémio Nobel de Medicina

ESTOCOLMO, 11 R.) O Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1.973 foi hoje atribuído aos professores austríacos Karl von Frisch e Konrad Lorenz e ao professor Nikolaaf Tinbergen da Holanda.

DL/NACIONAL

MARIA VITÓRIA

DENTRO DE DIAS ESTREIA DA GRANDE REVISTA POPULAR

ver, ouvir e...calar!...

Grupo D-M 18 anos

UM NOTAVEL ELENCO COM:

☆ SALVADOR ☆ IVONE SILVA

A ACTRIZ CONVIDADA

☆ MARIEMA

☆ BARROSO ☆ VICTOR ☆ JÚLIO CESAR ☆ DINA MARIA ☆ BARTOLOMEU

A ATRACÇÃO NACIONAL

☆ CIDÁLIA MOREIRA

☆ UM GENTIL GRUPO DE DISCÍPULAS E AINDA, A COLABORAÇÃO DE

☆ HENRIQUE SANTANA

☆ UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL

☆ Uma revista de ANÍBAL NAZARÉ, JOÃO NOBRE, HENRIQUE SANTANA e HENRIQUE PARREIRÃO, com música de FREDERICO VALÉRIO, JOÃO NOBRE e VÍTOR BONJOUR

PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

Teatro Nacional de S. Carlos

ESPECTÁCULO DE GALA, comemorativo do Cinquentenário da LIGA DOS COMBATENTES e a favor da sua obra social

1.ª Parte: V Sinfonia de BEETHOVEN pela ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL, dirigida pelo MAESTRO SILVA PEREIRA.

2.ª Parte: Grupo de Bailados Portugueses VERDE GAIO, dirigido por MARGARIDA DE ABREU e FERNANDO LIMA.

Dia 16 do corrente às 21.45 horas.

Bilhetes à venda: No TEATRO S. CARLOS e na sede da Liga, Rua João Pereira da Rosa, 18. Telef. 368245.

Desconto aos sócios na sede da Liga.

TOIROS em VILA FRANCA

GRUPO A — MAIORES 6 ANOS

ÚLTIMO DIA DA FEIRA ANUAL

HOJE, 11 — ÀS 10 DA NOITE

6—NOVILHOS TOIROS—6, de JOSÉ MARIA CARMO

Cavaleiros amadores

JOÃO MOURA — JOSÉ MANUEL LOPES — JOSÉ V. CRUJO

Triunfadores «Vila Franca procura um toureiro»

JOÃO CARLOS — ANTÓNIO POEIRA — JACINTO FERNANDES

FORCADOS DE AZAMBUJA

Ensino liceal nocturno:

Dezenas de alunos do 6.º ano à beira da desistência

...Largas dezenas dos seiscentos alunos do 6.º ano liceal em regime nocturno, inicialmente matriculados nos Liceus Camões e Pedro Nunes, viram-se inesperadamente transferidos para o longínquo D. Dinis, um estabelecimento constituído à base de pavilhões pré-fabricados e localizado em Olivais Sul. A decisão só foi anunciada, em 26 de Setembro, portanto a escassas duas semanas do início das aulas, e numa altura em que o pagamento das inscrições, num total de seiscentos e trinta escudos, já havia sido efectivado.

Acontece que a maioria dos alunos atingidos pela inesperada transferência são estudantes-trabalhadores, colocados em ocupações no centro da cidade e residentes em localidades das linhas de Sintra e Estoril e mesmo da Outra Banda. A sua decisão de reiniciarem os estudos interrompidos, há alguns anos, filiava-se no facto dos dois liceus inicialmente escolhidos ficarem situados em zonas de fácil acesso (Saldanha e Estrela). Agora, e perante a situação criada, muitos deles estão firmemente decididos a desistir.

É o caso de Reinaldo Ferreira, empregado bancário, que nos afirmou a propósito: — **Isto é um sacrifício incomportável! A malta trabalha quase toda na Baixa e, com os engarrafamentos das horas de ponta, chega-se a levar uma hora ou mais no trajecto. E, como se tal não bastasse, a paragem de autocarros fica bastante afastada aqui do liceu, o que nos obriga a andar cerca de vinte minutos a pé. No meu caso pessoal, que saio às dezoito e trinta do emprego, acabo por chegar, como hoje já me aconteceu, cerca das vinte e quinze, ou seja um quarto-de-hora antes do início das aulas, e, como estas só terminam às vinte e três e trinta, só aporto a casa lá para as duas da madrugada. Ora, humanamente, quem é que pode aguentar um ritmo destes? No Inverno, então, com vento, chuva e frio, deve ser um autêntico suplício!**

Entre os numerosos alunos por nós abordados, as opiniões aferiam quase todas pelo mesmo diapasão: «Trajecto muito longo e moroso»; «despesas elevadas com as deslocações»; e «desgaste físico insuportável».

SITUAÇÃO A REVER

À experiência fizemos o percurso entre o Liceu e a paragem de autocarros mais próxima (frente ao edifício da General-Motors) e pudemos verificar que a expressão utilizada pelo aluno Reinaldo Ferreira não era exagerada. No Inverno, realmente, deve ser um autêntico inferno percorrer aquele trajeto a pé, ao longo de uma estrada deserta, rodeada de prédios desabitados e com largas clareiras, semeadas aqui e ali por pequenos arbustos, o que representa um perigo, sobretudo para as raparigas isoladas, que ainda constituem um número elevado entre os alunos inscritos.

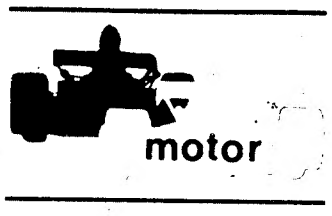
Assim, e pelo que nos foi dado constatar, se, entretanto, o Ministério da Educação, via Direcção-Geral do Ensino Secundário, não encontrar uma solução para este momentoso problema, mais de acordo com as exigências plenamente justificadas dos alunos transferidos para o Liceu D. Dinis, será muito reduzido o número daqueles que irão chegar ao fim do ano lectivo ora iniciado.

Os caixeiros de Santarém reclamam a homologação da nova tabela de vencimentos

A direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Santarém avistou-se ontem com o delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência naquela cidade a fim de lhe fazer sentir o problema da demora na homologação da decisão arbitral relativa à revisão do Contrato Colectivo de Trabalho entre aquele organismo sindical e os Grémios do Comércio distritais.

O tribunal arbitral deu por concluídos os trabalhos no dia 3 de Agosto, tendo feito entrega da sua decisão ao Ministério das Corporações, para a necessária homologação. Nela se fixava a data de 1 de Setembro para a entrada em vigor da nova tabela salarial, acontecendo até que algumas entidades patronais, informadas pelos grémios respectivos, já a estão a aplicar.

Anteriormente à entrevista de ontem com o delegado do I. N. T. P., o Sindicato dos Caixeiros de Santarém promoveu reuniões, no passado dia 1, em Torres Novas, Tomar e Abrantes, nas quais se discutiram a decisão arbitral e a demora na homologação.



J. LUÍS PINHEIRO

ELECTRODOMÉSTICOS

PARTICIPA AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS, A REABERTURA DA SUA LOJA NA

AV. DA IGREJA, Nº 25 - A

COMPLETAMENTE REMODELADA, ONDE APRESENTA AS ÚLTIMAS LINHAS DE ELETRODOMÉSTICOS DAS MAIS CONSAGRADAS MARCAS

DL/OPINIÃO

PROFESSORES, PRECISAM-SE

Nisto de informar as gentes acerca do que esteja sendo ou vá ser transformação das suas vidas, a regra do optimismo sorridente manda que o efeito publicitário dos projectos e das promessas de modo algum seja prejudicado pela franqueza de reconhecer as dificuldades que de antemão se esperam. Esse reconhecimento só virá mais tarde (quando vem) e não terá, nem por sombras, difusão que se pareça com o pregão de que beneficiaram os ditos projectos e as ditas promessas: diferença compreensível no plano das susceptibilidades humanas, mas criticável quando se trata de serviço público. Se o interesse nacional havia sido estimulado antes, com bastas razões para isso, não seria pedir demasiado a quem o estimulou que do mesmo passo acrescentasse, ao quadro favorável exibido, as pinceladas do pessimismo objectivo. Na verdade, é ainda de pessimismos que tratamos hoje, com perdão de quem deles se desagrade.

O mesmo director de uma escola técnica a que ontem nos referimos, acrescentou alguma coisa às suas declarações sobre instalações e apetrechamento. Disse ele que na escola que dirige, em Lisboa, «apenas 15 por cento dos professores que vão leccionar os terceiros e quartos anos do ciclo são diplomados, não tendo os restantes as habilitações necessárias». Quer dizer: uma reforma do ensino tão ambiciosa como a que está em curso não tem, no sector docente, agentes suficientemente qualificados para a levarem a cabo no plano onde tudo se julga no seu exacto valor: a sala de aula.

Mas isto que em Lisboa (ou em Coimbra, ou no Porto) assume a gravidade denunciada pela percentagem indicada acima, torna-se simplesmente alarmante se nos lembrarmos de que precisamente naquelas cidades se concentra a grande maioria dos professores diplomados e com experiência de ensino. Quando em Lisboa, não obstante essa concentração, uma escola técnica vai ter apenas 15 por cento de professores diplomados nos terceiros e quartos anos do ciclo, que se passará por essa província além? Como se refere na publicação onde colhemos estas declarações, «a província é completamente abandonada e para ela são relegados os professores provisórios com cursos incompletos e uma grande parte sem o mínimo de condições pedagógicas que lhes permitam um ensino eficaz». Eis uma informação que não sendo novidade, fica sempre em segundo plano quando se trata de proclamar reformas. Caso é para perguntar que reforma (efectiva) vai sair duma situação «de facto» como esta... E também que valor tem a fórmula «igualdade de oportunidades» de que tem vindo a fazer-se tão largo consumo...

Claro que não esperaríamos que o simples acto de legislar produzisse, automaticamente, os professores necessários, dotados da preparação pedagógica indispensável. Claro que a reforma teria de começar por onde começou, pelo gabinete e pelo «Diário do Governo». O que nos inquieta é a possibilidade de uma vez mais se tomarem as aparências pela realidade, é o risco de supor-se realizado o que mal começou ainda: caso mais do que provável sempre que ao anunciar-se uma reforma não se enunciam, ponto por ponto, as dificuldades (tremendas no que toca à do ensino) que inevitavelmente lhe reduzirão o alcance. Fazê-lo seria uma alta prova de consideração pelos professores e pelos alunos. E também pelo país.

Sem dúvida, a procissão ainda vai na praça. O ano lectivo em que acabámos de entrar porá à prova toda a construção teórica levantada nos últimos tempos e mostrará, na experiência de cada dia, o que haja nela de estável e de precário. Fazemos sinceríssimos votos (na realização deles está o interesse do país) por que se consigam os melhores resultados. Mas importa que todos nós estejamos conscientes desta evidência ameaçadora: não há professores em número sequer aproximado das necessidades, e muitos deles «não têm o mínimo de condições pedagógicas». Como se fará assim uma reforma, eis o que não nos compete a nós explicar...

Orçamento espanhol

O ministro das Finanças espanhol, António Barrera de Irimo, anunciou um orçamento recorde para Espanha de 551 698 milhões de pesetas para 1974.

O orçamento, que será equilibrado, tem ainda de ser aprovado pelas Cortes, mas a aprovação deve ser certa, entrando em vigor no dia 1 de Janeiro de 1974.

O orçamento inclui, pela primeira vez, uma cláusula destinada a um fundo de contingência no valor de 10 000 milhões de pesetas para manter a expansão económica em 1974 a uma média de crescimento de pelo menos 7 por cento.

O orçamento para 1973 foi de 474 283 milhões de pesetas.

Quebra na produção de óleos

Quarenta e cinco por cento foi a quebra registada na produção angolana de óleo de algodão — anuncia-se em círculos oficiais de Luanda, ligados a este sector.

Acrescenta-se nos mesmos círculos que este facto se deve às consequências da seca que, durante o ano passado, atingiu directamente as zonas algodoeiras do Estado.

Diminuiu também a produção de óleo de amendoim: o ano passado Angola produziu 67 811 toneladas, contra 71 509 em 1971. Em contrapartida o aumento do óleo de girassol foi de quarenta e cinco por cento.

Medalha de ouro

A medalha de ouro Robert Schuman foi atribuida em Hamburgo a John Lynch, antigo primeiro-ministro irlandês.

Este galardão, instituido pela Associação dos Amigos de Robert Schuman, distingue anualmente uma individualidade que tenha prestado serviços excepcionais à causa da unificação da Europa. As medalhas são postas à disposição da associação pela fundação Freiherr Vom Stein, de Hamburgo, John Lynch receberá em 27 do corrente a sua recompensa em Montignhy-Les-Metz (Mosella), das mãos de Alain Poher, presidente do Senado francês.

Entre os ilustres antecessores de Lynch figuram designadamente Paul Henri Spaak e o chanceler Adenauer.

«Orquestra Vermelha»

Leopold Trepper, o antigo chefe da «Orquestra Vermelha» declarou à Imprensa que tinha recebido, no domingo, a visita de dois funcionários do Ministério da Saúde e do serviço de passaportes, que vieram dar-lhe a notícia que esperava há três anos.

Segundo Trepper, os visitantes declararam-lhe que, visto o seu estado de saúde, fora decidido conceder-lhe um passaporte para se tratar na Grã-Bretanha.

O célebre espião é um doente cardíaco e tem a circulação gravemente afectada nas pernas. Recentemente, esteve hospitalizado doze dias em Varsóvia.

Militante comunista empenhado no movimento revolucionário há 50 anos, Leopold Trepper, judeu polaco, nasceu em Neumark, perto de Zakopane, em 23 de Fevereiro de 1904.

Colocado na chefia da espionagem soviética em França, e na Bélgica, durante a Segunda Guerra Mundial, Trepper organizou a famosa rede da «Orquestra Vermelha». Estaline foi prevenido por ele da data exacta do ataque alemão à URSS, mas recusou-se a acreditar na informação.

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

COMENTÁRIOS

A propósito de um artigo em que exprimia a minha estranheza por um mancebo a quem fora perguntado o que (ou quem) era para ele mais importante na vida haver respondido: «Primeiro, a mãe, depois, a esposa, e depois, o filho pequeno»; a propósito de uma certa irritação (sim, concordo, irritação) expressa por o mancebo ter dito «esposa» em vez de «mulher», porque «nenhum homem pensa na mulher em termos de esposa mas sim de sua mulher», recebi uma carta altamente discordante. Ora o artigo resumia apenas uma exigência de autenticidade que foi, ao que prova a carta, mal interpretada. Após ácidos comentários concentra-se o ataque em quatro perguntas que (voluntariamente) passo a transcrever.

1.º — Pode haver alguma dúvida de que nas preferências do amor familiar estamos no puro campo dos «sentimentos», onde são admissíveis muitas variantes de prioridades e descabida a crítica feita, pois cada um é livre de sentir como o coração o dita, consoante as vicissitudes das relações familiares? 2.º — Porquê admitir, sem mais elementos, que o jovem, cujo grau de cultura nem é referido — preferiu conscientemente o vocábulo «esposa» ao de «mulher»? 3.º — Com que segurança pode afirmar aquela sua sentença com o absoluto «nenhum homem pensa na mulher em termos de esposa» se foi pelo «casamento» (a que directamente está ligada aquela palavra) que entre eles se estabeleceu o vínculo familiar? Não será o vocábulo «mulher» passível de alguma ambiguidade? (!) 4.º — Ao considerar bizarra a prioridade do jovem, não estará a articulista a admitir a preexistência de uma «prioridade correcta», a revelar portanto o apego a «preconceitos, a fórmula feitas», a «clichés», a «cuspir sentenças»? (...)

Posto o que continuo a desfiar as minhas considerações. Mas, atenção, tal como o artigo maldito, não as dirijo a nenhum interlocutor em especial.

Sim, devo confessar que há coisas a dizer a favor do mancebo entrevistado. Eis algumas delas:

É que num país em que até há muito pouco tempo (por exemplo) a noção da trindade Deus-Pátria-Família era »infiltrada» nos jovens cérebros por liquefeitos «clichés» através dos livros de leitura das classes primárias, das rotineiras aulas de moral, a coberto de uma certa camada de hipocrisia; num país em que se tem reduzido os altos valores a altissonantes abstracções através de bafienta retórica; num país que nos anos 70 continua a veicular-se oralmente repimpado, reclinado, nos Vossas Excelências como se de antiquados «breaks» e trens de tratasse; num país em que nas várias classes sociais, aquando de um luto as pessoas sem posses ficam empenhadas até à medula para comprarem a roupa preta com que dirão aos amigos e vizinhos que tiveram muita pena; num país em que a preguiça mental é fomentada através de obsoletas formas de ensino; e em que se despreza — ou abafa — o que cada um tem de mais pessoal — a sua opinião; num país assim, é natural que as pessoas não se tenham habituado ainda ao desconforto de apurarem sistematicamente qual o seu conceito ... pessoal sobre o mundo que as rodeia e o mundo em que vivem ...

E a propósito de «atenuantes» vêm-me à memória umas emissões de rádio ouvidas há anos em que soldados enviavam mensagens à família. Também aí não vibrava **nenhuma** nota pessoal. Monocordicamente mandavam saudades ao pai, à mãe, e à «esposa». E lembro-me de vociferar: «Mas não estão eles a dirigirem-se aos seus? Então porquê »esposa» em vez do nome da mulher, ou do nome que ele costumava dar-lhe, nome que a individualizasse, que o tornasse por momentos muito próximo dela, e a ela, por graça da invocação, da palavra-senha, muito próxima dele? Porque não uma pergunta sobre o velho amigo que cá ficou, ou sobre o «tareco», o «farrusco», os bichos da casa por quem tinha afeição? A quem satisfará esse organizado realejo de três notas só? Em que é que cada membro da família reconhecerá o «seu» António, o «seu» José, o «seu» Joaquim?» (É que vem de trás esta minha deformação de cuspir sentenças ...)

E continuo: como se vê, o convencionalismo é um mal que neste país alastra por todas as camadas sociais, influenciando atitudes e reacções (influenciando os próprios «sentimentos»?) e atingindo as pessoas no que têm de mais precioso e vital.

É também curioso verificar que os portugueses, «tradicionalmente» tão austeros e espartanos em relação à vida material (mobiliário, adornos), no que toca a vida do espírito se recostam em espessos veludos, fundas poltronas e insonoras alcatifas ... Por isso no tal artigo empreguei a palavra triclínio ...

E para terminar: a verdade é que o meu comentário à carta que trouxe de novo este assunto à baila pode ser banido de todas as palavras escritas e concentrar-se unicamente num ponto de exclamação. Exactamente naquele que coloquei entre parêntesis, no lugar próprio. Sim, porque aquele ponto de exclamação é meu...

LISBOA NÃO OFERECE TRABALHO

O Serviço Nacional de Emprego não regista qualquer oferta de emprego em Lisboa no seu boletim mensal, enquanto o Porto e Faro aparecem com 12 ofertas. Em Tomar há sete ofertas. Mais dez localidades oferecem trabalho, mas o número de ofertas situa-se em seis ou menos.

Os salários oferecidos vão desde 1 500$00 (cozinheiros ajudantes no Porto) a 12 mil escudos mensais (chefe de mesa em Faro).

Lista das ofertas por localidades: Abrantes — electricista de automóveis, mecânico auto, motorista de pesados, serrador de serra de fita; Barreiro — indiferenciados; Chaves — compositor mecânico, encadernadores, estivadores, impressor de lã, marteleiros; Faro — ajudante de «barman», ajudante de cozinha, carpinteiros de limpos, carpinteiros de cofragens, chefe de mesa, electricista, maquinista de britadeira, operador de grua, polidor de metais, pintores da construção civil, serralheiro civil, técnico de rádio e TV; Lamego — armadores de ferro, bate-chapas, electricistas de A.T. e B.T., mecânico auto; Leiria — carpinteiros, fundidores, mecânico auto, pedreiros; Matosinhos — engomadores; Ponta Delgada — afinador de máquinas, carpinteiros de limpos, electricista de B.T., engenheiro electrotécnoco, mecânico auto, relojoeiro reparador; Portimão — auxiliares de enfermagem, canalizadores, jardineiro, professores de alemão, secretário de direcção, técnicos de rádio e TV; Porto — vulcanizador, tipógrafo impressor, tintureiros, medidores de tecidos, impressor serígrafo, fiandeiros de contínuos, fogueiro de lã, estofadores, cortadores de carnes verdes, cozinheiro (a), cozinheiros ajudantes, cardadores de tecidos, batedores; Tomar — bate-chapas, fogueiro, serralheiro civil e de bancada, soldador, tractorista de pá e manobra, vulcanizador; Vila Franca de Xira — pintor auto, mecânico de máquina de carpintaria, marcadores, mandriladores, maçariqueiros, fiel de armazém, caldeireiros; Viseu — armadores de ferro, carpinteiros de cofragens, fundidores moldadores, linotipistas, pintor-auto, vendedores de livros especializados.

DL/GERAL

No momento em que falava Ricardo Rosa Alberty

OS "AMIGOS DE OLIVENÇA" EM PARDIEIROS DE ARGANIL

Olivença lembrada numa rua de Pardieiros de Arganil

Numa festa bonita e de alto significado regionalista, esteve mais alegre, no passado domingo, a localidade de Pardieiros de Arganil. Nasceram duas novas artérias em Pardieiros: as ruas de Olivença e Maria da Nazaré, e isso foi pretexto para «Os amigos de Olivença» e muitos naturais de Pardieiros residentes fora da sua terra ali terem acorrido. Os convidados oficiais e as figuras mais destacadas foram recebidas pelo sr. dr. Fausto Dias que, em palavras repassadas de sinceridade, se referiu ao momento, tocado de maior emoção quando foi descerrada a lápida com o nome de sua mãe (grande benemérita, com a presença sempre ligada a Pardieiros de Arganil) numa das novas ruas. Pelo grupo de Os Amigos de Olivença usaram da palavra os snrs. Ricardo Rosa Alberty e coronel Rodrigo Pereira Botelho. Para termo das celebrações, toda a localidade e visitantes se reuniram num almoço, oferecido pelo sr. dr. Fausto Dias.

Despedimentos sem justa causa no sector livreiro

Mais seis empregados da empresa Expresso-Bloco Editorial foram despedidos sem justa causa no final de Setembro. Pouco antes, a Expresso despedira mais quatro trabalhadores, um dos quais dirigente sindical.

As relações de trabalho naquela empresa livreira foram gravemente afectadas, traduzindo-se nomeadamente no não pagamento de horas extraordinárias e retirada (considerado ilegal) de regalias já adquiridas. O Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa vai procurar, com os meios de que dispõe, lutar com esta situação anómala dentro da referida empresa, tanto mais que se anunciam para breve novos despedimentos. Isto no período de anunciada expansão e crescimento da Expresso.

Covina Assembleia Geral proíbida por sentença judicial

Não se realizou a Assembleia Geral da Covina marcada para ontem às 15 horas, apesar da presença de alguns accionistas, como Lucio Tomé Feteira, drs. Cunha Leal e Silva Resende, para apenas mencionarmos três dos accionistas que mais se têm destacado no decorrer das últimas assembleias; de dois administradores da empresa e dos drs. Bustorff Silva e Joaquim Galo, respectivamente presidente e vogal do Conselho Fiscal. Cerca das 15.30, um funcionário da empresa informou os presentes de que o dr. Correia Guedes, presidente da Assembleia Geral acabava de telefonar a informar que a Assembleia não se poderia efectuar por motivos legais. A Assembleia fora na realidade, proibida por sentença judicial proferida pelo meretíssimo juiz da comarca de Loures numa previdência cautelar requerida pela Companhia Industrial de Vidros Lda.

ASSALTADO O POSTO TELEFÓNICO DO ROSSIO

Informa a Polícia Judiciária que, partindo o vidro da única porta de acesso, indivíuos não identificados introduziram-se, esta madrugada, no Posto de Telefones Públicos do Rossio, onde provocaram danos vultuosos no mobiliário e na aparelhagem técnica, sem que, contudo, tivessem levado qualquer importância em dinheiro.

No mesmo período, e por meio de chave falsa, foi ainda assaltada uma alfaiataria na Alameda Afonso Henriques, 31A, tendo desaparecido gravatas, camisas e cintos, artigos que o proprietário lesado orçou em cerca de oito contos.

A Judiciária, que compareceu em ambos os locais, procede agora às necessárias averiguações.

Ministro de Estado

A manhã pelas 22 horas o ministro de Estado dr. Mota de Campos faz uma comunicação através da RTP sobre o IV Plano de Fomento.

Pesca do bacalhau

Arribou ontem ao porto de Aveiro, procedente dos bancos da Terra Nova e Gronelândia, sob o comando do capitão Juvenal Carlos Fernandes, o navio bacalhoeiro «S. Gabriel», da Sociedade de Pesca Luso Brasileira, Lda.

SEGURANÇA E ACIDENTES

No âmbito das actividades culturais do Instituto Francês de Lisboa, M. Halpern-Herla, director de «L'Organisme National de la Securité Routière», profere hoje, às 21 e 30, na sala de festas do Liceu Charles Lepierre, uma conferência sobre «Problèmes de la sécurité routière et lute contre les accidents en France».

A MORTE DE ALFREDO FERNANDES

Realizou-se esta tarde o funeral de Alfredo Fernandes, há 52 anos funcionário dos serviços administrativos do «Diário de Lisboa». O extinto era casado com a sr.ª D. Maria do Céu da Fonseca Fernandes e contava 63 anos. Após missa de corpo presente, dita na igreja donBeato, o corpo foi transportado para o cemitério do Alto de S. João

À família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

LOTARIA DE HOJE

1.757 — 7.200.000$00
1.572 — 720.000$00
38.973 — 270.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PREMIO

1.756 — 32.640$00
1.758 — 32.640$00

PRÉMIOS DE 24 CONTOS

1.365; 3.224; 5.064; 6.824; 8.637; 8.693; 10.516; 15.778; 16.844; 19.212; 23.051; 28.180; 29.468; 30.084; 31.019; 31.843; 33.808 35.845; 36.002; 37.889; 39.075; 39.522; 44.314; 46.255; 49.691 e 51.920.

PRÉMIOS DE 1.200$00 (CENTENAS)

1.501 a 1.600; 1.701 a 1.800 e 38.901 a 39.000

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 521 são contemplados com 1.920$, em cada bilhete; os terminados em 022, 075, 239, 495, 660, 774, 942 ou 983, são contemplados com 1.200$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 57, são contemplados com 1.200$00 e, os terminados em 21 ou 78, com 720$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 7, têm direito a 480$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 7.200 contos da sorte grande e os 720 contos do 2.º prémio grande foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte.

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

Galerias Roldão

Artigos foto-cine, mobiliário, estofos, objectos decorativos.
AV. ALMIRANTE REIS, 13 E

A arte de tourear

Integrada no ciclo internacional de conferências promovido pela Tertúlia «Festa Brava», o aficionado espanhol conde de Cilombi profere hoje, às 22 horas, no salão de cinema do Palácio Foz, uma palestra sobre «Torear, lidiar y competir».

O conferencista fará também, no sábado, uma charla taurina, no final do almoço oferecido em sua hora, às 13 e 30, na sede da referida agremiação, onde podem ser feitas as respectivas inscrições.

Aproveite a hora do almoço para fazer as suas compras

A POMPADOUR+PERFUMARIA DA MODA

R. GARRETT 28 AV. 5 DE OUTUBRO 51A — R. AUGUSTA 138 R. DO CARMO, 5 — LISBOA

TV — DL/ESPECTÁCULOS

O NOSSO IRMÃO BARRADAS DA SAGRADA CONGREGAÇÃO DO AMOR

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

. Barradas de Oliveira vem fazer queixinhas na televisão, durante o telejornal. Fizeram-lhe mal. Deram-lhe com os pés. Crime insuportável! Está claro que não cita ninguém. Tudo se passa no domínio da alegoria quase pura. Com o Sócrates (meu Deus!, a cultura almanaqueira de certa gente!) com o Sócrates chamado à pedra a propósito daquela história que lhe terá acontecido em Atenas: alguém lhe pisou os calos mas Sócrates não respondeu na mesma moeda. Antes razoou: «Se um burro nos ferrar um coice, não o vamos escoicinhar também».

Daqui facilmente se conclui que Sócrates, para o caso, é ele, Barradas. Ele, Barradas é o filósofo de inalterável serenidade, enquanto a procela estoira à sua volta e há uns «jumentos» a agredi-lo. A agredi-lo a ele, coitado, que não faz mal a uma só mosca, cujo *hobby* é fazer de quando em quando uma cavaqueira de elevads cunhas literárias.

Mais ainda: o cronista filósofo do telejornal apresenta-se agora com as vestes puras do anjo a pugnar pelo Amor, pelo bom entendimento da espécie, e contra o ódio, esse repugnante sentimento tão nefasto à Sociedade.

Ora: contra que ódio se volta ele? E a propósito de quê vem o ódio à baila?

Vem tudo a propósito da propaganda eleitoral. *«Continuamos* — diz-nos — *a ouvir de um lado a oratória serena, comedida, mais expositiva do que declamatória»*.

Escusado seria dizer que lado era aquele. Mas para que não ficassem dúvidas a ninguém, ficou expresso que o tal lado ficava do lado da ANP.

E da outra banda o que nota Barradas?

Contraditoriamente, afirma primeiro que nota *um desgarramento irado e facundo*; afirma depois que *o desgarramento é irado e não facundo*. Na outra banda, ou seja, da banda da CDE, há uma data de coisas e entre elas ódio. Há também ilusões. Ilusões cor-de-rosa. Uma interrogação de olhos redondos: *«Cor-de-rosa ... ou cor-de-fogo?»*

Uma simples pergunta. Uma pergunta sem qualquer maldade. Como se trata de questão de cores, poder-se-á julgar estarmos no domínio do daltonismo. Isso — e não uma acusação diabólica, uma sugestão de Apocalipse para burguês ver, como certa gente maldosa pensará: uma sugestão destinada a criar entre os bons burgueses o medo e o ódio a essa malta da CDE.

Não pode ser. Aquela sugestão de fogo é pura imagem calorífera e fogueiral, tão própria da época. Barradas veste o hábito branco e vem pregar-nos o amor, a compreensão, a luta firme, sim, mas leal, cavalheiresca, amável. Estas palavras vibram estranhamente, como a «Sonata ao Luar» tocada por escaravelhos.

UMA HISTÓRIA DE AMOR DE PLÁSTICO

Ora o grande golpe da noite não era a presença de Barradas, mas sim a história de amor de Eduardo Oitavo por Mrs. Simpson. Mais uma vez, o romantismo exigia os seus direitos. As atenções voltavam-se inteiramente para o romance do rei e da plebleia, na certeza de irem assistir a uma boa xaropada amorosa.

Pessoalmente, estou convencido que o caso inteiro que levou à abdicação de Eduardo Oitavo dava matéria para um riquíssimo filme se estivessem preenchidas um mínimo de duas condições: o filme não ser feito pelos americanos mas sim pelos ingleses, e terem passado pelo menos quatro séculos sobre o acontecimento.

Tal como chegou até nós, a fita foi decepcionante. Tudo muito frio, tudo muito representado ou, como se costuma dizer no futebol, com as jogadas muito denunciadas. Como que se terá pretendido elaborar uma reportagem histórica. As razões da abdicação e as circunstâncias que a envolveram surgem-nos como uma iguaria a que se tivessem esquecido de acrescentar o sal e a pimenta — elementos indispensáveis quando se deseja uma intriga, perdão!, uma comida gostosa. Aos nossos olhos ressaltaram apenas as aparências, sendo certo de que de aparências vivem as razões oficiais, mas não as razões essenciais.

Daqui resultou uma personalidade frouxa, mal construída. A figura de Eduardo Oitavo resulta pouco ... convincente. A tal ponto que a dúvida acaba por surgir: é tudo demasiado simples para ser histórico; é tudo demasiado simplório para ser ficção.

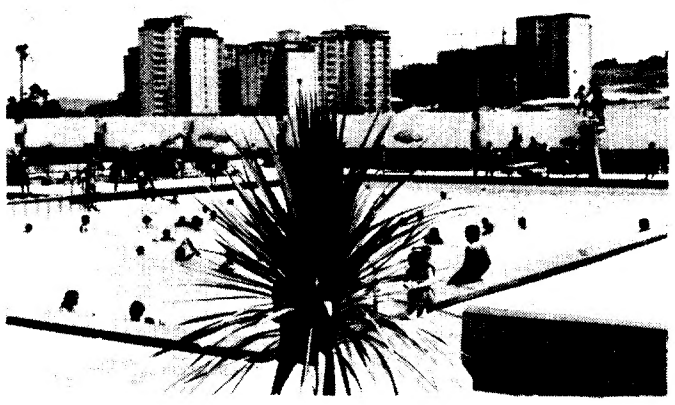
Deste modo, a curiosidade mórbida alimentada pelas histórias fantásticas das marias, terá ficado ludribiada. Certo, a plebeia casou com o rei; o rei tudo abandonou pelo seu amor: este o prato forte, mas às vezes o prato só não chega — o molho também é importante. O molho, no caso vertente, apresentava-se tentador. Faltando isso — tudo faltou.

GRANDE INCÊNDIO EM BEJA

BEJA — Ascendem a cerca de nove mil contos, 1500 dos quais cobertos pelo seguro, os prejuízos causados por um incêndio (considerado um dos três maiores registados nesta cidade nos últimos sessenta anos) que destruiu completamente um grande armazém de madeiras, ferragens e material de construção, bem como uma drogaria anexa, na Rua Brito Camacho, propriedade de Joaquim Veríssimo. Desconhecem-se as causas do sinistro.

Combateram o fogo, que devorou todo o recheio do estabelecimento e ameaçou grandemente os prédios vizinhos, os bombeiros voluntários de Beja, da Base Aérea 11, de Ferreira do Alentejo, Cuba e Aljustrel.

FITTIPALDI CONTRA PETERSON 21 DE OUTUBRO NO AUTÓDROMO DO ESTORIL



Vista parcial do conjunto urbanístico da Reboleira-Sul - Amadora

J.P. IMENTA

Apartamentos Mobilados para Habitação ou Rendimento

Utilize os nossos apartamentos turísticos de CASCAIS e PAÇO DE ARCOS para umas férias inesquecíveis e económicas

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

LISBOA:
Pr. Marquês de Pombal, 15 - Telefs 45843-563083

AMADORA:
Av. Santos Matos, 10 — Telefs. 931953-935115

QUELUZ:
Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021-952022

End. Teleg. SECUL

Edifício-Sede - Queluz:
Av. António Enes, 25 — Telefs. 952021/2/3/4/5

Escritório em Lisboa:
Pr. Marquês de Pombal, 15, 1.º - Tels. 45843-47843

Escritório no Porto:
Rua Campo Alegre, 17, 3.º - Telefs. 693271/28/58

Escritório na Praia da Rocha
Sítio dos Três Castelos — Telefone 24332

AGENTES EM TODO O PAIS

CINEMA DE QUALIDADE

ALFREDO! ALFREDO!

CHACAL

ENSINA-ME A VIVER

Programação Lusomundo/Sonoro

GRUPO D 18 anos

VOTE
acção
nacional
popular

DL/ESPECTÁCULOS

ELVIS DESFEZ O NÓ

O cantor Elvis Presley, de 38 anos, divorciou-se da rapariga americana que conheceu na Alemanha Ocidental em 1959, quando prestava o seu serviço militar como soldado raso nas forças americanas estacionadas.

O divórcio de Presley de sua mulher Priscilla, de 28 anos, depois de seis anos de casamento, foi concedido com fundamento em **diferenças irreconciliáveis.**

O advogado de Priscilla disse que a sua constituinte obterá mais de dois milhões e dólares e que metade dessa quantia será paga agora e a outra metade num prazo de oito anos.

Além disso, Elvis pagará à sua ex-mulher uma pensão mensal de auxílio de 4200 dólares e uma quantia igual para educação da única filha do casal, Lisa, agora com cinco anos.

Elvis e Priscilla casaram-se em Las Vegas em 1967 depois de um namoro que durou oito anos. Priscilla, que em solteira tinha o apelido de Beaulieu, era enteada de um oficial do exército que prestava serviço na Alemanha Ocidental.

Professores de dança

No interesse da normalização da situação dos professores de dança o Ministério da Educação Nacional delegou no Conservatório Nacional a organização de provas de qualificação de professores de Bailado.

Após estas provas, os candidatos qualificados terão preferência no provimento de lugares em escolas oficiais e oficializadas, sendo também recomendados às demais escolas.

As provas, que serão presididas por um júri internacional realizar-se-ão na 3.ª semana de Dezembro, em data a designar.

Os interessados deverão inscrever-se até ao dia 15 do corrente na secretaria do Conservatório Nacional, onde também é fornecido o regulamento destas provas.

CASALS RECUPERA

Pablo Casals, o violoncelista tem estado a recuperar bem do ataque cardíaco que sofreu há duas semanas, quando em casa de uma amigo se entretinha a jogar o dominó — anunciou a mulher do artista.

"PRIMEIRO ACTO" REUNEM ASSEMBLEIA

Realiza-se no próximo sábado, dia 13, pelas 21,30, em Algés, com seis meses de atraso, a Assembleia Geral Ordinária do «Primeiro Acto-Clube de Teatro», cuja convocação foi sucessivamente protelada a pedido da Direcção.

Considerando que decorridos mais de dois anos sobre a sua eleição a Direcção não conseguiu montar qualquer peça no Clube, limitando-se a apresentar alguns espectáculos de «importação», e atendendo a que o seu mandato termina em Abril do próximo ano, os sócios do PACT, interrogam-se quanto à necessidade da imediata substituição do elenco directivo, uma parte do qual se encontra, aliás, demissionário.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

10.ª Secção de Actividade «INDÚSTRIA QUÍMICA»

Sector «PRODUTOS QUÍMICOS PARA A AGRICULTURA E INDÚSTRIA»

AVISO

Efectuam-se no próximo dia 12 (sexta-feira), às 21 horas nas instalações do Sindicato na Rua do Alecrim, 46-1.º uma reunião para apreciação e discussão da **REVISÃO DO C. C. T. «PRODUTOS QUÍMICOS PARA A AGRICULTURA E INDÚSTRIA».**

A PRESENÇA DE TODOS É IMPORTANTE!
CONTAMOS CONTIGO!

A COMISSÃO DIRECTIVA

Em Itália, se alguém lhe bater à porta e disser: **permesso?**

...ponha-se 'a pau' antes de dizer: **Avanti!**

JACK LEMMON · JULIET MILLS

Avanti!

amor à italiana

deliciosa comédia de BILLY WILDER

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

HOJE ESTREIA

Às 21.30

SÃO JORGE — PROGRAMA 10 RANK — RANK FILMES — COR DE LUXE — United Artists — GRUPO D 18 ANOS

EXTERNATOS

São Vicente
Rua Edith Cavell, 8
(Ao Chile) Tel. 83 14 16

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74/5

PREPARATÓRIO — LICEAL
COMERCIAL — ADM. INSTITUTOS
— ADM. UNIVERSIDADE —
MANHÃ — TARDE — NOITE

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A
Rua Angelina Vidal, 63 | Lisboa

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

TEATRO

TEMPORADA DE TOULOUSE

O director do Centro Nacional de Arte Dramática «Le Grenier», de Toulouse, anunciou já o programa a apresentar durante o primeiro trimestre da próxima temporada. Ente outras serão representadas as peças «Antígona» de Sófocles, «A Vida de Galileu» de Bertolt Brecht e «A Madona do Lixo» de André Benedetto, todas em língua de Oc e a cargo da companhia do «Theatre Des Carmes» de Avinhão.

FESTIVAL DE BERGÈRE

O Festival Internacional de Bergère atribuiu três Grandes Prémios «ex-aquo» às peças «Lear» de Edward Bond, representada pela companhia «Schiller Theatres», «la Cour Villageoise», de Frank Xavier Kroet, pela companhia alemã «Deutsches Schauspielhaus», e «La Maison De Mon Pere», de Eugénio Barba, peça representada por uma companhia dinamarquesa. «Fracasse» representada pela companhia do «Theatre Du Cothurne» de Lyon, foi uma das peças igualmente distinguidas pelo júri do Festival Internacional de Bergère.

«THE BEVELLERS»

A «Royal Lyceum Theatre Company», de Edimburgo, tem em representação no «Shan Theatre» de Londres a peça de Rody Mc. Millau «The Bevellers». Entre outros, figuram como intérpretes Leonard Maquire e Andnen Byatt.

«THE FARM»

O Teatro «Royal Court» de Londres tem em cena a última peça de David Storey, que se intitula «The Farm».

A acção do drama gira em volta da vida, tensões e amores de uma família, sendo intépretes Bernard Lee, Patricia Heeley e Frank Grimes.

PINTOR BRASILEIRO

Está patente ao público na Galeria Opinião uma exposição de guaches do pintor brasileiro Anísio Dantas, que pode ser visitada todos os dias úteis das 10 às 20 horas, até 27 do corrente.

TEATRO BRASILEIRO PARA OS NOSSOS PALCOS

Actores, dramaturgos e críticos de teatro compareceram ontem ao fim da tarde no «foyer» do cinema do Palácio Foz a fim de assistirem ao lançamento e distribuição da Colecção de Dramaturgia Brasileira com que a Embaixada do Brasil em Lisboa «brindou» a pouca desenvoltura dos nossos palcos...

Autores como Ariano Suassuna (que se não lembra de «O Auto da Compadecida»?), Castro Alves, Machado de Assis e José Alencar foram entregues a grupos de teatros amadores e profissionais.

Presidiu ao acto o dr. Caetano de Carvalho, director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, encontrando-se presentes o ministro Fantinatti Neto e o dr. Gladstone Chaves e Melo, respectivamente encarregado de Negócios e adido cultural daquela Embaixada.

Alguns nomes, em animado diálogo, no «foyer»: prof. Hernâni Cidade, Luis Francisco Rebelo, Luis de Oliveira Guimarães, Ivo Cruz, Amélia Rey Colaço, Igrejas Caeiro, Varela Silva, Alexandre Vieira, etc..

«Foi dado mais um passo na concretização dos objectivos da Comunidade Luso-Brasileira» — afirmou o adido cultural. O dr. Caetano de Carvalho também disse que sim — e todos se congratularam com a oferta de tantos e tantos livros.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eusébio Ferreira Carvalheiro — MARINHA DAS ONDAS

1ª Exposição Audemars Piguet e Omega

Veja no Hotel Ritz
de 11 a 14 de Outubro
as maravilhosas obras de arte
e os relógios-jóias
das colecções:

Audemars Piguet

Omega

Omega joalharia

Tissot

Tissot joalharia

e as obras de arte de

Grima

Gilbert Albert

e a colecção

Emeraude

DL/NACIONAL

O QUE É A PÁTRIA?

—perguntou (e respondeu) J. Tengarrinha na sessão da CDE na Amadora

«Por pressão irresistível das forças populares e por perder cada vez mais a razão o Regime é obrigado a refugiar-se no campo da ilegalidade...», começou por afirmar o candidato da CDE da Lisboa, José Tengarrinha, durante a sessão de propaganda realizada ontem à noite, na Amadora, nas instalações da sede local do Movimento.

A afirmação daquele candidato baseava-se nas «actuais restrições impostas à Oposição e inexistentes durante a campanha eleitoral de 1969».

«Quando se conversa com os representantes do Governo Civil — prosseguiu José Tengarrinha — uns como mandatários da lista outros como responsáveis da Comissão Eleitoral, repetidamente temos perguntado em que lei é que se apoiam. Não recebemos até agora uma única resposta».

E pergunta: «Digam-nos qual é a disposição legal que só permite que sejam os candidatos a falar? Digam-nos qual é a lei que permite a interrupção das sessões só porque se fala no mais importante problema nacional: a guerra?»

UMA OPINIÃO AUTORIZADA

Aplaudido com frequência pelo público que superlotava as duas salas (rés-do-chão e cave) da sede da Amadora, e que lá se manteve até ao final, apesar do calor, que encheu as paredes e o tecto de água e fazia pingar os rostos — Tengarrinha referiu-se a seguir «à razão pela qual a política africana portuguesa é objecto de tanta inqueitação por parte do Governo».

«Dizem — continuou o candidato da CDE — e este é o argumento infantil, que não se discute a Pátria. Digam-me uma coisa: o que é a Pátria? Então a Pátria não é o país onde nós vivemos? A Pátria não são os problemas que nós sentimos? A Pátria não são as dificuldades quotidianas? A Pátria não somos nós portugueses, juntos na nossa terra, a discutir e a tentar resolver os problemas comuns? Então se isto é a Pátria porque não discutir largamente o grande, o primeiro, o maior problema que neste momento aflige a terra portuguesa que é o da guerra em África?

De improviso e em tom coloquial — «é serena e racionalmente, fugindo à demagogia e à emoção, que isto se deve analisar» — José Tengarrinha prosseguiu falando da política africana do Governo e referindo-se à 2.ª fase «post-salazarista»:

«Marcello Caetano, professor de Direito, um pouco menos fora dos problemas e inquietações dos seus dias, não completamente refugiado numa torre de marfim, tentou arranjar justificações mais racionais — mas que acabaram pseudo-racionais —, para a política africana portuguesa: Justificações estas mais ou menos articuladas em argumentos antigos».

E começou a expor as cinco razões mais apontadas pelo actual Governo: «O primeiro é o de que em África se está a decidir a sorte da Civilização Ocidental... Meus amigos, é um argumento tão forte, tão forte, que nenhum país da Civilização Ocidental até agora acreditou nele. E tanto assim, como sabem, que nos são contrárias as votações que têm sido feitas na ONU. Igualmente alguns dos maiores e mais antigos aliados de Portugal tiveram em sobejas ocasiões oportunidade de referir que esse argumento não convencia ninguém.

A seguir: «O segundo argumento é de aquelas terras é como se fossem províncias. É como se Macau fosse a mesma coisa que o distrito de Beja, ou a província de Trás-os-Montes.

Sobre isto citarei uma opinião autorizada. Quando em 1951 o Governo presidido por Salazar enviou para a Assembleia Nacional e para a Câmara Corporativa um projecto de que saíria o Acto Colonial, apenso à Constituição, foi proposto que aquilo que se chamava Império Colonial Português se chamasse Ultramar e a designação colónias fosse substituída por Províncias Ultramarinas. Nessa altura, a Câmara Corporativa entendeu, por razões geográficas, étnicas e morais, que tais alterações nominais não tinham sentido.

Refere depois o terceiro argumento: «Dizem: temos que defender a integridade da Nação. Ora, conforme número e relatórios — apesar destas coisas não serem naturalmente muito divulgadas —, sabe-se como são cada vez mais predominantes as posições do capital estrangeiro em Angola e Moçambique, e pode dizer-se que em larga medida o colonialismo assumiu a forma duma cobertura dos grandes monopólios internacionais, e a política do Governo, favorecendo cada vez mais as posições naqueles territórios dos capitais estrangeiros, tem evidentemente o propósito de obter apoios internacionais para a sua política africana. Estranha forma esta de ser patriota e de manter a integridade nacional.»

AS DESPESAS DA GUERRA

A propósito do argumento seguinte de «que é uma política de desenvolvimento dos territórios afrianos a que prossegue o Governo», José Tengarrinha citou o testemunho de técnicos alemães e italianos acerca do projecto de Cabora Bassa: «A fase levada a efeito até agora não é muito difícil. Obriga apenas a uma forte militarização em torno da área da barragem. A partir de agora, porém, máquinas caríssimas, extremamente delicadas, vão começar a ser transportadas para lá. E as máquinas ou equipamentos desse tipo que sejam sujeitos a qualquer atentado, ou por qualquer outra razão se destruam, significará, isso um atraso de meses, pois não é fácil arranjar logo substituto. Com isto quero dizer que técnicos alemães da Siemens e da Telefunken já algum tempo chegaram à conclusão de que assim levará anos e anos a magnífica obra de Cabora Bassa. E mesmo que a energia venha a ser transportada, para onde o será? É precisamente a África do Sul que está mais interessada neste projecto, e não o pretenso desenvolvimento de Moçambique, pois a barragem fornece energia muito superior às eventuais necessidades de Moçambique. E o Governo português está interessado em fornecer essa energia para de certo modo comprar ou obter apoio militar da África do Sul.»

Voltando à mudança de orientação de Governo no tocante às actuais restrições eleitorais, não havidas em 69, aquele candidato sublinhou que «eram idênticas nessa altura as posições agora assumidas pela CDE face à guerra».

E mais adiante: «Em entrevistas com jornalistas estrangeiros o Governo dá com frequência a entender que a sua política é apoiada pelo povo português. Eu pergunto: se é assim, se é de facto tão claro, porque é que não há debate público, porque é que não se pergunta ao povo português se diz que sim ou não à guerra de África?»

A propósito de que «a perda dos Estados africanos seria um prejuízo económico irreparável para Portugal», José Tengarrinha baseado em «pareceres de economistas, balanças comerciais e outros dados à nossa disposição», continuou:

«Não é assim. As matérias-primas chegam cá aos preços internacionais ou superiores. Apenas algumas actividades têm um importante mercado em Angola e Moçambique mas estão a perdê-lo porque tais indústrias são as primeiras que lá se vão implantando. As utopias de colocar os excedentes demográficos foram desfeitos pelo povo que preferiu emigrar para França. E quanto à aplicação de fundos devo notar como são escassos no País e o seu rendimento fraco. Só para grandes grupos portugueses, e apenas alguns, ligados a estrangeiros e vendendo a estes o apoio das autoridades portuguesas, é que a perda desses territórios seria irreparável. Simplesmente, os lucros obtidos por esses grupos portugueses em nada contribuem para o bem-estar do povo português».

«O povo português — prosseguiu Tengarrinha — vem tendo cada vez mais consciência da gravidade do problema, sentindo-o na carne.

Lembrando a seguir a inexistência de liberdade de Imprensa, pelo Estado de excepção, o desprestígio e isolamento internacional e referindo a visita do Presidente do Conselho a Londres e o abandono da sala por parte de setenta delegados doutros países quando o ministro português dos Negócios Estrangeiros discursava na ONU, além das consequências morais e materiais da guerra — o orador sublinhou que «nunca como agora Portugal esteve tão desprestigiado internacionalmente».

«Condições de trabalho cada vez mais duras, despedimentos cada vez mais frequentes, congelamento de salários a provocar a diminuição do poder de compra do trabalhador — os salários são congelados mas os preços não, pois é a forma dos interesses monopolistas poderem aumentar e consolidar os respectivos lucros —, desrespeito por parte das entidades patronais das mais elementares cláusulas da Lei do Trabalho, aumento de produção a partir de horas extraordinárias com violação dos horários legais dos trabalhadores, alargam-se as empreitadas e multiplicam-se as multas e castigos, conjugando-se tudo isto com uma crise inflacionária que atingiu os mais altos níveis da Europa».

O Turismo e as remessas dos emigrantes são causas particulares desta situação, pois a fundamental, a decisiva, é sem dúvida a guerra.

Mais adiante, disse o candidato da CDE: «A vertiginosa subida de preços, particularmente sensível nos produtos alimentares, nas rendas de casa, e nos transportes recai de facto sobre a grande massa da população trabalhadora, significando um muito sério agravamento das suas condições de vida».

Referiu ainda a crescente concentração económica e o seu significado relativamente às pequenas e médias empresas, tendo em seguida acentuado a posição do Governo frente «à maior agressividade da Oposição desde o Congresso de Aveiro», como reflexo do que «o Governo não pode, não é capaz de analisar os problemas com a nitidez com que eles são postos e equacionados pela Oposição Democrática Portuguesa».

Mais adiante: «Outra afirmação de fazer embalar bebés é a de que o Partido Comunista está atrás disto tudo, meus senhores, são os bolchevistas, eles estiveram por trás do Congresso de Aveiro, estão por detrás da Oposição Democrática... é realmente de embalar bebés, mas perante o descontentamento cada vez maior de largas camadas da população é lógico que o Governo acabe por sentir que a Oposição se torne «incómoda, insuportável, e para limitar a sua acção seja obrigado a cair no domínio da arbitrariedade e da ilegalidade».

José Tengarrinha terminou com um **viva** ao Socialismo, no meio dos entusiásticos aplausos dos presentes.

Falaram ainda durante a sessão os candidatos Pedro Coelho e Carlos Carvalho e Vítor Dias, que se referiu à ameaça da CDE, conforme a nota anteontem emanada do Governo Civil de Lisboa, tendo concluído: **«não basta que seja grande o descontentamento popular, que seja grande o descontentamento do regime e que seja uma farsa esta campanha eleitoral. Precisamos de persistir unidos e organizados, precisamos que cada um dos que vêm às sessões sejam porta-vozes dos ideais democráticos e agentes da transformação desta sociedade. Muitos são os campos de luta. No movimento democrático cabe toda a gente que queira lutar pelo bem do nosso povo».**

À saída não houve incidentes não se tendo registado qualquer intervenção das forças policiais presentes à saída e nas imediações da sede da CDE.

Um depoimento de Urbano Tavares Rodrigues

Apelo à consciência democrática

Está aberta a campanha eleitoral. Uma das batalhas mais duras, difíceis, resvaladiças que jamais a Oposição Democrática travou com as forças situacionistas, empenhadas em anular-lhe, visivelmente, a eficácia.

São muitos os obstáculos à comunicação, à aberta discussão dos problemas nacionais que o Movimento Democrático considera capitais e dos quais depende o futuro de Portugal, o seu bom nome entre as nações que acatam a Carta dos Direitos do Homem, o seu progresso, a sua marcha para a justiça, para a dignidade civil, que está intimamente ligada ao respeito pelas liberdades públicas, pela livre expressão do pensamento, pela libertação económica das classes trabalhadoras.

Há que ter em conta neste momento a situação caótica do País: a extensão assustadora do surto migratório, o abandono dos campos, a dramática perspectiva do pequeno comércio, o desaparecimento ou a degradação da classe piscatória, o fracasso do **boom** turístico, pela carência de infra-estruturas convenientes; a inflação a morte lenta dos grandes agregados populacionais, pela desenfreada poluição; a falta de uma adequada política de construção e a consequente situação de descontentamento dos inquilinos, agravados com aluguéis astronómicos (e até a posição ingrata de alguns senhorios, em relação aos especuladores da última hora).

Há um clima de protesto

Ora — e é precisamente isso que vimos aqui recordar — a Oposição Democrática está bem longe de se confinar aos limites do campo que abertamente se opõe à política do Estado de outrora chamado «novo» agora não menos pitorescamente chamado «social». Eis a razão por que dirigimos aqui este apelo aos milhões de portugueses de consciência democrática que veementemente discordam da política de privilégio classista do actual regime.

A esses portugueses nos dirigimos. Aos lisboetas para que, sem hesitação, sem medo (que só poderia de futuro amargurar-lhes ainda mais a existência escrava) se pronunciem inequivocamente pela CDE; aos que vivem em Coimbra, no Porto, em Santarém, em Évora, nos outros distritos onde a luta clara deve iniciar-se, para que igualmente gritem, desde já: «Presente!». Aos democratas daqueles distritos que entenderam por bem não participar na campanha eleitoral para que não se alheiem do combate ideológico. Este desencadeia-se efectivamente em toda a parte onde, nestes dias de verdade (limitada) e de risco, permanente, se afrontam radicalmente as forças do progresso e as da reacção.

Portugueses, democratas, de pé!

NA SESSÃO DA A.N.P EM TOMAR

O eng.º Amaral Netto no uso da palavra

DL/NACIONAL

ELEIÇÕES 73

CANDIDATOS DA A.N.P. FALARAM EM PORTO DE MÓS

Os candidatos da ANP pelo círculo de Leiria foram apresentados em Porto de Mós, no decorrer de uma sessão presidida pelo eng.º Lemos Proença, o qual aproveitou a ocasião para fazer algumas considerações sobre o acto eleitoral.

O primeiro orador, o candidato Manuel Santos Barosa, referiu-se especialmente à importância do desenvolvimento industrial para o progresso do país e à acção desenvolvida pelo Governo de Marcello Caetano nos domínios da regulamentação do trabalho e da promoção social dos trabalhadores agrícolas e da indústria. Destacou também a crescente importância que vem assumindo a participação da mulher na vida cívica. Prometeu que a ser eleito pugnaria com todo o empenho pela defesa dos interesses do país e do distrito de Leiria em especial, procurando assim contribuir para o progresso e bem estar das populações.

Falou seguidamente o dr. Silva Pinto que se ocupou da política do Governo em geral, detendo-se na análise da acção desenvolvida nos últimos cinco anos sob a égide de Marcello Caetano nos domínios político, cultural, social e económico, com promenorizadas referências à execução do III Plano de Fomento e a medidas inscritas no próximo Plano. Falando de improviso e frequentemente interrompido por aplausos da assistência, o dr. Silva Pinto, ao ocupar-se dos equipamentos colectivos, confirmou que fora já adjudicada a obra de construção do pavilhão desportivo-recreativo da Casa do Povo de Porto de Mós, cujos trabalhos deverão iniciar-se ainda durante o presente mês.

A terminar a sessão, falou o dr. Armando Gonçalves, presidente da Comissão Concelhia da A.N.P., que ao referir-se ao dr. Silva Pinto o considerou o candidato por Porto de Mós. Salientou a importância do momento político tendo feito o apelo a todos os presentes para que consciencializem a população sobre a necessidade de acorrer às urnas determinando-se perante a grande opção que lhe é posta face às duas listas de candidatos em presença.

Protesto da comissão de Imprensa da oposição do Porto

A Comissão de Imprensa do Movimento Democrático do Porto enviou o seguinte documento:
do Porto enviou o seguinte documento:

A Comissão de Imprensa do Movimento Democrático do Distrito do Porto tem conhecimento de que a Comissão de exame prévio desta cidade está a impedir a publicação pelos órgãos de Informação da esmagadora maioria dos comunicados da presente campanha eleitoral; que as intervenções dos candidatos em sessões públicas são objecto de cortes deturpadores do próprio pensamento dos candidatos e que os directores dos jornais diários receberam instruções para que qualquer intervenção referente à guerra colonial seja sintetizada na seguinte expressão anódina «o candidato referiu o problema ultramarino». Em contrapartida, as sessões, os comunicados e declarações dos candidatos da A.N.P. são liberrimamente noticiados. Tais factos e tal disparidade de tratamento contraria a tão proclamada igualdade de condições e comprova que o Governo não está de forma alguma interessado na seriedade do processo eleitoral pois que lança mão de todos os meios para impedir que o povo português ajuíze livremente dos propósitos das diversas candidaturas e procura encaminhar a opinião pública para uma só opção, a da A.N.P., que é, evidentemente, a do Governo.

Assim, a Comissão de Imprensa do Movimento Democrático do Porto manifesta o seu veemente protesto por tais factos e espera que adopte imediatas medidas conducentes a um igual tratamento para todas as candidaturas que intervêm na actual campanha eleitoral.

A Comissão de Imprensa do Movimento Democrático afirma ainda que procurará denunciar por todos os meios ao seu alcance, a repressão de que está a ser objecto a informação acerca das candidaturas democráticas do distrito do Porto.»

Um esclarecimento do Governo Civil do Porto

PORTO — Recebemos do Governo Civil, com o pedido de publicação, a seguinte nota:

«Porque diversas notícias e comunicados, relativos à Chamada Oposição Democrática do Porto, poderão induzir o público em erro sobre determinados pontos, se esclarece o seguinte:

«1. Têm sido rigorosamente, por igual, tratadas as duas candidaturas aceites

«2. Nas sessões públicas de propaganda eleitoral para a realização dos quais, contrariamente ao que é dito, tem havido a maior tolerância e facilidades nas exigências burocráticas, se tem procurado circunscrever a intervemção aos candidatos, para além dos respectivos presidentes, em virtude da lei determinar que a campanha seja por eles conduzida dentro de cada círculo, no entendimento de que essas sessoes se destinam ao esclarecimento do eleitorado sobre a personalidade e pensamento daqueles mesmos candidatos, em relação aos quais, em total liberdade, deverá recair a escolha dos eleitores.

«A defesa dessa liberdade implica que não intervenham outros cidadãos, pois não só desviariam para si as atenções, como não estariam em condições de vincular as futuras atitudes dos deputados eleitos. Nada obsta, no entanto, a todo o trabalho de apoio por parte das comissões eleitorais.

«3. Não têm sido autorizadas as presenças de menores às sessões públicas por não lhes dizerem respeito visto não terem capacidade eleitoral.

«4. A autoridade policial só uma vez entrou nas instalações da actual sede da O.D.P., quando ainda não havia qualquer comunicação oficial sobre a sua existência, nem constituida a sua Comissão Eleitoral, a qual só veio a constituir-se no passado dia 8 do corrente mês, tendo de ter-se como ilegal e ser por isso dissolvida uma reunião política que não estava comunicada. Outra intervenção, se assim se lhe pode chamar, apenas se destinou a entrega de uma notificação sobre cartazes e dísticos afixados na referida sede e expostos para o exterior.

«5. Determinados grupos arrogam-se a designação e competência de comissões eleitorais concelhias, de sector e socioprofissionais quando, apenas, poderá existir uma Comissão eleitoral distrital por cada candidatura, nos termos do art. 25.º do Decreto-Lei n.º 37 570, com a redacção constante do Decreto-Lei n.º 49 229. Entende-se, conforme nota já publicada, dimanada do Ministério do Interior, que de entre os seus membros poderá a Comissão Eleitoral, isso sim, constituir delegações nos concelhos e até nas freguesias, mas para esse efeito terá, como é evidente, de comunicar expressamente à competente autoridade a sua composição, com a indicação dos respectivos nomes, a fim de serem reconhecidas como tal. De outro modo não poderá atribuir-se qualquer legitimidade aos comunicados desses grupos, nem licitude ao funcionamento de pretensas sedes».

Datada de ontem a nota transcrita é assinada pelo major Paulo de Gouveia Durão, governador civil deste distrito.

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

VEIGA SIMÃO: TRÊS DIAS EM FRANÇA

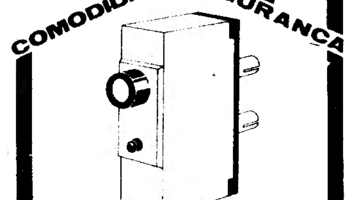
A chegada do ministro da Educação Nacional está prevista para esta tarde. O prof. Veiga Simão acaba de fazer uma viagem de estudo de três dias a França, onde teve oportunidade de contactar com o seu colega francês e observar as condições em que é ensinado em França o português. No seu último dia em território francês acompanhado do secretário de Estado da Educação Nacional Francesa, o ministro Veiga Simão assistiu a aulas de Português, visitou na Universidade de Rennes a unidade de Pedagogia que se especializou no ensino do Português, deslocando-se depois ao Instituto Português da Sorbonne. A noite o ministro francês da Educação, Joseph Fontanet, ofereceu a Veiga Simão um jantar num grande hotel parisiense. Joseph Fontanet anunciou que foram criadas mais 100 secções de Português e aberto concurso para professor do liceu da disciplina de Português.

Veiga Simão, por seu lado, insistiu no parentesco entre as culturas portuguesa e francesa. «A imigração portuguesa — declarou a dado passo — escolheu a França como principal país de acolhimento, entre condições iguais, oferecidas em vários países, foi a proximidade das nossas culturas que interveio».

O ministro português insistiu na necessidade de estruturas educativas de acolhimento em França e pôs em relevo os esforços que já foram feitos. «Actuamos de forma a que a língua e a cultura francesa façam parte da formação do português médio. Desejamos que os intercâmbios culturais e científicos se vão alargando entre os nossos países, em todas as formas de expressão da cultura». Veiga Simão insistiu nos esforços levados a cabo em Portugal a favor da educação «base»; indispensável da dignidade e da liberdade humanas, que queremos fazer reinar no nosso País. (DL/FP).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto da Silva, R. Antero de Quental, 15 — AMADORA

NOVO HORÁRIO
PARA MELHOR SERVIR O PÚBLICO E O TURISMO FUNCIONAMOS ININTERRUPTAMENTE DURANTE O DIA
ABERTO DAS 09,30 ÀS 19H. DE SEGUNDA A SEXTA
Aos sabados das 09,30 às 13h
NORTUR-PM TURISMO
Rua Barros Salgueiro, 8
Tels. 58722-58785-58791
58874-58875
LISBOA
TEMOS MILHARES DE PASSAGEIROS DE EXPERIÊNCIA!

BBC BROWN BOVERI
utilize na sua casa ...
... OS INFUSÍVEIS pico-STOTZ


Substituem os fusiveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO
PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS
Distribuidores:

ATENÇÃO! TOMAI BEM ATENÇÃO!
SENHORAS—CAVALHEIROS
Liquidação até ao fim deste mês, a partir das 10.30 h. de sensacional lote de calças de veludo do mais moderno: boca de sino e rectas em várias cores.
Para todas as idades «Unisex» aos preços módicos de 135$00 a 170$00. Cortes de fazenda em pura lã, Terilyne, Orllon e Alpaca de 350$00 a 450$00. Malhas e «tailleurs», etc., etc. Não perca mais uma das grandes oportunidades.
RUA DOS CORREIROS, 179 - 3.º — TELEF. 3 56 38
(Junto à esquina de Santa Justa em Lisboa-2)
ÀS QUARTAS-FEIRAS SÓ ATENDEMOS DEPOIS DAS 17 HORAS
ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS VÁ VER PARA CRER, COMO SÃO TOMÉ

POLÍTICA
—hidra de sete cabeças e veneno que nunca mais sai do corpo e da alma onde penetre—
POLÍTICA
Um novo livro de Oliveira e Castro
NAS LIVRARIAS

Sá de Miranda
EXTERNATO ● SEMI-INTERNATO
CICLO PREPARATÓRIO — LICEAL
★ INEXCEDIVEL CORPO DOCENTE
★ INSTALAÇÕES FUNCIONAIS
★ AMBIENTE DE ESTUDO
★ MAXIMO APROVEITAMENTO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secrt. 45310 — Direcção 537532

ARQUITECTO JOÃO DE BARROS ALVES CAETANO
A FIM DE EVITAR CONSTANTES MAL ENTENDIDOS INFORMA QUE NADA TEM A VER COM A EMPRESA J. CAETANO, LDA.

SESSÃO DEMOCRÁTICA EM LISBOA

"País de senhores e servos"

A sessão eleitoral da CDE, ontem à noite no Vox, terminou cerca das 23 horas quando a PSP, desligou o microfone impedindo a continuação da intervenção do candidato Pedro Coelho, cujas últimas palavras foram: **Não, companheiros. Nós estamos livres das miragens eleitoralistas. Viemos às «eleições» para difundir as nossas ideias sobre a democracia e sobre o socialismo**

A sala do Vox encontrava-se esgotada antes mesmo do início da sessão. Cerca das 21.30 ainda milhares de pessoas procuravam de algum modo entrar. No entanto, a grade da porta principal daquele cinema foi descida e as autoridades não permitiram a entrada de mais ninguém, argumentando que as próprias coxias estavam já repletas.

Embora o representante da PSP tivesse considerado encerrada a sessão, quer os candidatos quer os presentes deliberaram ali permanecer. **A sala foi alugada até às 24 horas** — gritou (não havia microfone) Pedro Coelho. A última hora da reunião decorreu, entretanto, com intervenções e canções dos presentes. As 24 horas saíram todos. Não se registaram quaisquer incidentes, não tendo havido portanto intervenção das forças policiais colocadas à saída.

Nós dizemos não. Dizemos não à exploração do povo, à carestia da vida, à humilhação dos trabalhadores, que ou emigram para o estrangeiro ou passam mal na terra que é sua, que é sua pela força do seu trabalho, pelo sofrimento que lhe dão e que mais sua há-de ser quando cair o regime — afirmou a dada altura da sua intervenção, o candidato João Sequeira Branco, motorista de táxi.

Antes de dizer que **vivemos num país de senhores e servos e não são os sorrisos que disfarçam essa realidade**, aquele representante da C. D. E. de Lisboa referira-se ao 5 de Outubro como **data de uma revolução popular, feita pelo povo de armas na mão e que poderia, deveria ser autenticamente democrática se a burguesia não a tivesse empalmado. Nós somos hoje os legítimos continuadores dessa luta pela liberdade.**

Afirmando depois a inexistência de **direito à greve** o orador continuou: **Onde é que travamos a luta? Em circunstâncias bem difíceis, mas sem desânimo e com a certeza de que hoje, amanhã ou depois a revolução das ideias democráticas triunfará e o socialismo será instaurado em Portugal.**

A propósito das eleições no seu sindicato, Sequeira Branco referiu a **derrota das listas da comissão administrativa** e que **apesar disso foi homologada** (tudo sublinhado: **que significa isto senão falsidade, senão mistificação, senão o triunfo da força das consciências vendidas?**

A concluir: **havemos de transformar, custe o que custar, esta terra que é de todos nós. Viva a liberdade, viva Portugal, viva o socialismo.**

PARALELO

Intervindo a seguir, Luísa Amorim começou por afirmar: **Amigos, tal como aconteceu na Alemanha nazi, a União Nacional já tem a sua cartilha.**

A propósito ainda da última colectânea de discursos do Chefe do Governo, a candidata da CDE de Lisboa prosseguiu:

O chefe da ANP escreveu na sua cartilha:

«A condição do trabalho mudou radicalmente. Hoje o problema já não consiste em favorecer a associação dos trabalhadores para permitir a estes, maior poder de negociação face à força do capital.»

Efectivamente o que tem feito o governo é combater as associações dos trabalhadores. O chefe da ANP afirma também «Em Portugal nunca tivemos um verdadeiro capitalismo». **Na verdade, ele tem razão.**

Depois de apresentar uma série de dados estatísticos que levavam à conclusão de que a situação actual de Portugal no continente europeu é pior do que aquela em que se encontrava em 1936 afirmou:

«Posto diante destes números o português curva a cabeça amargurado».

O chefe da ANP afirma:

«As pessoas são a grande riqueza de uma pátria, e sem gente, suficiente e capaz, não há progresso possível.»

Como é que se conciliam estas palavras, com o facto de 1.200.000 portugueses terem sido obrigados a procurar em terras estranhas o que não conseguem obter na sua própria pátria? Não será tal facto uma terrível prova da incapacidade do regime para resolver os problemas do povo português?

EXAME PRÉVIO

Mais adiante:

O chefe da ANP afirmou:

«Reformou-se a organização sindical, para a autonomizar da tutela do Governo, e instituí-se um melhor sistema de contratação colectiva».

Entre as palavras e a realidade existe um mundo infinito. Então, o que significam a introdução de comissões administrativas, a impugnação de listas, a prisão de dirigentes sindicais, a proibição de assembleias.

A existência de um tribunal arbitral em que o presidente é nomeado pelo governo e que vota sempre ao lado do representante do patronato, a não homologação de C.C.T., etc., etc.?

O que é que significa tudo isto?

Não representará, em actos, um esforço para aumentar a tutela governamental em benefício dos capitalistas?

Não significará a existência de um sistema de contratação colectiva que não está de acordo com os interesses dos trabalhadores?

«Promulgou-se nova lei de Imprensa». **Mas não se terá ela limitado a substituir o regime de «Censura» pelo de «Exame Prévio»? E qual a diferença entre um e outro?**

Gonçalves André referiu-se na sua intervenção a problemas sindicais e leu a intervenção de Vilaverde Cabral, sobre a política externa portuguesa.

Foram feitas após encerramento das portas do cinema várias prisões pela P.S.P. e D.G.S.

A sessão no cinema Vox

Pequim não reconhece o embaixador fiel a Allende

PEQUIM — (R) — O Governo chinês informou o embaixador chileno em Pequim — que se mantém fiel ao Governo de Unidade Popular derrubado por um golpe militar — que deixou de o reconhecer como legítimo representante do Chile, revelaram hoje fontes diplomáticas chilenas.

O embaixador Armando Uribe, que na semana passada tinha anunciado que conservaria aberta a Embaixada em Pequim por não reconhecer a Junta Militar de Santiago, foi chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros ontem à noite e informado de que a China deixou de o considerar como embaixador do Chile.

Uma cerimónia em memória do Presidente Allende e dos milhares de chilenos mortos em consequência do golpe militar, que devia realizar-se hoje na Embaixada, precisamente um mês depois de Allende ter morrido em combate com as Forças Militares, teve de ser cancelada.

Funcionários chineses do Ministério dos Negócios Estrangeiros, contactados pelos jornalistas, recusaram-se a responder se esta atitude significa que a China se prepara para reconhecer o regime militar chileno.

A União Soviética e todos os outros países comunistas cortaram relações diplomáticas com o Chile após o golpe que derrubou o Governo de Unidade Popular e a Imprensa soviética já acusou a China de não ter até agora feito qualquer declaração, condenando o golpe militar chileno.

Congresso Internacional de Plásticos

As sessões desta tarde do Congresso Internacional de Plásticos que desde ontem decorre nas instalações da F.I.L., em Lisboa, são dedicadas à tecnologia. Oito técnicos apresentam comunicações, 350 congressistas portugueses e de outros países europeus estão a debater várias questões relacionadas com a expansão da indústria de plásticos, desde problemas de matérias-primas até aos avanços tecnológicos do sector.

Esta manhã o eng.º Manuel Rocha, director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, presidiu a uma sessão dedicada a matérias-primas. Ainda de manhã, subordinada ao mesmo tema, efectuou-se outra sessão presidida pelo eng.º Virgílio Teixeira Lopo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Café Oceano» Cortes Silva Vieira Leonel R. Portas de Portugal LAGOS

Desviado um avião filipino

MANILA, 11 — (FP) — Foi desviado um avião filipino que estabelecia ligação entre Bacolod City (centro das Filipinas) e Manila sabe-se de fonte militar.

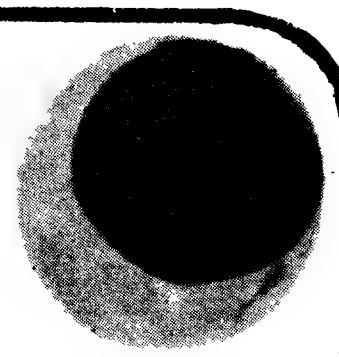
Segundo informações não confirmadas, o avião aterrou entretanto no aeroporto de Manila para se abastecer de carburante e prosseguir viagem para Hong-Kong.

26 ANOS DE PRISÃO PARA DOIS PORTUGUESES

SAN SEBASTIAN (ESPANHA), 11 — (ANI) — A vinte e seis anos, oito meses e um dia de prisão maior foram condenados os portugueses Mário Joaquim Gomes Francisco e Rosário de Jesus Martins, que um tribunal de San Sebastian considerou autores do assassínio do motorista de taxi Eleutério Molina Garcia, tendo sido considerada como agravante a premeditação.

DL/NACIONAL

ELEIÇÕES 73



ESTAREMOS SEMPRE AO DISPOR DO ELEITORADO

Os deputados «estão sempre ao dispor do eleitorado e, caso venham a ter assento em S. Bento, aqui estarão com frequência ao dispor de quem os quiser acompanhar com o mesmo apego por uma maior ascensão do distrito que, agora, já vai na vanguarda dos progressos regionais do País».

Estas palavras disse-as o dr. Elmano Alves, em mais uma sessão de apresentação de candidatos da ANP pelo circulo de Setúbal, realizada no edifício do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe.

Mais adiante, o presidente da Comissão Executiva da ANP dizia:

«O desejo que anima os candidatos da A. N. P. é o de cumprirem inteiramente o mandato que lhe poderá ser dado pelo distrito, o qual não querem falhar, exigindo mesmo que sejam chamados à atenção pelo eleitorado se algum dia não cumprirem as suas funções.

Ao serviço do distrito terá que ser uma constante e não vacilaremos na luta necessária para honrar devidamente o eleitorado desta florescente zona do País».

Usaram ainda da palavra os candidatos D. Ângelo Craveiro da Gama (política social), dr. Caldeira Pais (juventude) e dr. Cruz e Silva (ensino).

No final, a presidente da mesa, dr.ª Manuela Gama, proferiu algumas palavras, fazendo o elogio dos candidatos.

Mensagem do M.D.P. a C.D.E. de Lisboa

O Movimento Democrático do Porto enviou à CDE de Lisboa uma mensagem de solidariedade do seguinte teor:

«O Movimento Democrático do Porto sauda a CDE de Lisboa — expressão da consciência e da vontade popular do sul do País.

Tal como vós não estamos nesta campanha nem por dádiva do regime nem com intenções eleitoristas. Mas antes por força do direito que as massas populares têm de participar activamente na vida política do País e de denunciar a farça eleitoral.

Tal como vós assumimos a responsabilidade de ir até onde for necessário pela conquista das liberdades fundamentais do povo Português, que jamais poderão ser garantidas por um governo reaccionário, unicamente ao serviço do capital nacional e estrangeiro e opressor de todos nós.

Na unidade a força do povo. Amnistia. Direito à greve. Viva o Movimento Democrático!!!

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

ADMITIMOS:

FUNÇÃO — Chefia departamento instalações eléctricas, estudos e projectos

EXPERIÊNCIA — 8 a 10 anos de prática, conhecimentos sólidos de francês e inglês.

VENCIMENTO — 20/25 contos mensais dependendo do «curriculum», 14 meses.

SOMOS UMA EMPRESA REPRESENTANTE DE ALGUMAS DAS MAIS IMPORTANTES EMPRESAS ESTRANGEIRAS DE EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS.

GUARDA-SE COMPLETO SIGILO

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 938

Sessão de propaganda eleitoral da oposição em Odivelas

-AFIRMOU ARONS DE CARVALHO

Na sede da freguesia da CDE de Odivelas realizou-se, ontem à noite, mais uma sessão de propaganda eleitoral da Oposição Democrática do distrito de Lisboa. A enorme sala, que foi amavelmente cedida pelo proprietário Firmino Lino para servir de sede ao Movimento daquela freguesia encontrava-se repleta e numerosas foram as pessoas que se viram impossibilitadas de entrar.

Presidiu a sessão Manuel Duarte Sacavém; ladeado pelos candidatos Tavares da Cruz, Arons de Carvalho, Caiano Pereira e José Tengarrinha e os democratas António Cerqueira, Carlos Carvalhas, Alcino Casimiro, Daniel de Jesus e Firmino Lino.

Tavares da Cruz, o primeiro orador, em virtude da instalação sonora não funcionar, referiu a diferença flagrante como decorrem as sessões da Oposição Democrática, em salas deficientes, sem o mínimo de condições, e as sessões da ANP, onde «meia dúzia de pessoas bem instaladas, ouvem discursos pronunciados com a ajuda de todos os recursos sonoros, em que nem sequer participam». Leu a seguir a saudação do Movimento Democrático do Porto à CDE de Lisboa.

Durante a sua intervenção analisou o problema da constante subida do custo de vida e o aumento do domínio das riquezas do País pelos grandes grupos monopolistas nacionais e internacionais; a falta de liberdades democtáticas, tais como a liberdade sindical, a liberdade de expressão de pensamento, a existência da censura ou exame prévio, a ausência do direito à greve; focou ainda o problema da guerra

Seguidamente, o aspecto do aumento do custo de vida, no caso específico da habitação, mereceu a sua atenção, frisando: «A habitação é um dos aspectos do custo de vida que mais exige a nossa atenção, pois apresenta aumentos impressionantes, mesmo considerando que os números de que dispomos são menejados segundo as conveniências do Governo».

«De 1960 a 1970, segundo os índices de custo de vida, oficiais, a habitação subiu cerca de 57 por cento. Segundo as mesmas fontes, o índice global de salários profissionais da indústria e dos transportes, no mesmo período, subiu apenas cerca de 19 por cento.. E a tendência é para o agravamento».

«Segundo o Censo Geral da População em 1960, havia falta de 484 847 casas, o que equivale a dizer que quase 1 500 000 portugueses necessitavam de casas (viviam em barracas ou partes de casa)».

«Nos estudos que os departamentos governamentais efectuaram para preparar o III Plano de Fomento, chegaram à conclusão que havia necessidade de se construir 41 000 casas por ano para substituir os alojamentos envelhecidos; cobrir o crescimento da população; e satisfazer as necessidades dos habitantes do interior do País que para fugirem à fome e ao desemprego procuram as zonas leitorais (Lisboa, Porto e Setúbal)».

Tendo afirmado que nada disto foi feito, esclareceu a assistência que, pelo contrário, o problema se tinha agravado «com o congelamento de salários, o fomento da especulação sobre os terrenos e o permitir a subida das rendas de casa nas cidades de Lisboa e Porto, medidas estas que o Governo toma para resolver o problema».

SINTOMA DE MEDO

«Hoje, o que se vê no nosso País é um regime com medo perante a crescente força da Oposição. Não serão sintomas de medo as prisões de democratas que colam cartazes ou distribuem papéis? Não serão sintomas de medo todas estas restrições nesta campanha que lá para os lados de S. Bento dizem ser eleitoral? Estão aqui mais de mil pessoas, sem armas, pacificamente, aplaudindo o que lhes agrada ouvir e reprovando aquilo com que não concordam: Não quero provocar conflitos com os senhores representantes das autoridades nem com ninguém mas não será sintoma de evidente medo que eles aqui tenham de estar ou, como aconteceu em Torres Vedras, há dois dias, haja quase tantos polícias como pessoas assistindo à sessão da Oposição? Não será isto medo?» — perguntou Arons de Carvalho, na primeira parte do seu discurso. Enumerou depois todas as arbitrariedades de que o Governo era culpado, afirmando a terminar:

«Finalmente, proibiu-se abordar o problema número um do povo português. Diz-se que as eleições se destinam a optar em relação às grandes questões nacionais mas impede-se a discussão daquela que condiciona o progresso, a paz, a dignidade e o futuro do nosso País. Proíbe-se pois a discussão de uma guerra,

Tenta-se submeter ao silêncio quem não pode, sem quebra de honestidade, protestar e lutar.

O candidato Caiano Pereira subordinou o seu discurso a um tema que conhece bem: o sindicalismo. Nele historiou o avanço do trabalho sindical que se tem verificado e todas as medidas legislativas tendentes a coarctar a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida. Referindo-se ao discurso que o dr. Silva Pinto, candidato pela ANP de Leiria fez há alguns dias, em que se «diz pelo fortalecimento da organização corporativa». E acrescenta Caiano Pereira: «Mas fez o decreto 502/70, que permite que o poder executivo ordene ao poder judicial o afastamento dos dirigentes sindicais sérios; mas fez o decreto 492/70, que retirou muita da força que aos sindicatos advinha das suas possibilidades na contratação colectiva; mas fez a nova lei do horário de trabalho que é um retrocesso em relação à que substituiu e que tinha 36 anos; mas fez ou participou no famigerado 1966/72 que congelou os salários; mas fez o 447/72 que criou o *curador* (Ordem dos Médicos) e acabou com o prazo das comissões administrativas; mas fez o 390/72 que aumentou o poder das Federações sobre as quais exerce mais fácil controlo; e fez aquele incrível decreto sobre a assuidade que obriga, por exemplo, os patrões a não pagarem o subsídio de Natal; e fez o 51/72 que regula as eleições sindicais de forma muito minuciosa; e manda impugnar eleições; e manda adiar eleições para alturas mais oportunas.; e manda (ou deixa) que se proibam assembleias sindicais; e manda fechar sindicatos; e proibe reuniões inter-sindicais; e não autoriza o aumento de quotas no Sindicato dos Caixeiros para o asfixiar; e nomeia comissões administrativas (Metalúrgicos, Telefonistas, Gráficos, etc.). *O que teria acontecido se o dr. Silva Pinto fosse contra o fortalecimento da organização corporativa?*

E fala da participação cada vez mais ampla..

Mas recusa-se a receber direcções de sindicatos que lhe pedem audiências como aconteceu recentemente com cerca de 20 sindicatos alarmados com a vaga de pressões e despedimentos de dirigentes sindicais; mas fica indiferente perante despedimentos de dirigentes sindicais, como aconteceu agora com o presidente da direcção do Sindicato dos Técnicos de Desenho; e deixa ou manda que se cortem nomes de candidatos a dirigentes sindicais com a alegação de que «professam ideias contrárias (...); e diz como agora em Leiria que há que continuar a obstar com firmeza as malévolas tentativas de desvirtuamento das finalidades que as esses organismos são próprias (...); e dizia em Agosto que com o período eleitoral a actuação do Governo da Organização Corporativa iria ser perseguido pelos nossos argumentos mas que pouco lhe deviam afligir as críticas... *Que aconteceria se o Governo não fosse pela participação?*

Caiano Pereira analisou ainda o chamado «estado social» dizendo que é:

Um *social* que homologa os contratos quando convêm aos patrões; um *social* em que a Inspecção do Trabalho não funciona, os Tribunais de Trabalho não funcionam, os Tribunais de Trabalho têm 80 000 processos pendentes, os patrões despedem quando querem, as corporações são patronais; a previdência não é gerida pelos trabalhadores; um *social* que atira para a Câmara Corporativa trabalhadores sem qualquer representatividade; um *social* em que a lei proibe a greve; um *social* do bem comum que é sempre o do grande capital. *E se este Estado não fosse social?*, perguntou Caiano Pereira que afirmou depois estarem os trabalhadores cada vez mais conscientes da sua razão e que as dificuldades «que nos criam são estímulos para continuarmos na construção de uma sociedade mais justa, em paz e liberdade.»

«O PÃO DE AÇUCAR RECOMENDA»

Caiano Pereira continuaria

AS SEDES EXIGÊNCIAS D

PORTO — Novas exigências respeitantes ao funcionamento das diversas sedes do Movimento Democrático do Porto são feitas num ofício do Governo Civil, de 8 do corrente, endereçado ao dr. Raul Castro. É do seguinte teor:

«Na qualidade de primeiro signatário da participação hoje apresentada neste Governo Civil, referente à constituição da Comissão Eleitoral do Movimento Democrático do Porto, com sede na Rua de Santa Catarina, 620, desta cidade, informo V. Ex.ª para os devidos efeitos, de que exarei na mesma participação o despacho do teor seguinte:

«A Comissão é uma só, terá uma só sede na cidade do Porto, podendo constituir delegações nos concelhos e nas freguesias, dentre os seus membros que para o efeito, têm de ser expressamente indicados, sem o que não poderão reconhecer-se outras sedes». Nestes termos deverão ser comunicados a este Governo Civil os nomes dos membros da Comissão responsáveis pelo funcionamento das delegações da Póvoa de Varzim, de Rio Tinto, e da Rua de Júlio Dinis desta cidade, esclarecendo-se se esta última é delegação concelhia ou de de freguesia». Assina o ofício o major Paulo Durão.

DL/NACIONAL

no uso da palavra para ler o discurso de Carlos Carvalhas, tendo no entanto feito um aviso à assistência de que, na próxima sexta-feira, se realizaria, naquela mesma sala, uma reunião distrital de trabalhadores.

Dizia Carlos Carvalhas pela voz do orador Caiano Pereira: «Amigos, quem passa na Avenida da República encontra uns paineis de propaganda que dizem «Pão de Açucar recomenda»! e do outro «Vote Acção Nacional Popular»! Ficamos sem perceber se é o Pão de Açucar (cadeia de supermercados pertencentes a um dos grandes grupos económicos, CUF) que recomenda o Voto na A.N.P. ou se é o Governo que recomenda o Pão de Açucar!...

De qualquer maneira nem um nem outro retirou a sua propaganda e nós julgamos que estão muito bem juntos.

Na verdade, o Governo de hoje apresenta essencialmente os interesses *dos grupos mais poderosos*, das forças principais da classe capitalista; a sua acção exerce-a em favor deles. Os monopólios precisam do Estado para reunir os capitais enormes que lhe são necessários e para impor, não só à classe operária mas à grande maioria da população, que são levados a espoliar, a política e os sacrifícios exigidos pelos seus objectivos de cada vez maiores lucros. É por isso que ao mesmo tempo que aumenta a intervenção do Governo, os monopólios se apoderam dia a dia do controlo de todas as suas engrenagens e do domínio da sua política. (...) E os membros do Governo... de onde vêm e para onde vão senão para empresas ao serviço directo ou indirecto do grande capital!

A pergunta a fazer é esta: poderá o Governo dos grandes grupos económicos estar ao lado dos trabalhadores? O Governo da minoria perante o isolamento crescente, interno e externo e o avolumar das dificuldades, incapaz de resolver qualquer dos graves pro-

José Tengarrinha foi o último orador da sessão de propaganda eleitoral da CDE, em Odivelas e toda a sua intervenção, do princípio ao fim, foi um escalpelizar do problema e das consequências que adevêm para o Povo Português em relação ao problema número um do momento actual. Um por um, numa voz serena mas não isenta de firmeza rebateu todos os argumentos de que o Governo se utiliza para tentar justificar aquele problema. Assim referiu que contrariamente ao que se diz, cada vez mais se faz notar a infiltração do capital estrangeiro naqueles territórios e que as matérias-primas que daí vêm custam o mesmo preço, se não mais caras, do que os produtos estrangeiros. Fez notar que, ao contrário do que seria de esperar a população portuguesa prefe-

blemas nacionais, só apresenta duas soluções: Por um lado a demagogia e a mentira; e por outro a repressão e o cacete!

re emigrar para a Europa. Esclareceu também a assembleia do papel que a Igreja tem vindo a tomar quanto àquele problema, existindo hoje em dia um divórcio manifesto entre a Igreja e o Estado, porquanto aquela não estava disposta a sancionar, como já por várias vezes o declarou em missivas enviadas ao Governo e que não foram do conhecimento do público devido à censura, um certo tipo de política não-metropiltana.

No final da sessão, depois de um minuto de silêncio pelo Chile o presidente da sessão deu por terminado o encontro com o grito «Venceremos».

«A Natureza e a Humanidade em Perigo»

A Secretaria de Estado da Agricultura acaba de publicar o terceiro volume da obra do prof. Baeta Neves «A Natureza e a Humanidade em Perigo».

Os diversos capítulos do volume: «A protecção da Natureza em 1970 e o seu futuro em Portugal», «Alguns aspectos gerais da protecção da Natureza», «Agronomia, silvicultura e protecção da Natureza», «Recordando o passado», «Parques nacionais e reservas» e «Uebanização, turismo, agrivultura e protecção da Natureza».

SESSÕES DE PROPAGANDA

OPOSIÇÃO

BRANDOA hoje, às 21 horas, no cinema local
ALMADA hoje, às 21 e 30, na Incrivel Almadenses, às 21 h.
VILA NOVA DE GAIA hoje, às 21 e 30, no Cine Teatro de Coimbrões.
PÓVOA DO VARZIM hoje, às 21 e 30, no Cine Teatro Garret
MARINHA GRANDE hoje, no lugar de Garcia, na sede do Clube Recreativo
BARREIRO dia 12, às 21 horas, no Cine Teatro Barreirense.
RIO TINTO, POMBAL, VILA FRANCA DE XIRA, OCIVELAS, e VALE DE FIGUEIRA dia 12.
COIMBRA dia 13, às 17 horas, no Teatro Avenida (dedicada à juventude).
BAIXA DA BANHEIRA dia 13, no Ginásio Atlético Clube, às 21 horas
SANGALHOS ndia 13, no Eden Clube, às 21 e 30
MARINHA GRANDE dia 13, às 21 horas, na Sociedade 1.º de Maio

ANP

COVILHÃ hoje, às 21 e 30, no Teatro Cine
LEIRIA, AZEITAO, AVIS, PONTE DE SOR e PORTEL hoje à noite
PORTIMÃO dia 12, às 21 e 30, na Casa dos Pescadores
AZÓIA, PARCEIROS, ELVAS, CAMPO MAIOR, REDONDO E ALANDROAL dia 12.
BARREIRO, MILAGRES, MONCARAPAÇHO, FUZETA e OLHÃO dia 13

Hoje na Brandoa sessão oposicionista

A CDE de Lisboa está a intensificar o ritmo das suas sessões de propaganda, tendo já diversas programadas para os próximos dias em diversos pontos do distrito.

A primeira realiza-se hoje à noite, às 21 horas, no cinema da Brandoa, presidindo à mesa Herculano de Carvalho. Serão oradores António Abreu, Gonçalves André, João Sequeira Branco, Arons de Carvalho e António Carvalho.

Amanhã haverá sessões em Vila Franca de Xira, no Cine Teatro, às 21 e 30, presidindo Rosalina Pinho e sendo oradores Caiano Pereira, Pedro Coelho, Carlos Carvalho, António Abreu e Vitor Dias, e em Vale de Figueira, usando da palavra Herberto Goulart, Tavares da Cruz, Gonçalves André, José Tengarrinha e Luisa Amorim.

Ainda amanhã realiza-se na sede da CDE de Odivelas uma sessão de trabalho a que preside Raul Rego e em que participam Helena Neves, Arons de Carvalho, João Paulo Guerra, Adelino Gomes e Correia da Fonseca.

Finalmente, no sábado, realiza-se um colóquio sobre **repressão** na sede da Amadora e, em Lisboa, no Cinema Vox, efectua-se mais uma sessão de propaganda, que será presidida por Gilverto Lindim Ramos, discursando Carlos Carvalho, Vitor Dias, Helena Neves, José Tengarrinha, José Saramago e Sottomayor Cardia.

DEMOCRÁTICAS ALVO DE O GOVERNO CIVIL DO PORTO

A OPOSIÇÃO PORTUENSE REAGE

Em face dos novos obstáculos levantados, foi dirigida ao governador civil a seguinte exposição:

«Os signatários, na qualidade de representantes da Comissão Eleitoral do Movimento Democrático do Porto, vêm expor a V. Ex.ª o seguinte:

1.º O ofício de V. Ex.ª de 8 do corrente, contendo novas exigências respeitantes à autorização de V. Ex.ª para o funcionamento das diversas sedes do Movimento Democrático do Porto, não indica qualquer disposição legal em que se baseie, nem, na verdade, a podia indicar, pois não existe. Trata-se assim de mais obstáculos levantados à actividade do M.D.P., em flagrante contraste com as facilidades de que goza a ANP.

2.º Para não protelar por mais tempo a actividade das referidas sedes, numa campanha eleitoral que o Governo que V. Ex.ª representa entendeu reduzir a poucas semanas, vimos comunicar a identidade dos responsáveis pelas diversas sedes, esclarecendo que a sede sita na Rua de Júlio Dinis, desta cidade, é sede concelhia:

— Sede da Póvoa de Varzim: responsáveis, João Fonseca, empregado bancário, da Rua Gomes de Amorim, Prédio Vieira, 2.º-E.do, Póvoa de Varzim; José Rui Ferreira, estudante, da Rua de Manuel Monteiro, 1.º bloco, r/c E.do, Póvoa de Varzim; dr. Cassiano Abreu e Lima, médico, da Rua de João Baptista Lavanha, 55-3.º, D.to, Porto.

Sede de Rio Tinto: responsáveis, dr. Alberto Teixiera de Sousa, professor, da Rua de Medancelhe, 128, Rio Tinto; Francisco Hortas, gerente comercial, da Rua de Medancelhe, 220, Rio Tinto; e Armindo Mendo, empregado de balcão, da Rua da Campaínha, Rio Tinto.

— Sede da Rua de Júlio Dinis: responsáveis, Jerónimo de Sousa Peixoto de Almeida, empregado bancário, da Rua do Paraíso, 343, 2.º, D.to, Porto; Célio Ezequiel de Albuquerque Costa, arquitecto, da Rua de Gonçalo Cristovão, 312, 5.º-B, Porto; Belmiro Pereira Nogueira, reformado de seguros, do Bairro Fernão Magalhães, bloco 12, casa 14, Porto.

Todos estes nove responsáveis destas três sedes fazem parte da Comissão Distrital do Movimento Democrático do Porto, como V. Ex.ª exige no citado ofício de 8 do corrente».

Assinam dr. Raul Castro e a eng.ª Virgínia Moura.

Actividades do Movimento Democrático do Porto

PORTO — Do gabinete de Imprensa do Movimento Democrático recebemos o seguinte comunicado:

Encontro de metalurgicos — Para discussão de problemas socio-profissionais — salários, Previdência, habitação, baixas de categoria — realiza-se amanhã às 21 e 30, na sede do Movimento Democrático, Rua de Santa Catarina, 620, um encontro de metalúrgicos.

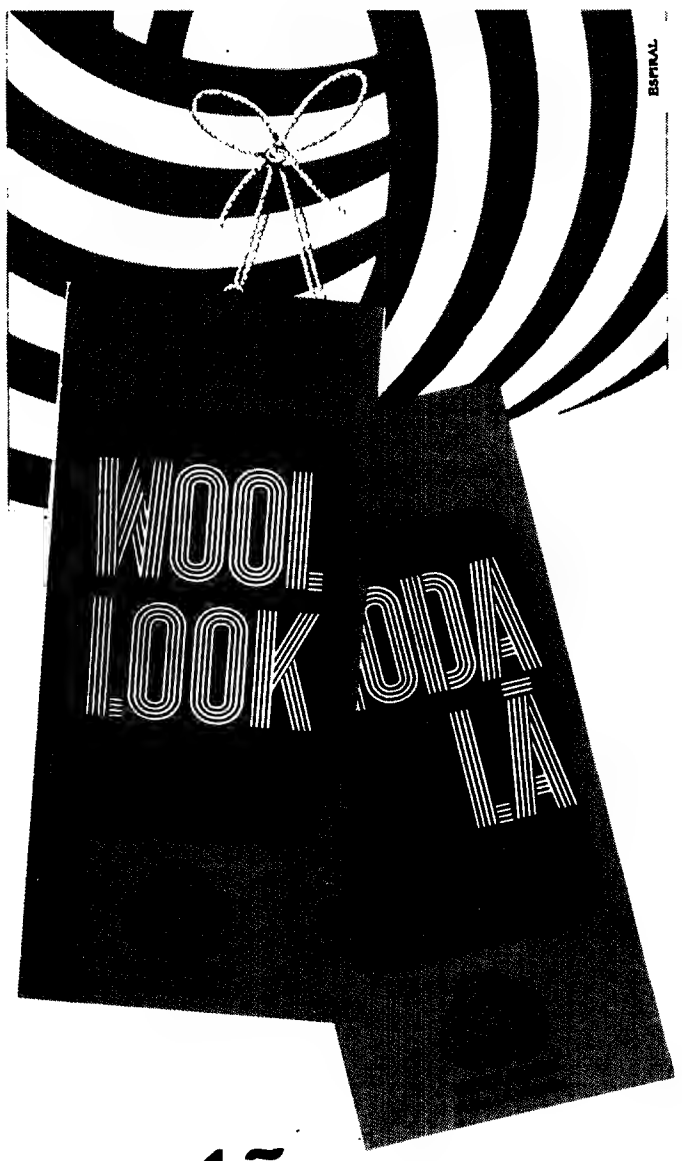
COLÓQUIO — Na nova sede do Movimento Democrático, Rua de Júlio Dinis, 751, efectua-se, pelas 21 e 30 do próximo dia 13, um colóquio "Pela amnistia No colóquio partici parão advogados, médicos

Comissões de freguesia — Está marcada para amanha pelas 21 e 30, na sede da Rua de Júlio Dinis, a reunião da comissão das freguesias de Lordelo-Massarelos.

COMÍCIO EM GAIA

PORTO — A comissão concelhia do Movimento Democrático de Vila Nova de Gaia promove hoje, às 21 e 30, no Estrela-Cine de Coimbrões, mais um comício de propaganda eleitoral, com a participação de todos os candidatos e presidido pelo sr. José Micha.

Os convites para o comício podem obter-se nos seguintes locais: Rua de Santa Catarina, 624. Tel. 32345 (sede); Praça do Município, 309, 6.º, sala 1, tel. 30639; Rua do Almada, 30, 2.º, Rua de Sampaio Bruno, 12-4.º, sala 2., e tabacaria do Café Mucaba, em Vila Nova de Gaia.



tão naturalmente à moda...

LÁ
Tão naturalmente macia,
tão naturalmente leve,
tão naturalmente bela...
LÁ
um milagre da natureza
ao serviço da beleza.

WOOLMARK
a etiqueta da natureza

DL/ESTRANGEIRO

Demissão e condenação do vice-presidente dos E.U.A.

WASHINGTON, 11 (F.P.) — A bomba Agnew explodiu finalmente, numa altura em que Washington já não esperava.

Com efeito, a demissão do vice-presidente dos Estados Unidos foi anunciada num momento em que o Governo Nixon e o Congresso estavam aparentemente mais preocupados com o conflito israelo-árabe do que com os assuntos internos.

Agnew demitiu-se ao mesmo tempo que era condenado a uma multa de 10 000 dólares por um juiz de Baltimore, devido a uma fraude fiscal, relacionada com o caso de corrupção em que estava implicado.

Não há a mínima dúvida de que a demissão de Agnew é resultado dum compromisso realizado com o acordo do presidente Nixon que desejava a partida de um homem que se tinha tornado embaraçador para o Governo.

Em troca da demissão do vice-presidente, o Departamento da Justiça aceitou limitar a sua acção à fraude fiscal, quando tinha provas de que Agnew aceitara até 1971 «luvas» de empresas construtoras do Maryland a quem o Governo fazia encomendas.

Quando no mês de Agosto, lhe foram feitas estas acusações, o vice-presidente proclamou repetidas vezes a sua inocência e afirmou não pretender demitir-se.

É esta a primeira vez que um vice-presidente dos Estados Unidos é condenado pela justiça e a segunda que o n.º 2 do país se demite. O desaparecimento de Agnew, recebido com surpresa nos círculos políticos, complica ainda mais uma situação já de si emaranhada pelas consequências do escândalo Watergate.

Ao aceitar a demissão de Agnew, o presidente Nixon anunciou que ia imediatamente consultar os «dirigentes da nação», antes de escolher novo vice-presidente. Esta escolha terá que ser aprovada por uma maioria simples pelas duas câmaras do Congresso.

O nome mais apontado é o de John Connally, antigo governador democrata do Texas, ex-secretário das Finanças, que se tornou republicano em Abril passado e é um sucessor provável de Nixon.

A demissão e a condenação de Spiro Agnew resultou num compromisso entre o vice-presidente e o ministério da Justiça.

Segundo este compromisso, a única acusação feita a Agnew é a de fraude fiscal, em virtude da qual o vice-presidente sofrerá uma pena que, segundo o ministro da Justiça, será considerada suficiente pelo povo americano.

Quando Agnew compareceu perante o tribunal de Baltimore, o ministro Elliot Richardson tornou público um documento em que salientava que a fraude fiscal não era de modo nenhum a única que figurava no processo do vice-presidente.

Esclareceu o ministro que o inquérito levou à conclusão de que Agnew não tinha apenas recebido mas também solicitado pagamentos em mercadorias da parte dos empreiteiros das obras públicas do Maryland, em troca da concessão de interessantes contratos a estas sociedades. Estes pagamentos foram efectuados nos princípios dos anos 60, quando Agnew era chefe do executivo do condado de Baltimore e em 1971, quando já era, há três anos, vice-presidente, depois de ter sido governador do Maryland.

Agnew reconheceu ter recebido tais pagamentos, mas, salientou, tratava-se de uma «prática de financiamento político em vigor há muito tempo no Estado». Acrescentou nunca se ter aproveitado destas contribuições para seu enriquecimento pessoal.

Admitiu, no entanto, que não tinha comunicado à administração dos imiostos estes rendimentos. A acusação precisa que, em 1967, Agnew só apresentara como rendimento anual 26 000 dólares, quando devia ter declarado 55 000, o que lhe permitiu uma economia fiscal de quase 13 000 dólares.

Foi ao ministro de Estado, Henry Kissinger, que o vice-presidente entregou a sua demissão.

Você precisa de um carro económico, moderno, fácil de estacionar, tècnicamente evoluído, e sem problemas, que o deixe descansado

Você precisa de um Fiat 126

Motor de 2 cilindros verticais em linha (4 tempos) e arrefecimento por ar forçado 594 cm³ e 23 CV DIN 4 velocidades (2.ª, 3.ª e 4.ª sincronizadas) e duplo circuito de travagem.

Em exposição e venda [illegible] Avenida Eng. Duarte Pacheco, [illegible] Henriques, 60, Lisboa • Avenida dos Aliados, 173, Porto e em toda a sua rede de Agentes.

FLUMEN

LISGESTE – Investimentos e Gestão de Bens, S. A. R. L.

Avenida 5 de Outubro, 96-7.º C e D—LISBOA-1

CONVOCATÓRIA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convocados os senhores accionistas a reunirem em assembleia geral extraordinária, nas instalações do Café Portugal em Montijo, no próximo dia 26 de Outubro pelas 21.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Estudo duma proposta do Conselho de Administração para alteração dos art.ºs 1.º e 2.º dos estatutos.

NOTA: Os senhores accionistas devem dar cumprimento ao disposto nos art.ºs 10.º, 11.º e 12.º dos estatutos.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Guilherme da Cruz Bordeira

ESTANTES METÁLICAS «CORTAL»

= Por encaixe sem parafusos.
= Plastificadas. Sem ferramentas.
= Cantoneira perfurada. Móveis Metálicos.

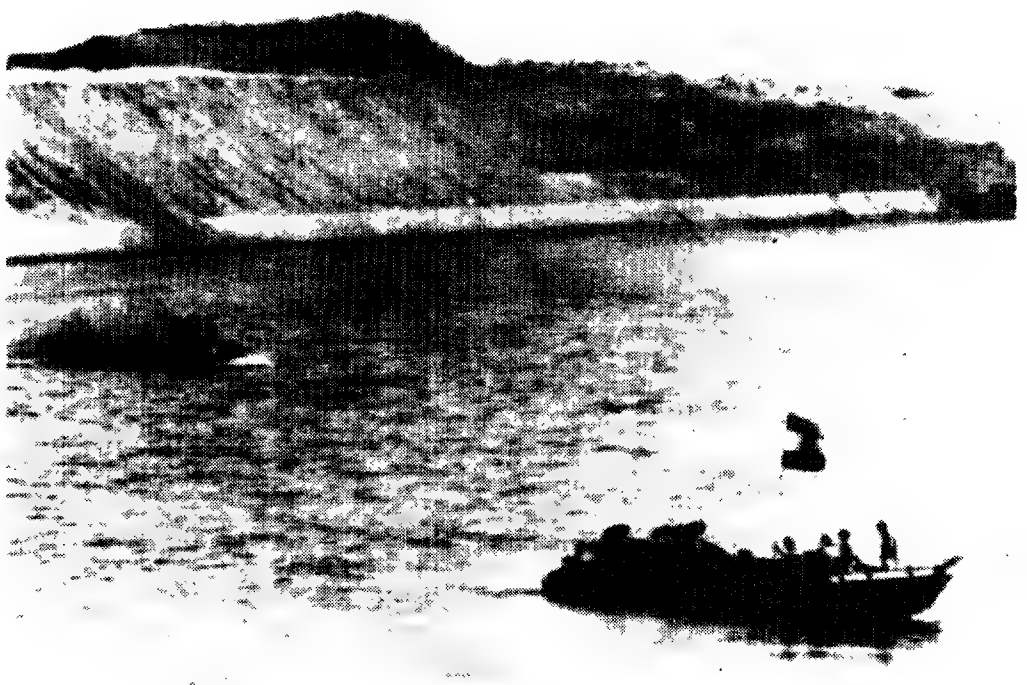
STAND EM LISBOA:
Avenida Júlio Dinis, 4-A — Telefs. 777344 - 777406
STAND NO PORTO:
Rua da Constituição, 863 — Telef. 98418
SEDE EM ÁGUEDA:
Apartado 70 — Telefs. 64120 - 64133
AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

ERNESTO MARTINS

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Seus filhos participam que amanhã, dia 12, às 19.30 h. na Igreja de Santa Isabel, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a quem se dignar assistir a este piedoso acto.

Aproveitam também esta oportunidade para agradecer a todas as pessoas que de qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar, não o tendo feito pessoalmente por desconhecimento de moradas.



Reforços egípcios continuavam ontem a atravessar o Canal de Suez, para a peninsula do Sinai, onde forças árabes conquistaram posições, repelindo os israelitas, logo no início da nova guerra no Médio Oriente. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

DEMISSÃO DE AGNEW

NIXON ABALADO PELA NOVA CRISE

WASHINGTON, 11 (R) — O presidente Nixon, cuja posição se encontra enfraquecida pelo caso Watergate, foi agora abalado por nova crise política sem precedentes quando o vice-presidente Spiro Agnew se demitiu ontem depois de ter sido acusado de fraude fiscal e de aceitar suborno.

Agnew, um dos elementos da administração Nixon mais conhecido pela sua defesa intransigente da «lei e da ordem», anunciou a sua decisão de se demitir depois de ter chegado a um acordo com a Secretaria da Justiça que arquivou as investigações que estavam a ser feitas sobre corrupção e suborno as quais, a provarem-se, teriam enviado para a cadeia por vários anos o vice-presidente dos Estados Unidos.

Em vez disso, Agnew aceitou demitir-se e não contestar uma acusão de fuga ao pagamento de impostos, sendo julgado pelo tribunal federal de Baltimore que o multou em 10 000 dólares ficando a pena suspensa por três anos.

O juiz Walter Hoffman disse a Agnew que apenas um pedido de clemência feito pelo procurador-geral Elliot Richardson tinha evitado que fosse parar à cadeia.

O vice-presidente tinha acusado anteriormente Richardson de o perseguir com calúnias e de tentar arruinar a sua carreira política com acusações falsa.

A decisão tomada por Agnew de se demitir poucas semanas depois dele ter garantido que não se demitiria se fosse acusado oficalmente de aceitar suborno, de extorquir dinheiro e de violar as leis fiscais.

A demissão de Agnew caiu como uma bomba em Washington e constituiu um choque para os congressistas e senadores que se recordavam dos seus protestos de inocência perante a campanha de denúncia desencadeada contra ele na Imprensa americana.

O presidente Nixon que tinha sido informado particularmente por Agnew na terça-feira à noite da sua intenção de se demitir ao receber ontem o pedido oficial de demissão entrou imediatamente em contacto com os dirigentes republicanos com quem conferenciou sobre a escolha de um novo vice-presidente.

Os membros do Congresso têm um papel fundamental a desempenhar na escolha do novo vice-presidente uma vez que, nos termos da Constituição, tanto o Senado como a Câmara dos Representantes têm de aprovar por maioria de votos qualquer nomeação para o cargo feita pelo presidente Nixon.

Entre os nomes citados como prováveis figuram os de Gerald Ford, dirigente republicano na Câmara dos representantes, o do governador, da Califórnia Ronald Reagan, o do governador de Nova Iorque, Nelson Rockefeller, e o de John Connally, antigo governador democrático do Texas, que no princípio deste ano, aderiu ao Partido Republicano.

Um informador da Casa Branca disse que o presidente preencherá o lugar agora vago o mais rapidamente possível.

Os observadores políticos salientam que se o presidente Nixon morresse ou ficasse incapacitado antes de ser escolhido o novo vice-presidente, a Casa Branca seria ocupada por um democrático, o congressista Carl Albert, na sua qualidade de presidente da Câmara dos Representantes.

SEXTO DIA DE GUERRA

OFENSIVA CONTRA A SÍRIA DESENCADEADA POR ISRAEL

TELAVIVE, 11 (UPI-e ANI) — Israel anuncia que os seus blindados e a força aérea iniciaram hoje — sexto dia da guerra — a prometida ofensiva contra a Síria.

O comunicado diz que os sírios estão a ser repelidos das colinas do Golan pelas tropas israelitas que transpuseram já as linhas de tréguas naquela zona.

Comunicados israelitas anteriores anunciaram que a Força Aérea de Israel tinha actuado contra as posições avançadas sírias, comboios de abastecimento, instalações petrolíferas ao longo da costa mediterrânica, aeródromos militares e o próprio aeroporto de Damasco, além de centrais eléctricas e depósitos de combustível.

ATAQUE REPELIDO PELOS EGÍPCIOS

CAIRO, 11 — (UPI e ANI) — Blindados egípcios repeliram um pesado ataque de tanques israelitas e estão a liquidar as forças inimigas cercadas — anuncia um comunicado de guerra egípcio.

O comunicado — número 27 — foi difundido pela rádio do Cairo às 8 e 25 horas TMG.

RACIONAMENTO NOS EUA?

WASHINGTON, 11 — (UPI e ANI) — A luta no Médio Oriente poderá forçar os Estados Unidos a ir para o racionamento de combustíveis, talvez semelhante ao que foi aplicado durante a Segunda Grande Guerra — declarou o secretário de Estado dos Transportes, Claude Brinegar, numa conferência de Imprensa.

A QUESTÃO JORDANA

BEIRUTE, 11 — (R) — A grande questão que paira neste momento sobre o conflito israelo-árabe, actualmente no sexto dia de guerra, consiste em saber se o rei Hussein da Jordânia vai lançar as suas forças no combate, abrindo assim uma terceira frente a Oeste que obrigará os israelitas a dividirem as suas forças.

Ontem em Amã, o Conselho Supremo da Defesa anunciou um decerto real mobilizando os reservistas e todos os recursos nacionais «para o esforço de guerra».

Desde que o conflito se reacendeu no sábado o rei Hussein tem estado sob pressão de outros países árabes para entrar em guerra com Israel e o coronel Gaddafi da Líbia chamou-lhe cobarde por pretender manter-se à margem do conflito.

O próprio Gaddafi, que se ofereceu para financiar os países árabes combatentes, disse discordar da estratégia seguida pelo Egipto e pela Síria, pelo que não enviará as suas tropas para a frente de combate, mas outros cinco Estados árabes — Argélia, Marrocos, Sudão, Tunísia e Iraque — já entraram na luta enviando forças terrestres ou aviões para lutarem ao lado dos sírios e egípcios.

O Exército jordano é constituído por 90 000 homens e é considerado um dos mais bem treinados dos países árabes, dispondo de 420 tanques de fabrico americano e britânico.

A força aérea jordana é relativamente fraca pois conta apenas com 52 aviões britânicos e americanos.

Por outro lado, o Iraque, que entrou decisivamente na guerra, dispõe de 90 000 homens no Exército e pode convocar mais 268 000 reservistas. Além disso, possui mais de 1000 tanques soviéticos e 222 aviões de combate.

No início das hostilidades, Israel dispunha de 300 000 homens nas Forças Armadas com 1700 tanques e 488 aviões de combate.

O Egipto e a Síria têm em conjunto mais de um milhão de homens, incluíndo os reservistas, e podem lançar na batalha 3300 tanques e 946 aviões.

NOVA FEIÇÃO

WASHINGTON, 11 — (UPI e ANI) — Os Estados Unidos começaram a enviar bombas e mísseis para Israel, a fim de compensar esse país das perdas sofridas nos cinco primeiros dias de combate — informa o vespertino «The Norfolk Ledger Star», da Virgínia, segundo o qual um Boeing-707 com a insígnia de Israel camuflada esteve hoje na base aeronaval de Virgínia Beach.

Entretanto, as autoridades norte-americanas declararam ontem que aviões de carga soviéticos estavam a transportar armamento para a Síria e para o Egipto com muito mais frequência do que nunca.

A propósito, o informador da Secretaria de Estado, Robert McLoskey, declarou: «Se isso se tornar num transporte maciço poderá dar uma nova feição à situação no Médio Oriente.

ALIANÇA COM OS LIBERAIS NÃO É EXCLUÍDA POR HEATH

LONDRES, 11 (FP) — Entrevistado ontem à noite pela televisão comercial britânica, o primeiro-ministro Edward Heath não rejeitou a ideia de uma eventual aliança entre os «Tories» e o Partido Liberal.

Respondendo a uma pergunta quanto a possibilidade de uma coligação com os liberais no caso de estes se encontrarem na posição de arbitrar a situação política, graças ao número de lugares que possam obter na próximas eleições gerais, o «leader» do Partido Conservador declarou que «haverá que aguardar o resultado dessas eleições».

«No excluo a possibilidade de tal coligação, simplesmente não discutimos até agora essa questão» — precisou Heath.

SINDICATOS CONTRA O PLANO ANTI-INFLAÇÃO

Dois dias depois de terem sido anunciadas as disposições da **«Fase 3» do plano anti-inflação**, o Governo britânico teve já oportunidade de verificar a dois níveis diferentes a firme oposição dos sindicatos à sua política.

Em primeiro lugar, o comité económico do TUC (a União dos Sindicatos) rejeitou ontem formalmente as propostas governamentais. «Está fora de questão que nos submetamos a tais disposições impostas autoritariamente» — declarou Lionel Murray, secretário-geral da confederação sindical, acrescentando que havia um «abismo» entre as propostas apresentadas pelo TUC ao primeiro-ministro e as que este contrapôs.

As críticas formuladas pelo comité económico serão apresentadas no princípio da próxima semana ao conselho geral do TUC que procurará depois contactar com o primeiro-ministro a fim de lhe expor as suas queixas.

O segundo motivo de decepção do Governo foi a rapidez com que os sindicatos do **pessoal das mulheiras britânicas** rejeitaram ontem uma proposta.

Os delegados dos 280 000 mineiros desejam ser recebidos por Edward Heath a fim de discutirem a atenção especial que, em sua opinião, o primeiro-ministro deveria conceder ao pessoal das minas.

HITLER FEZ BEM EM QUEIMAR JUDEUS

-reafirma Amin

KAMPALA, 11 (UPI-ANI) — O presidente do Uganda, Idi Amin, afirmou ontem estar convencido de que tinha razão quando há meses disse que Hitler fizera muito bem em queimar seis milhões de judeus durante a segunda guerra mundial.

Ao falar numa recepção dada em honra do embaixador soviético, Idi Amin afirmou que, se Hitler não tivesse queimado seis milhões de judeus, o actual problema do Médio Oriente estaria a verificar-se na União Soviética e em toda a Europa, incluindo a Inglaterra.

O presidente do Ugnada acrescentou que certamente em todo o mundo concordarão agora com ele em que os israelitas são criminosos.

Amin solicitou à URSS que auxilie os países árabes com Migs-23 e com mísseis e também pediu a Moscovo que interrompa a partida de Judeus para Israel, enquanto durar a guerra.

DESTRUÍDOS 800 BLINDADOS

TEL-AVIV, 11 — (FP) — O general Herzog, porta-voz do Ministério da Defesa, anunciou esta manhã na televisão israelita que as forças de Israel destruíram oitocentos carros sírios no Golan, desde o último sábado, dia em que começaram os combates. Trata-se, segundo disse, do equivalente a quatro divisões de blindados e do equivalente ás perdas egípcias em blindados no Sinai, durante a guerra dos «seis dias».

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

muito antes de v. escolher a sua nova casa já tinhamos pensado em si!

Chegamos sempre a tempo a toda a parte
onde contam com os nossos serviços.
Distribuir bem electricidade é a nossa vocação.

COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE
as duas forças da comodidade

técnicas e homens em acção permanente ao serviço do consumidor

DL/GERAL

"Hora Sassetti": uma antologia e 125 anos ao serviço da música

Comemora, a Sassetti, 125 anos. Para além dessa extensão temporal invulgar entre nós, é na verdade um aniversário a celebrar, sobretudo se atentarmos no que tem sido a sua vida, ligada à promoção e divulgação dos mais altos valores, das mais altas expressões da arte musical. Uma vida plena, uma obra notável — conseguidas.

Assim, ao festejar — é a expressão própria! — o seu 125.º aniversário, quis a prestigiosa editora assinalar tão notável acontecimento, edificando o que bem pode considerar-se autêntico padrão na História da sua actividade, em favôr daqueles valores musicais: a «Antologia da Música Europeia (dos Trovadores e Beethoven)».

Tal obra é, na realidade, um trabalho notável — pela sua grandiosidade, qualidade de interpretações e de técnica de gravação (portanto, algo mais do que 9 albuns e 110 discos...) pode considerar-se única no Mundo. Nela estão reunidos 400 anos escolhidos, de escolhida música: Dufay, Josquin des Prés, Adrian Willaert, Palestrina, Monteverdi, Lully, Corelli, Marc Antoine Charpentier e tantos outros, até Bach, Haendel, Vivaldi, Albioni, Haydn, Mozart e Beethoven — nas suas mais altas expressões.

JÓIAS DA RELOJOARIA EXPOSTAS EM LISBOA

Belíssimas jóias da indústria relojoeira estão, de hoje até domingo, patentes ao público nos salões do Hotel Ritz, por iniciativa da firma António Moura, I.d.ª, representante no nosso país das prestigiosas marcas de relógios Audemars Piguet, Omega e Tissot.

Nesta mostra de arte figuram, igualmente, peças criadas por Grima (o famoso joalheiro da rainha Isabel II de Inglaterra e criador de relógios-jóias Omega) e as colecções de joalharia de Audemars Piguet, Omega e Tissot, além de outros modelos que serão lançados no ano próximo em todo o grande mercado mundial mas que se apresentam pela primeira vez ante olhares curiosos exactamente em Portugal.

Trata-se da primeira exposição deste estilo que se efectua dentro das nossas fronteiras e, não só pelo altíssimo valor da quase totalidade das peças expostas como também pelo ineditismo de que se reveste a representação nessa mostra de alguns dos mais prestigiosos artistas da jóia relojoeira, as colecções estão destinadas a atraír o interesse, não apenas dos comerciantes do ramo mas, fundamentalmente, de quantos se interessam pela Joalharia e pela Relojoaria, uma vez que exemplares (únicos) de relógios-jóias de requintado gosto e elevado valor são (talvez) vistos pela única vez por olhos portugueses.

No catálogo da exposição figuram colecções do mais alto nível. A mostra, que comemora o 55.º aniversário da firma António Moura, I.d.ª e, simultaneamente, o 125.º ano do nascimento da Omega, inclui as séries mais valiosas de relógios Emeraude, Constellation, e De Ville (todos da marca Omega) e os novos modelos do Time Computer e do Speedmaster 125, que vão ser lançados brevemente no mercado internacional.

Recordemos que António Moura, I.d.ª, é (também) representante da SSIH (Societé Suisse pour l'Industrie Horlogère), a maior empresa relojoeira da Europa, única que dispõe de marcas abranjendo todas as categorias de produtos e preços e, ao mesmo tempo, catalogada como terceiro fabricante mundial de relógios.

Nota extremamente curiosa: o «futuro» Omega Electrónico F-720 e o Megaquartz (relógio de pulso cuja variação é garantida em 12 segundos por ano) lá estão a desafiar olhares cobiçosos. Mas, cuidado com as tentações: em escaparates bem resguardados e sob os olhares de peritos contra roubos (que estão bem atentos) os relógios estão ali só para vista...

MARIA DE CARVALHO

MISSA DO 30.º DIA

Sua Família participa que amanhã, dia 12, pelas 18 h. e 45 m., na Igreja de S. João de Deus será celebrada missa por sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este acto.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eduardo e Álvaro. Praça dos Duques — BEJA

Os Transportes Colectivos do Porto modernizam a sua frota com cincoenta autocarros

Dentro dum plano de renovação empreendido pelo Serviço de Transportes Colectivos do Porto, do qual resultará o aumento substancial da sua frota, avulta a aquisição, ultimamente feita, após concurso público, de 50 autocarros, adjudicada à firma AUTO-SUECO, LD.ª, com chassis, da marca VOLVO e carroçarias de SALVADOR CAETANO, I.M.V.T. SARL., de Vila Nova de Gaia.

Na execução desta encomenda foram consideradas soluções ultimamente estudadas pelos técnicos de SALVADOR CAETANO que, para o efeito, se deslocaram à Alemanha, França e Suíça, onde tomaram conhecimento dos processos mais recentes neste sector, no sentido de dotar tais autocarros com os mais modernos requisitos.

As carroçarias são de linhas elegantes e funcionais, e foram concebidas de forma a proporcionar o maior conforto aos passageiros, sendo de destacar o piso de borracha canelada, uma ptima insonorização e um agradável aspecto interior.

Independentemente destes requisitos, o público passará a usufruir de autocarros muito mais cómodos, devido à suspensão pneumática com que os respectivos chassis VOLVO estão equipados, e à facilidade de entrada e saída dos passageiros, que se fará por portas largamente dimensionadas.

Esta nova série de autocarros será pintada na cor laranja, que os tornará mais vistosos e atraentes, dando um novo colorido à cidade e, mercê do seu equipamento com motor sobrealimentado, obter-se-á uma melhor combustão de gasóleo utilizado, resultando assim que os gases de escape sejam mais limpos, logo menos tóxicos.

De notar também que estes autocarros funcionarão apenas com um motorista-cobrador, pelo que a cabine deste foi especialmente desenhada, de modo a permitir um trabalho rápido e seguro na dupla função que lhe caberá.

A entrega do primeiro destes autocarros, do total de 50 que vão entrar ao serviço muito em breve, foi feita ontem, pelos srs. Luís Jervell, João de Freitas e Carlos Castro, da firma AUTO-SUECO, LD.ª, numa cerimónia realizada na Fábrica de Gaia de SALVADOR CAETANO, I.M.V.T. SARL., onde os seus Administradores, Srs. Eng.º Ferreira-Rosa e Arménio T. de Madureira, e outros directores da Fábrica, receberam os Ex.ºs. Senhores Eng.º Nuno Vasconcelos Porto, Presidente da Câmara Municipal do Porto, Eng.º Jaime Pessoa, e demais membros da Administração e Direcção dos S.T.C.P., além dos orgãos de informação.

Os convidados percorreram as magníficas e modernas instalações de SALVADOR CAETANO, detendo-se na linha final, junto do autocarro completamente pronto e perto de outros já em adiantado estado de construção, sendo geral a boa impressão causada por esta unidade que em breve entrará ao serviço, e à qual se seguirão os restantes 49 autocarros idênticos.

No final, foi servido um beberete aos presentes, que serviu de pretexto para salientar a elevada confiança que o S.T.C.P. deposita na organização VOLVO e nos seus produtos, e na qualidade e métodos de produção das carroçarias de SALVADOR CAETANO.

Pelos representantes da firma adjudicatária foi também salientado o esforço e dinamismo dos quadros técnicos do S.T.C.P., que não se pouparam a esforços no sentido de que os novos autocarros fossem providos do equipamento tecnicamente mais perfeito e mais cómodo para os futuros utentes dos mesmos.

Presidente da Philips visita Portugal

No avião privativo da N. V. Philips' Gloeilampenfabrieken — Holanda, deslocou-se ao Porto, para visitar a fabrica de Ovar da Philips Portuguesa, o Vice-Presidente do Conselho Superior de Direcção da mundialmente conhecida organização holandesa, Senhor Dr. Piet H. Le Clercq e sua Esposa.

Acompanharam o Casal Le Clerq o Administrador-Delegado e os Membros do Conselho de Direcção da Philips Portuguesa e suas Esposas, bem como o Senhor Dr. Isphording, Director do Grupo dos Países Latinos da Philips Holanda.

A produção da fábrica de Componentes bobinados de Ovar contribui, em larga escala, para a obtensão do 26.º lugar do grupo das 100 primeiras empresas portuguesas exportadoras.

Visitou igualmente as instalações da Filial da Philips Portuguesa no Porto.

DL/NACIONAL

MARGA

O oftalmologista fará muito pelos seus olhos...

...MARGA OCULISTA fará o resto!

FORNECEDOR DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA.

OCULISTA MARGA | AV. DUQUE DE LOULÉ, 97-1º LISBOA | TEL. 55 38 49

LIVROS ESCOLARES

QUADRANTE

AV. LUÍS BIVAR, 85 - C

ESPERA

há palavras que o vento não leva...

O Disco Falado, da Sassetti, é sempre uma presença viva de cultura, de informação, de diálogo.
Do interesse das entrevistas a grandes homens da cultura, às gravações das grandes peças da oratória portuguesa.
Da mensagem poética à dimensão dos nossos dias, à actualidade e urgência de interessantes mesas redondas.

colecção textos literários
em lançamento:
sermão de Sto António aos peixes
de
Padre ANTÓNIO VIEIRA
textos ditos por
Ary dos Santos

Sassetti DISCO FALADO
à venda nas livrarias e discotecas

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

AEROPORTO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO E INSTALAÇÃO DE UM RADIOFAROL OMNIDIRECCIONAL DE VHF DOPPLER (D-VOR) E DE UM EQUIPAMENTO DE MEDIÇÃO DE DISTÂNCIAS (DME)

(Prorrogação do prazo do acto público para 15 de Novembro do corrente ano)

Faz-se público que, por despacho de 4 do corrente de Sua Excelência o Secretário de Estado das Comunicações e Transportes, foi prorrogado o prazo para o dia 15 de Novembro próximo, o concurso em epígrafe.

Assim o acto público do referido concurso realizar-se-á pelas 16 horas do próximo dia 15 (quinze) de Novembro do corrente ano na Sala de Reuniões do Aeroporto de Lisboa.

As restantes condições publicadas no primeiro anúncio continuam a ser válidas.

Aeroporto de Lisboa, em 8 de Outubro de 1973.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

A C. P. INFORMA:

NOVO SERVIÇO COMBINADO PARA S. FRUTUOSO, PENACOVA, REBORDOSA E POIARES

Em 15 de Outubro p.º futuro, é inaugurado um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, a cargo da Empresa Geral de Transportes, servindo S. Frutuoso, Penacova, Rebordosa e poiares, ao domicílio, através da Tarifa de Camionagem em Coimbra. Desta forma, a partir da referida data, todas as estações de caminho-de-ferro e despachos centrais de serviço combinado passam a efectuar despachos para aquelas localidades.

Por seu turno, nos Domicílios de S. Frutuoso, Penacova, Rebordosa e Poiares, aceitam-se despachos para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Câmara de Portimão 45 mil contos para 1974

Os problemas de salubridade e abastecimento de água constituíram o principal problema da última sessão da Câmara de Portimão, bem como os programas do bicentenário e cinquentenário das elevações de Portimão a cidade, o orçamento suplementar dos Serviços Municipalizados, o aumento do contingente de táxis, a concessão de férias aos funcionários municipais e de licenças para a ocupação da via pública com esplanadas.

Divulgado o plano de actividades para 1974 verifica-se que o programa se dispersa na construção, reparação e ampliação de redes de esgotos, de escolas, de ruas, estradas e pontes, de edifícios municipais, expropriação e aquisição de terras, e de material considerado necessário para o funcionamento dos serviços; manutenção ou adopção de medidas necessárias para prevenção e extinção de epidemias e defesa da higiene; concessão de subsídios a associações ou colectividades desportivas, musicais ou de beneficência; estudos para o melhoramento do trânsito, e para a municipalização dos serviços de limpeza e saneamento. Programa vasto, como se vê.

A despesa ordinária é calculada em cerca de 25 mil contos e a extraordinária em cerca de 20 mil, não se prevendo «a necessidade de contrair novos empréstimos, salvo os necessários à urbanização de propriedades municipais».

No que respeita aos serviços municipalizados prevê-se a continuação das obras do abastecimento domiciliário de água e da rede de distribuição de energia eléctrica.

É a seguinte a distribuição orçamental: esgotos do Alvor (continuação), 600 contos; esgotos da Figueira, Mexilhoeira Grande, Chão das Donas e Cruz da Parteira, 400; construção de arruamentos de acesso à futura estação rodoviária (1.ª fase), 300; arranjo da praça da República e arruamentos convergentes (1.ª fase), 300; conclusão da rua II, Praia da Rocha, 200; reforço das infra-estruturas da Quinta do Malheiro, mil; construção, pavimentação ou beneficiação de outros arruamentos em Portimão e Praia da Rocha, 400; nas restantes povoações do concelho, 400; aquisição de terrenos ou propriedades para urbanização, 2 mil; construção de casas para funcionários municipais (1.ª fase), mil contos; construção de ossários e catacumbas no cemitério de Portimão, 250; reparação do Matadouro Municipal e renovação do seu equipamento, 500; ampliação do cemitério, 300; aquisição do terreno para construção de escolas, 300; construção de instalações desportivas, 1500 contos; aquisição de terrenos para nova instalação de Mercados e Feiras, 200; construção do C. M. entre Canafichal e o limite do concelho (Barragem da Bravura), 200; E. M. 532 — 3.ª fase, construção do Lanço do Moinho Novo ao limite do concelho, 600; C. M. 1145, da E. M. 533 ao C. M. 1068 — Pachecos — lanço das Várzeas do Farelo ao C. M. 1068 em Pachecos, 300; C. M. 1068, construção do lanço de C. M. 1145, em Pachecos, a Arão, por Pereira a Canafichal, 300; C. M. 1068, construção do lanço do C. M. 1145 em Pachecos, ao limite do concelho, por Fonte Velha e Vale de Égua, 100; construção do C. M. de Arão a Mexilhoeira Grande, 100; construção do C. M. entre a E.N. 124 em Poço Seco e Companheira, 100; construção do C.M. entre a E. M. Portimão-Alvor e a E.N. 125 em Ponta Nova, 100; construção do C.M. de ligação entre Alvor e Praia do Alvor (Caminho da Barca), 100; construção do C. M. de Marachique, entre Pinheiro e a E. M. Alvor-Vau, 100; alargamento e beneficiação da E. M. entre Portimão e Alvor, 500; construção da Abegoaria e parque para recolha de veículos, oficina de reparações, 400; construção de casa para o Guarda, arrecadação e conclusão da estrada para a nova montureira, 300 contos.

Em colaboração com a Comissão Regional de Turismo do Algarve, prevê-se a execução das seguintes obras: saneamento da zona de Alvor-Portimão, 2500 contos; estação de tratamento, 500; construção das vias entre praia da Rocha e Alvor, passando por praia do Vau, entre Portimão e Montes de Alvor, 500.

Não previstas mas de reconhecido interesse turístico — o alargamento ou construção da estrada municipal entre Portimão e Praia da Rocha, incluindo passeios para peões e faixas para carrinhas e ciclistas, 800 contos; arranjo urbanístico da baixa de Portimão-zona ribeirinha, 500; conclusão do aeródromo de Portimão, dois mil contos; arranjo da descida principal para a Praia da Rocha, incluindo a zona até aos Castelos, 300 contos.

MECANÓGRAFAS

Admite grande Empresa de Transportes para as suas instalações em Lisboa (área de Campolide)

CONDIÇÕES REQUERIDAS:

- 2.º ciclo liceal ou equivalente, como habilitações mínimas.
- Curso de perfuração.
- Idade compreendida entre os 17 e os 30 anos.
- Aceitação de regime de trabalho por turnos.

CONDIÇÕES OFERECIDAS:

- Bom ambiente de trabalho.
- Regalias sociais.
- Oportunidade de valorização técnico-profissional.

Resposta ao n.º 937 indicando:

- Nome
- Data de nascimento
- Habilitações escolares
- Informação pormenorizada sobre o curso de perfuração e experiência profissional.

SINDICATO NACIONAL DOS OPERÁRIOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

SEDE NO BARREIRO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
CONVOCAÇÃO

Ao abrigo da alínea a) do Artigo 42.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato a reunir-se extraordinariamente na Sede Social, sita na Rua Miguel Pais, n.º 30, em Barreiro, no dia 16 de Outubro p.º f.º, em 1.ª convocação, pelas 18 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Alteração do número 2 do Artigo 14.º dos Estatutos (Aumento da Cota Mensal);
2 — Que o número 2 do Artigo 14.º dos Estatutos deixe de constar no Corpo dos Estatutos, passando para o anexo.

Se à hora marcada, não estiverem presentes o número de sócios para que a Assembleia possa funcionar legalmente, reunirá esta em 2.ª convocação, uma hora depois, com a presença de qualquer número.

Barreiro, em 8 de Outubro de 1973

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Osvaldo da Conceição Bonança Azinheira

3

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

DL/GERAL

Inaugurado o novo stand da IBA

Integrado num plano de remodelação da empresa que julgou conveniente melhorar em aspecto e dimensão os seus sectores de stand e exposição, (o que o levou a criar novas instalações) a Iba, Ld.ª representante em Portugal da Honda, abriu em Lisboa um novo stand denominado Palácio da Moto.

Pouco distantes das antigas, as novas instalações deverão manter sempre uma exposição de todos os modelos de motos e bicicletas representadas pela empresa.

As anteriores instalações ficam destinadas exclusivamente aos sectores de oficinas e peças que requeriam já maiores dimensões dado o volume de máquinas em circulação.

Aproveitando a inauguração do Palácio da Moto, dois jornalistas belgas do «Sport Moteur» deslocaram-se da Bélgica a Portugal, um dos quais utilizando uma máquina de 125 cc Honda.

O novo stand fica situado na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, em Lisboa.

A gerência da firma aproveitou a ocasião para oferecer a inúmeros convidados um beberete bem como a projecção de alguns filmes sobre as suas representadas.

Feira de moedas

LEIRIA — Na sede do Grémio Literário e Recreativo desta cidade, foi aberta ao público da I Feira Amostra de Moedas, certame inédito em Leiria e que está a despertar grande interesse, por parte dos coleccionadores numismáticos.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Extraordinária, para reunir no próximo dia 12 do corrente, pelas 21 horas, no Centro Social do Sindicato, Rua da Palma, 278, 2.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — *Informações sobre a arbitragem do C. C. T. Armadores da Marinha Mercante.*

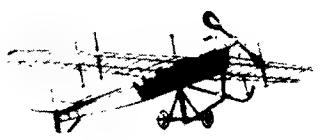
Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionará meia hora mais tarde com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 9 de Outubro de 1973.

Pel'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral — *Fernando José Alves de Figueiredo.*

NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTOS DUMONT PAI DA AVIAÇÃO



Foi em Paris, num dia ameno de Setembro de 1898, que o homem aprendeu a voar. Nascia assim a aviação mercê de um jovem engenhoso e voluntarioso, de nacionalidade brasileira, chamado Santos Dumont, aeronauta de vocação.
Essa máquina era ainda, no entanto, um misto de avião e de balão.
Arriscado, excêntrico, idealista indomável, Santos Dumont deu finalmente ao mundo a primeira demonstração pública de voo, num aparelho «mais pesado que o ar», em 1906.
As façanhas e a atribulada vida deste herói dos tempos modernos são-nos contadas, no centenário do seu nascimento, num artigo publicado no número de Outubro de Seleções do Reader's Digest. Reserve hoje mesmo o seu exemplar.

AUMENTOS DE CAPITAL

A Companhia de Seguros Aliança Madeirense, com sede no Funchal, foi autorizada a elevar o seu capital de 10 mil para 30 mil contos, mediante a emissão de 200 mil acções do valor nominal de 100 escudos cada uma.

Também a Companhia de Seguros União, com sede em Lisboa, foi autorizada a elevar o seu capital social de 2.000 para 30 mil contos, por incorporação de 28 mil contos de reservas livres, mediante a substituição das actuais 10 mil acções de valor nominal de 200 escudos por 60 mil novas acções do valor nominal de 500 escudos.

Por outro lado, a Chenop — Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal, com sede no Porto, vai igualmente aumentar o seu capital social de 430 mil para 515 mil contos, através da emissão de 850 mil acções de valor nominal de 100 escudos cada uma.

FILPLAST

SALÃO INTERNACIONAL DE PLÁSTICOS

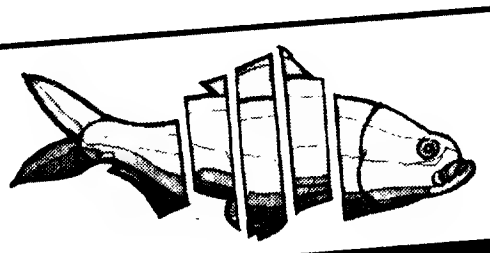
8 A 14/10/73

Dias úteis — para profissionais: das 15 às 20 horas
para o público: das 20 às 23 horas
Sábado e domingo: das 15 às 23 horas.

o peixe congelado desconhece a poluição

Preços por Kg

Chicharro	3.20
Sardinha	7.00
Cachucho branco	12.00
Marmota pequena com cabeça	10.00
Pargo pequeno	18.00
Peixe vermelho 'red-fish'	13.50
Bacalhau (às postas)	13.00
Bacalhau inteiro	12.50
Pescada/peixe inteiro até 0,250 Kg	11.00
de 0,250 a 0,500 Kg	13.00
de 0,500 a 0,800 Kg	15.00
de 0,800 a 1,500 Kg	17.00
de 1,500 a 2,400 Kg	20.00
Pescada/posta	17.00



PEIXE para SI
PEIXE para TODOS

PE — PVC — PP

Válvulas — Acessórios — Placas — Tubos — Varões
+GF+GEORGE FISCHER—SIMONA—AGRU
A mais perfeita Técnica ao Serviço da Indústria
Visite-nos na FILPLAST
GF
ENG. A. A. GONÇALVES FERREIRA
Stand N.º 63/64

ARMANDO MARTINS
ALFAIATE
Ex-contramestre de
LOURENÇO & SANTOS, LDA.
Participa aos seus clientes e amigos, que se encontra na
BRUTUS (Alfaiates)
AVENIDA DA REPÚBLICA, 56-B
Telefones 778033 - 777508
onde espera e aguarda, as s/ ordens.

DL/DESPORTOS

MAIS DE QUATRO MIL CONCORRENTES NO CORTA-MATO DA ESCANDINÁVIA

ESTOCOLMO — (A.N.I.) — A bandeira de Portugal figurou pela primeira vez na história da mais popular, longa e difícil prova de corta-mato da Escandinávia, a «Corrida de Lidingoe», que este ano bateu o recorde de concorrentes: 4326.

Consta a competição (que é, em corrida pedestre, e similar à «Corrida de Vasa» em esqui, no Inverno) de uma volta à ilha de Lidingoe, na periferia de Estocolmo, no total de trinta quilómetros, percorridos em ingremes subidas e descidas através de bosques e em redor de lagos.

A «Corrida de Lidingoe» é uma prova atlética que se reveste de características de festa popular, realizada tradicionalmente na primeira semana de Outubro. Dezenas de milhares de pessoas, de todos os cantos da Suécia e dos países vizinhos, invadem a ilha. O que exige uma extraordinária máquina organizadora e policial. Milhares de concorrentes e seus acompanhantes são instalados desde a véspera em escolas e centros desportivos, postos gratuitamente ao seu dispor.

Todos os participantes são rigorosamente amadores, devendo eles próprios pagar a sua inscrição na prova, que custa cerca de 180 escudos. O certame é individual, embora seja permitida a formação de equipas de todos os tipos de colectividades. O principal objectivo da quase totalidade dos concorrentes é a de chegar ao fim da corrida. Os que o conseguem recebem artísticos diplomas.

Promovida pelo mais importante diário escandinavo, o «Dagens Nyheter», e pelo clube local, a «Lidingoeloppet», pretende ser uma manifestação de propaganda dos exercícios físicos em larga escala e para toda a gente. Divide-se a prova em diversas classes: homens, corrida de 30 quilómetros de distância. Senhoras, 16 quilómetros, juniores-homens 16 quilómetros, veteranos-homens 16 quilómetros, veteranos-senhoras 10 quilómetros, e infantis, 10 quilómetros.

O mais jovem dos participantes tinha apenas 10 anos e o mais velho 78 anos. Havendo numerosos homens e senhoras de idades entre os 60 e 70 anos.

Além de representantes dos países nórdicos, registaram-se concorrentes também da Itália, França, Jugoslávia, Grécia, Checoslováquia, Turquia e Polónia.

O participante português, César Faustino, jornalista e conselheiro de Imprensa da Embaixada de Portugal em Estocolmo, incluiu-se entre os mil concorrentes que terminaram a corrida de 30 quilómetros. Cerca de 450 desistiram. E o vencedor foi o campeão nórdico da Maratona, Reino Paukkonen, da Finlândia, que triunfou pela segunda vez consecutiva.

ANDEBOL

Portugal-Espanha para o Mundial

Espanha e Portugal jogarão o primeiro encontro da sua eliminatória de qualificação para o Campeonato Mundial de Andebol no dia 10 de Novembro, em Cadiz. O jogo da segunda «mão» realiza-se no Porto, no dia 1 de Dezembro.

Os dinamarqueses Christensen e Suensson serão os árbitros do primeiro jogo, enquanto os tunisianos Malek e Osman dirigirão o segundo, em Portugal.

No mesmo grupo (o quinto) a Espanha defronta a Áustria a 25 de Novembro e a 15 de Dezembro.

A fase final do «Mundial» será na República Democrática Alemã, de 28 de Fevereiro a 10 de Março de 1974.

HOMENS-GOLO PARA A BULGÁRIA

Em Eusébio (que conduz a bola à frente do grupo de seleccionados) e Torres (na imagem a defender na baliza) confia José Augusto para a tarefa impossível de marcar golos (muitos golos) à Bulgária.

As imagens são do treino de ontem e por elas se prova, pelo menos, um facto: a selecção trabalha. Devagar, mas trabalha. O jogo é sábado à noite, no Estádio da Luz.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNOSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 6 DE 14 DE OUTUBRO DE 1973

Formula Jota — 112 2x1 x11 1x11; Noticias do Totobola — 1xx 22x xx1 221x; A Minha Matriz — 11x 222 xx2 1xx1; Ultimo Palpite — 1x2 xx1 12x 2xx1; Bondiazinho — 112 1x1 111 11x1; Brado Africano Desporto — 111 2xx x2x 2xx1; Brado Africano Ronga — 1x1 x12 xx2 2xx1; Domingo Alegre — 111 12x x11 112x; Jornal Desportivo — 11x 2xx x11 x211; Passatempo — 2x1 112 111 2x21; Revista Desportiva — 111 x22 11x xx12; Roteiro Sonoro — x11 1x2 x11 2111; Terceiro Programa — 1x1 1x1 211 11x1; 20 Ponto D — 111 112 111 x12x; Quelimane 73 — 1x2 121 1x1 2x11; Renovaçao — 111 x11 1x1 x211; Noticias da Beira — 122 2x1 x12 1211; Onda Desportiva — 1x1 22x 222 1221; Noticiário Desportivo — 121 221 x2x x221; Diário — 1x2 22x xxx 22x1; Açores — 122 2xx 112 1xx1; O Algarve — 11x 211 111 2xx1; Auto Rádio — 11x 22x 11x xx11; Beira Baixa — 111 x21 1x2 2111; Boa Nova — 111 2x1 1xx 2211; Boletim Desportivo TA — xx2 2x2 11x 12x1; Brados do Alentejo — 121 111 2x1 1111; Cavalgada do Ritmo — 111 111 112 x111; Jornal do Benfica — 1x1 221 x21 12x1; A Comarca de Arganil — 11x 212 1x1 2xx1; O Comércio de Leixões — 11x 211 1x1 2111; Comércio de Portimão — 111 x2x 111 12x1; O Comércio do Porto — 12x 22x 11x 2221; O Concelho de Estarreja — 11x xx1 12x 22x1; Correio dos Açores — 112 x1x 111 2x1x; Correio de Coimbra — 11x 22x 12x 22x1; Correio do Vouga — 111 211 121 1x21; A Defesa — 11x 2x2 1x1 2221; Às 10 Espere Por Nós — 111 xxx x12 x2xx; Diário dos Açores — 1xx 221 xx1 2111; Diário do Alentejo — 11x x1x x21 1x1x; Diário do Minho — 11x 2xx 1xx 22x1; Ecos de Cacia — 111 2x1 1x1 2111; Ecos do Desporto — 1x1 2x1 x22 2x21; Estrela da Manhã — x11 xx1 1x1 1211; Estúdio 64 — 112 2x2 1x2 2211; Eu Sei Tudo — 212 21x 1x1 2212; Folha do Domingo — 1xx 221 21x 2211; Dos Fracos Não Reza a História — x2x x12 221 2x22; Gazeta das Caldas — 111 x1x 1x1 xxx1; Gazeta do Sul — 11x 21x 111 2xx1; A Ilha — 111 xxx 112 2xx1; Imagens Piedenses — xx1 x11 11x 2111; Jornal do Barreiro — 11x x22 2x2 2xxx; Jornal da Beira — 112 xx1 1x1 1111; O Jornal de Felgueiras — 1x1 221 11x 12x1; Jornal do Fundão — x12 12x 111 x111; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa — 12x 112 112 1111; Jornal de Notícias — 1xx 2x1 121 22x1; Jornal de Sintra — 112 2x1 1x1 2x11; Jornal de Viseu — 11x 121 1x1 21x1; O Mensageiro — 111 xx1 111 x1x1; Linhas de Elvas — 111 xx2 21x 2x1x; Litoral — 11x 211 111 2111; Manchete Desportiva — 111 x2x 112 12x1; Maria da Fonte — x11 2x1 121 x221; Miscelânea Musical — 1x1 xx2 x11 x2x1; Montra do Êxito — 21x xx1 11x x22x; Mosaico — 12x 121 21x 21x1; Mundo Desportivo — 1x1 221 xxx 2x21; Música e Desporto — 11x x11 1x2 2xx1; O Norte Desportivo — 1xx 1x1 11x 22xx; Notícias de Chaves — 1x1 121 x11 11x1; Noticias do Douro — 111 211 12x x111; Noticias de Evora — 1x1 2xx 111 x21x; Noticias de Felgueiras — 111 2x1 x1x 211x; Noticias de Guimarães — 1x1 2x1 xx2 2x11; A Ordem — 121 111 1xx x2x1; Peça Que Não Maça — 111 2x1 x21 2xx1; Penalti — 1x1 221 111 2xx1; Placard Desportivo — 112 2x2 1x2 x211; Placard Desportivo Açores — 11x 22x 112 1x11; Povo Algarvio — 111 x21 x1x 1211; Presença Coimbra — 11x x21 12x 2x11; Programa da Manhã — 111 x21 x12 x2x1; Programa Sem Nome — 111 x21 111 x2x1; Quadrante Desportivo — 1x1 22x 1x1 2x21; Quadrante Norte — xx2 21x 111 1111; Rádio Altitude — 111 121 111 2111; Clube do Ar — 1x1 x11 121 22x2; Diário do Porto — 111 11x 11x 1212; O Primeiro de Janeiro — 12x 22x x21 x221; Ritmo e Amizade — 111 x11 1x2 121x; Diário de Lisboa — 1x1 22x x1x 2221; Epoca — 1xx 22x 12x 2x21; Rádio Oceano — x1x 2x1 xx1 22xx; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Rádio Sports — 111 xx1 11x 2211; Reconquista — 111 x11 x11 22x1; Renovação — 212 211 1x2 2xx1; Repórter do Dia-Angola — 111 x11 1x1 2111; República — 112 x11 222 2x11; Resenha Desportiva — 12x 2x1 x2x 2221; Revista de Som — 11x 2x2 1x1 1x1x; Só Rádio — 112 2x2 111 2x1x; O Sorriso da hora do almoço — 11x 221 1x2 2x11; O Templário — 112 x11 1x1 2x21; Gazeta do Zêzere — 111 2x1 1x2 2x21; Voz do Casa Pia — 111 2xx 111 2211; A Voz Desportiva — 11x 2x1 112 22xx; A Voz do Domingo — 111 1x1 121 2x11; Voz de Lamego — 11x 222 121 2221; A Voz de Palmela — 11x 212 x2x 21x1; A Voz dos Ridiculos — 111 221 11x 1111.

CONCURSO Nº. 6

13ª. ÉPOCA

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. PORTUGAL-BULGÁRIA	102	9	4	10	1	1	
2. OLIVEIRENSE-LOUROSA	70	28	11	8	3	1	
3. CHAVES-GIL VICENTE	58	37	20	6	4	2	
4. GOUVEIA-UNIÃO COIMBRA	21	31	60	2	1	6	
5. LAMAS-SANJOANENSE	34	13	38	4	1	4	
6. ESPINHO-BRAGA	63	30	20	7	3	2	
7. FAMALICÃO-FAFE	76	10	9	8	3	1	
8. ALHANDRA-SINTRENSE	51	7	21	6	1	2	
9. U.LEIRIA-PENICHE	38	12	29	4	3	3	
10. U.MONTEMOR-U.TOMAR	24	21	24	3	2	7	
11. TRAMAGAL-PORTIMONENSE	24	3	10		1	7	
12. ALMADA-MARINHENSE	12	13	21	1	1	2	
13. TORRIENSE-LUSITANO	93	14	3	9	2	1	

a) Nos termos do Art°. 109. do Regulamento Geral dos Concursos, e quando houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, os bolseiros extrairão os resultados do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A nova época será:
111 2X1 111 2211

DIVERSAS MODALIDADES

HÓQUEI EM PATINS

Para o «nacional» de juniores em hóquei patinado, completou-se a primeira «volta». Desfechos dos jogos de ontem: Sporting, 5-D. Bosco, 4 e Oeiras, 4-Luanda e Benfica, 4. Classificação actual: Sporting, 6 pontos; Oeiras, 3; D. Bosco, 2; Luanda e Benfica, 1. Amanhã, jogam Luanda e Benfica-D. Bosco e Sporting-Oeiras.

BASQUETEBOL

Hoje, pelas 21 e 45, o Algés defronta o All Stars Gilette, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, em jogo de basquetebol que pode redundar em boa jornada de propaganda da modalidade. Na formação lisboeta deve estar presente o americano Steve Beacker, cedido pela Académica de Coimbra. Antes do embate jogam as formações juniores do Algés e do CDUL.

FUTEBOL

As reservas de quatro lisboetas (Sporting, Belenenses, Benfica e Atlético) encontraram-se ontem à noite, no Restelo, para dois jogos referentes ao Campeonato da A.F.L. que ainda pertence à temporada 72-73 ... Batendo, respectivamente, o Benfica e o Atlético, as representações do Sporting e do Belenenses estão com o primeiro lugar à vista, mas não se sabe ainda quando é que a final se realiza. Ontem, os grupos e marcadores foram os seguintes:

BELENENSES: Ruas (Melo); Sambinha, Pereira, J. Cardoso e Júlio; Tozé, Lagartinho e Lopes; Pincho, Pombo e Ramalho.

ATLÉTICO: Aparício; Coelho, Caló, Amaral e Nogueira (Candeias); J. Eduardo, Leitão e Seidi; Vasques, Raimundo e Sadjá.

Golos: 1-1 (Ramalho e Leitão). Depois, em grandes penalidades para desempate, o Belenenses levou a melhor. Converteram os remates: Leitão, Sambinha, Caló, Pincho, Ramundo, Tozé e Lopes. Falharam: Pombo, Vasques, Ramalho, Coelho e Amaral.

BENFICA: Bento; Malta da Silva, Bastos, Rui Rodrigues e Calado (José Maria; Sheu, Pedroto e Rui Lopes; NFlinho, Diamantino (Maia da Silva) e Moinhos.

SPORTING: Valter; Duarte, Bastos, J. Carlos e Baltasar; Paulo Rocha, Vagner (A. Jorge) e Cabral; Manecas, Moniz e Palhares.

Golos: Nelinho, Diamantino e Cabral (2). «Penalties» convertidos: por Pedroto, José Carlos, Rui Rodrigues, Duarte, Sheu, Baltasar, José Maria, Bastos e Moniz. Remates falhados por Cabral, Moinhos e Nelinho.

Perante as bancadas vasias, futebol sem expressão. E foi um Sporting-Benfica em reservas... .

AS ESPERANÇAS A CAMINHO DE SOFIA

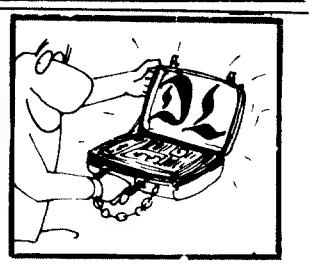
À hora a que esta edição do «DL» começa a circular, está a sair de Lisboa a selecção de «esperanças» de Portugal, que vai a Sofia defrontar a sua congénere bulgara. Como nota curiosa, o facto de a nossa selecção viajar no mesmo avião que transportou (de Sofia a Lisboa) a selecção «A» da Bulgária, que no sábado à noite defrontará Portugal, em jogo da fase preliminar do Campeonato do Mundo.

À última hora, duas substituições no conjunto das «esperanças» portugueses. Por motivos diversos, Barros e Vitor Martins não poderam seguir, tendo sido chamados Vala e Abreu.

Quanto a Fraguito (que sofreu um derrame no joelho recentemente operado ao menisco), seguiu para Sófia, embora seja problemática a sua inclusão na equipa.

Deste modo, partiram para a Bulgária os seguintes jogadores: Tibi, José Maria, Esmoriz, Laranjeira, Amândio, Pietra, Barbosa, Abreu, Júlio, Fraguito, Arnaldo, Nelson, Manuel Fernandes (do Farense) e Vala. O chefe da caravana é João Silva Louro, seguindo também viagem o major Arrabaça e o funcionário federativo João Afonso. O médico é o dr. Carlos Costa e o treinador é Peres Bandeira. Massagista: Hamilton Marques. O regresso da caravana está previsto para domingo.

motor revista



motor

Prémio Internacional «Lapinha»

14/Outubro — Autódromo do Estoril

AINDA MAIS SENSACIONAL!

ASSISTA PORQUE PODE SER SEU

UM FIAT 126

SORTEIO PÚBLICO DURANTE A CORRIDA!

Bilhetes à venda nas Agências A. B. E. P. e ABELHA e na Sociedade de Construções Lapinha e Filhos, Lda. em CASCAIS.

VOCÊ PRECISA DE UM FIAT 126

PETERSON, REUTMAN e o campeão da Europa, JARRIER

NO DIA 21 DE OUTUBRO

NO AUTODROMO DO ESTORIL

TOTOBOLA

Apostar por tendências, com «DOMINGO 13» (obra em dois volumes, contendo 45 esquemas do sistema «G. A. B.», totalmente desenvolvidos).

1. Volume (De 7 a 10 triplas - 18 esquemas) — 75$00
2. Volume (11, 12 e 13 triplas — 27 esquemas) — 125$00

Os dois volumes conjuntamente — 175$00

Envios à cobrança PEDIDOS A: Dr. J. M. Soares
Apartado 3085 — Lisboa 5

PORTUGAL-BULGÁRIA

O jogo n.º 1 do TOTOBOLA desta semana

1 X 2 TOTOBOLA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

	2 APOSTAS - 4800			4 APOSTAS - 9600			6 APOSTAS - 12800			8 APOSTAS - 16800			10 APOSTAS - 20800		
	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2
1 PORTUGAL-BULGÁRIA																											
2 Oliveirense - Lourosa																											
3 Chaves - Gil Vicente																											
4 Gouveia - U. Coimbra																											
5 Lamas - Sanjoanense																											
6 Espinho - Braga																											
7 Famalicão - Fafe																											
8 Alhandra - Sintrense																											
9 Leiria - Peniche																											
10 U. Montem - U. Tomar																											
11 Tramagal-Portimone.																											
12 Almada - Marinhense																											
13 Torriense - Lusitano																											
	1			2			3			4			5			6			7			8			9			10		

DIVISÃO

6

14 DE OUTUBRO DE 1973

NOME

MORADA

LOCALIDADE

(A não indicação do nome torna o bilhete nulo)

«AJUDE» VOCÊ TAMBÉM A EQUIPA NACIONAL A QUALIFICAR-SE PARA A FASE FINAL DO CAMPEONATO DO MUNDO

JOGANDO NO

TOTOBOLA

DL/GERAL

A Gulbenkian tem medo da crítica... ou de alguns críticos?

Começou ontem a temporada de concertos da Orquestra Gulbenkian. O «Diário de Lisboa» não recebeu pelo correio, como habitualmente, bilhetes para a crítica. Dirigi-me à sede da Gulbenkian munido duma requisição, supondo que o sistema de distribuição dos lugares destinados à crítica fora alterado. Cheguei cerca de dez minutos antes do concerto. Não havia bilhetes reservados para o «Diário de Lisboa». Pedi contacto com o Serviço de Música, foi-me sugerido pelo funcionário da bilheteira contacto telefónico através do porteiro. Este fez a ligação, e foi atendido, segundo me disse, pela sr.ª D. Fernanda Sidrais. Resposta: o assunto é da competência do Gabinete de Imprensa. Nova ligação: o chefe do Gabinete, sr. Marques Gastão, não estava.

Receei, por momentos, que se tivesse esgotado a lotação. Iriam os leitores do «Diário de Lisboa» ficar privados da habitual informação crítica acerca das actividades musicais da Gulbenkian? Não: afinal, havia imensos lugares vagos. Nem foi preciso comprar bilhete. Houve logo um amigo que me cedeu um...

Engano, lapso, distracção? Para já, prefiro admitir que sim. Mas faço justiça ao leitor que, como eu, **primo conspecto**, não pode deixar de estabelecer uma relação entre este estranho caso (dos bilhetes evaporados) e o inquérito que por minha iniciativa tem sido movido nestas colunas às actividades musicais da Fundação. Outro facto veio, aliás, adensar a suspeita: foi através de anúncios publicados noutros jornais, que não no «Diário de Lisboa», que tomei conhecimento do programa da temporada da Gulbenkian, inclusive da sua inauguração ontem. Pois quê: a Fundação já teria chegado ao extremo de pretender exercer represálias sobre a Imprensa (e sobre a inerente liberdade de crítica) através de pressões tão odiosas quanto ridículas, tais como a do corte de bilhetes e a do corte de publicidade? E nesse caso, a quem imputar a responsabilidade: ao Serviço de Música, ao Gabinete de Imprensa, ao Conselho de Administração, ao presidente da Fundação?

Não é que eu me sentisse pessoalmente lesado com a história, ou que ela pudesse afectar a missão informativa deste jornal... Enquanto houvesse bilhetes à venda (como hoje), continuaria a assistir aos concertos, a criticá-los e a informar os leitores. E, no meio disto tudo, quem sairia lesado não seríamos nós — o leitor, o jornal, o crítico — mas, a própria Fundação Calouste Gulbenkian. Imagine-se uma fundação que tem que ver com a cultura, o progresso e a difusão das artes, com o estímulo de todas as actividades intelectuais, com a educação e a elevação do nível mental da população deste país, mudar-se assim declaradamente para o campo da anticultura, da anticrítica, do obscurantismo, do analfabetismo... Não! Estou em crer que isso da crise da Orquestra, dos vícios de orientação dum Serviço, dos graves erros da política musical da Gulbenkian é apenas excepção e não consequência automática de males mais profundos, ou seja, consequência da própria diluição dos alicerces institucionais em que ela (Gulbenkian) assentava originalmente. Há-de vir decerto, e breve, o desmentido duma tal suspeita.

O mais importante no concerto de ontem era a apresentação do maestro Michael Tabachnik nas funções de director-titular da orquestra. Não sei até que ponto ele conhece ou está interessado em conhecer o meio musical português e os métodos de trabalho do Serviço de Música. Mas já é pouco abonatório, a este respeito, que não tenha manifestado empenho em convocar os representantes dos órgãos da informação para uma conferência de Imprensa. Porque, se esta se realizou, não tomei conhecimento, dela nem para ela fui convocado. Mas se aí houve uma vez mais discriminação terá sido com ou sem conhecimento do sr. Tabachnik? Concordará Tabachnik, que é suiço, com as tentativas de redução ao silêncio dos críticos que têm pontos de vista antagónicos dos seus, ou dos responsáveis pela direcção musical da instituição a que a partir de agora está ligado? E por outro lado, que tipo de medidas estará o sr. Tabachnik disposto a tomar para sanear a orquestra? E eis uma das perguntas que gostaria de lhe fazer em público se tivesse havido conferência de Imprensa ou se para ela eu tivesse sido convocado.

Em todo o caso, a avaliar pelo concerto de ontem, cheguei à conclusão de que há três coisas que o sr. Tabachnik deve evitar: uma é dirigir Bach, outra é compor, e a terceira é dirigir-se a si próprio (isto é, dirigir as suas obras). Deve evitar Bach, enquanto não extrair dele mais do que «curiosas» (se não pretenciosas) reconstituições históricas, que só servem para disfarçar a sua impermeabilidade ao pensamento profundo do autor. Deve evitar compor enquanto não tomar consciência de que a música contemporânea esta saturada de «clichés». Deve evitar dirigir o que compõe por elementar respeito para com o público.

Justo é salientar, porém, o seu trabalho primoroso numa obra, aliás admirável, de Bruno Maderna, agora dada em primeira audição, com colaboração solística relevante dos harpistas Jacqueline e Francis Pierre e dos pianistas Olga Prats e Hakon Austop. Maderna cria música (não amontoa fórmulas) e Tabachnik interpreta-a com a segurança e o «à vontade» de quem domina perfeitamente todos os segredos técnicos da linguagem musical contemporânea e com ela se identifica profundamente.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 128/73

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que no dia 17 do corrente mês pelas 10 horas, no Pavilhão dos Desportos uma hasta pública na qual serão postos em praça os lotes de terreno para construção n.os 551 e 552 e lote P situados respectivamente em Rua Cidade de Benguela e Impasse à Rua Fl Olivais-Sul.

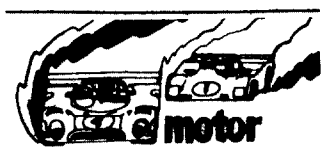
Os lotes antes indicados fazem parte da propriedade situada na Quinta da Fonte, freguesia dos Olivais, que veio à posse da Câmara por escritura de 30/3/44.

Em conformidade com o estabelecido no art.º 57.º do Decreto n.º 43.587, de 8/4/61, ficam por este meio notificados D. Maria José Gonçalves Zarco da Câmara Viterbo e seu marido Fiel da Fonseca Viterbo, moradores que foram na Rua da Junqueira n.º 61, em Lisboa, ou quem se julgar com direito, que naquela hasta pública podem exercer, querendo, o direito de preferência que lhes confere o art. 58.º do referido Decreto.

Paços do Concelho de Lisboa, em 9 de Outubro de 1973.

O PRESIDENTE,

António Jorge da Silva Sebastião



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 123/73

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber realizar-se no próximo dia 17, pelas 10 horas, no Pavilhão dos Desportos uma hasta pública na qual serão postos em praça os lotes de terreno para construção n.os 153, 154, 156, 157 e 158, situados respectivamente em Rua Furriel João Nunes Redondo e Rua eGneral Silva Freire — — Olivais-Norte.

Os lotes antes indicados fazem parte da propriedade conhecida por «Quinta das Côrtes», ou «Quinta do Estudante», freguesia de Olivais, que veio à posse da Câmara por escritura de 21/7/39.

Em conformidade com o estabelecido no art.º 57.º do Decreto n.º 43.587, de 8/4/61, ficam por este meio notificados Alfredo Alves Gouveia e esposa D. Flora Dyson Vaz Gouveia, moradores que foram na Praça de Mota Veiga, n.º 9, Olivais, ou quem se julgar com direito, que naquela hasta pública podem exercer, querendo, o direito de preferência que lhes confere o art. 58.º do referido Decreto.

Paços do Concelho de Lisboa, em 9 de Outubro de 1973.

O PRESIDENTE,

António Jorge da Silva Sebastião

televisão

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vária
13.15 Doris em apuros
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite
14.25 Fecho.

2.º Programa

19.00 Curso de Orientação monitores telescola
19.30 Telejornal — 2.ª edição
20.00 Há só uma terra
20.30 Circo
20.40 Mesa redonda
21.10 Cartaz TV

2.º Período

21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Noite de Teatro «Adorável Mentiroso»
23.35 Telejornal — 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
20.40 Um dia com...
21.00 Doris em apuros
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV «Randal e Hopkirk»
22.50 Expedição
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Castello»
13.00 Feminino singular
13.15 Um ano sem domingos
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Documentário - Turquia conheci-
14.15 Logo à noite
14.25 Fecho

2.º Período

19.00 Curso de orientação monitores Telescola
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Circo
20.00 TV Palco
20.30 Falando de ópera «Simão Bocanegra».
21.00 Cartaz TV
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 A vida dos outros
23.15 Reportagem do exterior «Reportagem da Cova da Iria»
23.45 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Castello»
20.45 Vária
21.00 Um ano sem domingos
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Convívio musical (Este é o Meu Show)
22.50 Encontro com o mundo «A Arte do Género Feminino»
23.20 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Águas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6222

meteorologia

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado apresentando-se muito nublado nalguns locais a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e havia nevoeiro ou neblina nalguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	15º
PENHAS DOUR.	14º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	18º
FARO	18º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Lisboa	
Máxima	**25º**
Bragança	
Mínima	**8º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	**18,5º**
Atmosfera	**15,5º**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.20	**3.9 m**	8.58	**0,8 m**
15.35	**4.0 m**	21.17	**0.7 m**
DIA 12			
3.54	**4.0 m**	9.33	**0.6 m**
16.10	**4.1 m**	22.27	**0.6 m**
DIA 13			
4.27	**4.1 m**	10.09	**0.6 m**
16.45	4.1 m	22.27	**0.6 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco; possibilidades de ocorrência de nevoeiro ou neblina nas terras abrigadas.

AMANHÃ

NASCER AS 7.43
OCASO AS 19.04

DIA 12 | DIA 18 | DIA 26 | DIA 3

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje: Philip Godhand-Tait
18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música popular portuguesa
19.10 Zarzuelas
20.00 Diário sonoro
20.30 11.º episódio do folhetim «Poema para uma Grande Orquestra»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música só música
21.50 Canções etas
22.10 Guitarradas pelo Conjunto de Jorge Fontes
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

15.50 Que quer ouvir
18.00 Música portuguesa
19.00 O canto o oss seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Diário sonoro
20.30 Música de câmara
21.00 A arte de Feodor Chaliapic (2.º PROGRAMA)
21.20 Tempo literário
21.45 Música sinfonica
22.00 Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (filho)
22.43 Andante e Rondó húngaro, op. 13, de Weber
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical: semanas musicais de Bodapeste 1972
23.40 Música de Pachelbel, pelo organista Helmut Winter
00.20 Música de Mozart e Mendelssohn
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Programa CDC
18.00 Movimento
21.03 Diálogo
21.10 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquário
22.30 Qunado o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
24.00 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.05 Programa CDC
18.00 O nosso programa
19.05 Vértice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à gó-gó
24.00 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO REENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Hora do recreio
18.20 Boletim litúrgico
18.25 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do Serviço de Noticiários e Reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Poesia e diálogo
21.15 Poente
21.30 Canções do seu agrado
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE R. DE PORTUGAL
6.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
14.30 às 19.30

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO 1-1

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Vieira da Rosa, R Prior do Crato, 74 (Telef 660137)
ALFAMA
Pereira, Rua do Paraíso, 98 (Telef 863224)
ALMIRANTE REIS
Cândido Monteiro, Av Almirante Reis, 121-B (Telef. 45751)
ALVALADE
Sanez, Av. da Igreja, 31-C (Telef 717505)
AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Telef. 731478)
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Telef 41845)
BAIXA
Valadas, Rua da Madalena, 235 (Telef 872060)
BELÉM
Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias, 63-A (Telef. 611454)
BENFICA
Ribeiro, Estrada da Luz, 199 (Telef 780969)
CAMINHOS DE FERRO
Conceição, Calcada D. Gastão, 30 (Telef. 381279)
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Telef. 686640); **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 1-9 (Telef. 662838)
CONDE REDONDO
Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 73 (Telef. 42239)
JANELAS VERDES
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telef. 691054)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)
MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp. 52-C (Telef. 43409)
OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais-Sul) (Telef. 313610)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395)
S. BENTO
Confiança, Praça das Flores, 59 (Telef 690401)
S. PAULO
Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (Telef. 369120)

TURNO 1-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusiadas, 30 (Telef. 630704)
ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (Telef. 728277)
ALVALADE
Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (Telef. 721409)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, (às Galinheiras) (Telef. 790969)
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (Telef. 44995)
BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94 (Telef. 321534)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte 11 (Telef. 311216)
BAIXA
Brites Moita, Praça da Alegria, 27 (Telef. 321149). **Cortez,** Rua de S. Nicolau 93 (Telef. 325378)
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193); **Belém,** Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Telef. 638193)
BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (Telef. 704828)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua Maria Pia, 358-A (Telef. 686176)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Telef 684424. Rua Maria Pia, 358-A (Telef 686176)
ENTRECAMPOS
S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (Telef 771469)
ESTRELA
Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (Telef 669485); **Rodrigues e Aires,** Rua da Lapa, 54 (Telef 662246)
GRAÇA
Branquinho, Rua de Sapadores 87 (Telef. 842725)
INTENDENTE
Intendente, Largo Pina Manique, 50-51 (Telef. 47838)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Telef 794174)
SETE RIOS
Curie, Av Madame Curie, 15-A (Telef 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, lote 10 (Telef. 2430691)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (Telef. 260087)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb G. Guerra, 40 (Telef. 280170); **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); **Carmelo,** R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303); **Helénica,** R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); **S. Jorge,** R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso de Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Cristo-Rei, Av. Cristo-Rei, 31-A (Telef. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef 2073035)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 18 (Telef 270254)
MOITA
Silva Rocha, P da Republica, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R José Joaquim Marques, 142 (Telef 230370)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef 229471)
SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Telef 22488)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

10.º TURNO

SUB-TURNO A

Canavarro, R. da Restauração, 53. **Constituição (da)**; R. da Constituição, 93. **Ferreira de Carvalho,** R. do Bonjardim, 354. **Oriental,** R. do Bonjardim, 727. **Padrão,** Largo do Padrão., 342. **Ramos,** Pr Exérc. Libertador, 91.

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda., R. de Cedofeita, 125. **Lidador (do)** R. do Lidador, 171. **Parente,** Rua das Flores, 114. **Sousa Soares,** R. de Santa Catarina, 141. **Vitória,** R. de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO I

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804); **Universal,** Pr.ª 8 de Maio, 35 (Tel. 23744); **Adriana,** Pr.ª DA República, 20-22 (Tel. 23609)

Estreias • cinemas • Estreias

ROXY (Tel 48560)
14 00 - 16 30 - 19 00 e 21 45
Grupo D (18 anos)
16.ª Semana! Technicolor Dustin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Petro Germ (Metro Intendente)

CONDES (Tel 322523-326710)
4 sessões diárias, 14 30, 16.30 18 45 e 21.45 3.ª semana!
Colorido Grupo B (10 anos. Chegou a hora da «barracada»... «TRINITA E SARTANA CONTRA TODOS». Com Robert Widmark e Harry Baiard.

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15 30 - 18.30 e 21 45
Grupo D (8 anos)
Technicolor Um filme de Kenneth Loach «VIDA EM FAMÍLIA»
Amanhã e sábado às 00 30
«Cinema fora de Horas»
«VIDA EM FAMÍLIA»

MUNDIAL (Tel 538473)
15 15 - 18.30 e 21 45
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana!
Eastmancolor A denúncia de uma sociedade corrompida «O SINAL VERMELHO» com Antonio Vilar, Maria Cruz, Paul Naschi e Hellen Harp
(Ar condicionado)

S. JORGE (Tel 54154/54153)
Hoje ESTREIA às 21 30
(Grupo D - 18 anos)
«AVANTI» - AMOR À ITALIANA» Deliciosa comédia de Billy Wilder com Jack Lemmon e Juliet Mills 15 15 e 18 15 últimas exibições de «A FURIA DO TIGRE»

ROYAL (Tel 865037)
15.00 e 21 00
(Grupo D - 18 anos)
«A MÃO DE FERRO» e em complemento «A BORBOLETA VERMELHA»

ESTUDIO (Tel 55310)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A Obra prima de Nagisa Oshima. «O ENFORCAMENTO». (Metro: Alameda)
Amanhã e sábado às 00 15
«O ENFORCAMENTO»

CASINO ESTORIL (Tel. 46264862)
15.30-18.30-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«HISTÓRIA DE UM DELITO» Eastmancolor. Com Lou Castel, Beba Loncar, Adolfo Celi e Massimo Serato

LONDRES (Tel 731318)
14 15 16.30, 18 45 e 21 45
Grupo D (18 anos) 7.ª Semana!
Da mulher objecto à mulher pessoa «Jane Fonda no filme de Joseph Losey «A CASA DA BONECA»

EDEN (Tel 320768)
15 30 - 18 30 e 21 45
(Grupo D 18 anos) 2.ª Semana
Color Catherine Spaak e Robert Blake «UM TIPO DURO DE ROER

RESTELO (Tel. 40604/5)
21.30
Grupo D (18 anos)
Technicolor. «CUIDADO COM AS CURVAS». Com Roger Varney, Doris Hare, Bob Grant e Anna Karen.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A preparação do crime politico do século «CHACAL» O filme de Fred Zinnemann

EUROPA (Tel 761016)
21 30
(Grupo D - 18 anos)
Tom Tryon e Romy Schneider e Carol Lynley «O CARDEAL» Panavision e Technicolor
15 15
(Grupo B - 10 anos)
«A ILHA MISTERIOSA»

VOX (Tel. 720808)
15.15-18 30-21 45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª Semana
Technicolor. Walt Disney Produtions apresenta «NANU, FILHO DA SELVA» com Tim Conway

ODEON (Tel. 32623)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Color. «SIMPLESMENTE MARIA» Com Saby Kamalich e Braulio Castilho.

MONUMENTAL (Tel. 551310)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
Panavision, Technicolor. George Scott Faye Dunaway. John Nills e Jack Palance em «O POÇO DO ÓDIO» Espectáculos extraordinários. Hoje ás 18.30. Grupo C (14 anos). «VOLTANDO AOS BONS TEMPOS». O cinema faz reviver os felizes anos 50. Ao vivo! No palco! Conjunto 1111

ROMA (Tel 727778
15.30 e 21.45
Grupo A (6 anos) 11.ª Semana!
Eastmancolor. Les Charlots «OS MALUCOS DA CASERNA».

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 18 30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color 2.ª semana!
Saby Kamalich - Braulio Castilho «SIMPLESMENTE MARIA»

POLITEAMA (Tel 326305)
ESTREIA às 21 45
(Grupo C 14 anos)
Franco Nero, Fl i Walach Lynn Redgrave «TRÊS BONS INIMIGOS»
Eastmancolor
15 15 e 18 15
(Grupo D - 18 anos)
«A ESPADA 'NVENCIVEL» As 00 30
(Grupo D 18 anos)
Ciclo Terror a Meia Noite Amanhã «COM A MALDADE NA ALMA Sabado MANEQUIM DESFIGURADO

IMPÉRIO (Tel 551345)
15 15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana
Metricolor Panavision Maggie Smith Alec McGowen «AS VIAGENS COM A MINHA TIA» (Metro: Alameda)

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15 30, 18 30 e 21 45
Grupo D (10 anos) 8.ª Semana
Gene Hackman e Al Pacino «O ESPANTALHO» (Eastacionamento Parque Castil)

SATÉLITE (Tel. 50595)
15.30 - 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana. Um filme de Alain Tanner «O REGRESSO DE AFRICA
Amanha e sábado às 00 15
«REGRESSO DE AFRICA»

CINEARTE (Tel. 660446)
Encerrado temporàriamente para beneficiações

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 73318)
15 15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
9.ª Semana! Technicolor. Um filme de Hal Ashby. «ENSINA-ME A VIVER» com Ruth Gordon e Bud Cart
Hoje às 24.00
(Grupo D - 18 anos)
Clássicos à Meia Noite
«AS QUATRO NOITES DE UM SONHADOR» de Robert Bresson

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45 2.ª Semana!
Grupo D (18 anos) Um filme de Jean Louis Trintignant. «UM DIA EM CHEIO

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Cândido»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Que medo senhor Alfredo»

VARIEDADES
21 45 (18 anos)
«Um padre à italiana»

A. B. C.
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Tudo a nu»

COMUNA
21 45 (14 anos)
«Brincadeiras»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Uma mulher perigosa»

JARDIM CINEMA
21.30 (14 anos)
«Os cow-boys»

PROMOTORA
21 00 (18 anos)
«O salto do Anjo»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A morte chega do passado»

CINE-ODIVELENSE
21.15 (10 anos)
«Aventuras de Gerard»

SACAVÉM
S. José
21 00 (18 anos)
«O assassino de Trotsky»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Desforra apache»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (14 anos)
«O mundo a seus pés»

ESTORIL
Casino
15.30-18.30-21.30 (18 anos)
«História de um delito»

Esplanada
21.30 (14 anos)
«A fúria do cangaceiro»

Palácio
2130 (14 anos)
«Um violino no telhado»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Aventura é aventura»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«A queda de um ídolo»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Duas mulheres... um destino»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Camelot»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«O Muro do Atlântico»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Beijos roubados»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Os horrores de Frankenstein»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21 45 (18 anos)
«Dois num guarda-vestidos»

ANTÓNIO PEDRO
21 45 (18 anos)
«Vítimas do dever»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21 30 (14 anos)
«Jamaica» e «O homem sinistro»

VALE FORMOSO
15.30 (18 anos)
«Big Boss - o implacável»

PASSOS MANUEL
21 30 (18 anos)
«O charme discreto da burguesia»

JÚLIO DINIS
21 30 (18 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinita»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A lição particular»

S. JOÃO
15 30 (18 anos)
«A Casa dos desejos»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«Ulzana, o perseguido»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O vampiro negro»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O direito de nascer»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Mulher à deriva»

BATALHA
15 00 (6 anos)
«Os malucos do estádio»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O mundo do vício»

GIL VICENTE
21 30 (18 anos)
«O rebelde genial»

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo!»

SOUSA BASTOS
21 30 (18 anos)
«Desejo de amar»

motor revista

BARS BOITES Restaurantes típicos DANCINGS

ESPADARTE CLUB **Sesimbra** Discoteca c/ peq. progr. de fados e musica de folclore às 2.as, 3.as, 4.as e 6.as Encerrado aos domingos **Tel. 229189.**

NINA _ **Dancing** com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167**

CASINO ESTORIL _ Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

HIPOPÓTAMO __ Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SOLAR DA HERMINIA _ Herminia Silva hoje e sempre **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

TAMILA Marão e s, conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117**

SAN-PAYO __ Bar-boite c/ musica constante Aberto até às 5 h. da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado)

CACO __ **Dancing** com musica ambiente, com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

Exposições

BELAS-ARTES __ Exposição permanente da organização da Sociedade Nacional de Belas-Artes (das 14 às 20 h.)

CASINO ESTORIL _ Trabalhos de Olabarrieta, Ana Vaz e Clemen Bello (das 15 às 3 h.).

PALÁCIO FOZ _ Pinturas de Lemos da Silva.

XI SALÃO DE ARTE MODERNA __ No Pavilhão dos Congressos, no Estoril (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.)

CENTRO ESCOLAR DR. SALGUEIRO DE ALMEIDA Arte infantil (das 21 às 23 H. nos dias úteis; aos domingos, das 16 às 23 H.)

DIPROVE Desenhos satíricos de diversos autores espanhóis.

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) Trabalhos de Cândida Cunha (das 10 as 12 e das 14 às 20 h.)

CONVITE AOS ODONTOLOGISTAS

Convidam-se todos os odontologistas não sindicalizados a comparecerem no próximo sábado, pelas 16 horas, no Hotel da Batalha, para um colóquio de interesse para toda a classe.

DL/GERAL

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

CHEGADA DE NOVAS TROPAS À GUINÉ

BISSAU, 11 — (ANI) — «*As nossas missões aqui na Guiné são sempre de defesa da integridade do território nacional, serão sempre se protecção às populações, serão sempre de ajuda às populações*» — afirmou o governador e comandante-chefe das Forças Armadas na Guiné, general Bettencourt Rodrigues, no campo de instrução militar do Cumere, ao discursar na cerimónia de recepção a tropas recentemente chegadas a Bissau.

«*Temos de ser intransigentes, temos de ser audazes na defesa da integridade do território e na protecção das populações. As populações desta terra*», concluiu, «*carecem de nossa ajuda para conseguirem acelerar a sua promoção sócio-económica*».

Finda a cerimónia e depois do desfile em continência das tropas em parada, o general Bettencourt Rodrigues reuniu-se com oficiais e sargentos das tropas recém-chegadas, a quem expôs os traços gerais da política a desenvolver.

Assistiram ao acto o comandante militar, o chefe do Estado-Maior do comandante-chefe, e outros oficiais superiores.

BANCO APEDREJADO NA AVENIDA DE ROMA

Um grupo de pessoas, que tentou organizar uma manifestação na via pública, não autorizada, apedrejou ontem à noite, cerca das 22 e 30, a delegação do Banco Português do Atlântico situada na Avenida de Roma. Interveio a PSP, mas os manifestantes conseguiram fugir.

MENOR MORTO A TIRO

ALENQUER — O feitor da herdade de Monte Pombal, na Ota, José Vicente João, de 52 anos, alvejou a tiro dois jovens de um grupo de cerca de uma dezena, que ali se encontravam a caçar furtivamente, tendo um deles perdido a vida. As vítimas são: José Joaquim Machado, de 14 anos, filho de Joaquim Anselmo e de Mercedes Rosa Machado, residentes na Ota, que morreu; e outro menor, de nome João, mais conhecido por «João Mioca», de Aveiras de Cima, que sofreu alguns ferimentos.

O autor dos tiros encontra-se detido no posto da G.N.R. local, estando em curso averiguações para o esclarecimento do caso.

MORREU UM AGENTE DE TRÂNSITO

SETUBAL — Morreu pouco depois de ter dado entrada no Hospital de S. Bernardo, o agente da Brigada de Trânsito da GNR de Lisboa, Ricardo Manuel da Silva, de 32 anos, devido a uma queda da motocicleta que conduzia. O referido agente acompanhava, como batedor, o transporte de uma peça de grande volume, destinada aos estaleiros da Setenave e, ao passar no sítio das Pontes, teve um ligeiro atraso por avaria da moto. Reparada esta, prosseguiu a marcha, mas um dos pneus rebentou, originando a que se desiquilibrasse. Porjectado à distância, bateu violentamente numa pedra, ficando em estado muito grave. Era natural de Montargil e deixa dois filhos menores.

NOVOS CURSOS

cial
CENTRO DE LINGUAS

LISBOA * COIMBRA
T. 533733 T. 23173

VIAGENS
EXCURSOES
CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp 11/Telef 563401/Lisboa
obtenção urgente de passaportes

EMELLI
ARTIGOS ELÉCTRICOS
EXPOSIÇÃO DE
CANDEEIROS
Nacionais e Estrangeiros
de trabalho e decorativos
NOVOS
DIFERENTES
VARIADOS
Rua Santa Justa, 97-99
LISBOA

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS PENSIONISTAS

Passa a ser concedida assistência médica e medicamentosa, enquanto durar a doença, a todos os familiares dos beneficiários da Previdência que tenham direito a pensão de sobrevivência nos termos do Regulamento Especial do Regime de Pensões de Sobrevivência da Caixa Nacional de Pensões. Estas prestações em espécie, reconhecidas como «direito próprio dos pensionistas de sobrevivência, deverão ser asseguradas incondicionalmente àqueles pensionistas», segundo os termos do despacho da Direcção-Geral da Previdência hoje publicado.

O diploma visa eliminar os condicionalismos que até aqui excluíam, em certos casos, a atribuição do direito às prestações em espécie do seguro/doença ao cônjuge sobrevivente e descendentes do beneficiário falecido. Tal direito passa a ser reconhecido àqueles pensionistas sem dependências das condições verificadas à data da morte do beneficiário.

ODONTOLOGISTA

PORTO — Uma comissão de odontologistas composta por Daniel Miranda dos Santos, Celso Coelho, Carlos Pinto Santos, José Rodrigues Pereira e Valentim Oliveira, foi recebida pelo ministro dr. Baltazar Rebelo de Sousa.

A referida comissão expos àquele membro do Governo os problemas com que a classe se debate, era consequência do não reconhecimento legal da profissão.

Cooperação económica URSS-Japão

MOSCOVO, 11 — (F. P.) — O primeiro-ministro japonês Kakuei Tanaka discutiu com os dirigentes soviéticos a conclusão de um tratado de paz entre os dois países, tendo as duas partes concordado em prosseguir as conversações a este respeito "durante um período apropriado de 1974" — indica o comunicado conjunto que assinalou o tempo da visita de Tanaka a Moscovo.

No plano económico, o Japão e a União Soviética assentaram na "necessidade" de desenvolver a sua cooperação, designadamente em relação a exploração dos recursos naturais da Sibéria, "cooperação essa que não exclui a participação de terceiros países" — salienta o comunicado. As duas partes reconheceram igualmente a "necessidade de desenvolverem a sua cooperação no capítulo da utilização pacífica da energia atómica".

No plano político, as duas partes pronunciaram-se no sentido de efectuarem consultas periódicas ao nível dos ministros dos Negócims Estrangeiros e consideraram que os problemas da Indochina deverão ser resolvidos "pelos povos desses países sem ingerência estrangeira". Manifestaram, por outro lado, a sua "preocupação" perante os acontecimentos do Próximo Oriente e o desejo de se estabelecer uma paz "justa e duradoura na região".

Leonid Brejnev, secretário-geral do P. C. Soviético e Alexei Kossyguine, presidente do Conselho, aceitaram o convite que lhes foi formulado para visitarem oficialmente o Japão.

PROSSEGUE NO PORTO O JULGAMENTO DE ESTUDANTES

PORTO — Prossegue hoje, no Tribunal de Polícia, o julgamento de 92 estudantes, acusados de praticarem destúrbios na Universidade, quando da manifestação de protesto contra a actuação dos coros universitários.

Na audiência de ontem, presidida pelo juiz dr. Elias da Costa, sendo delegado do Ministério Público o dr. António Adolfo de Castro, prosseguiu a inquirição ao chefe de esquadra da P. S. P. Manuel Silva. Referiu o agente de autoridade apenas as ocorrências verificadas na via pública, uma vez que não interveio nas que decorreram no salão nobre e na reitoria. Acrescentou, ainda, que não esteve presente a identificação dos acusados, que se verificou no comando da P. S. P..

O dr. Arnaldo Mesquita, patrono de alguns réus, disse não prescindir da audiçao do declarante prof. dr. Sousa Pereira, arrolado pela sua constituinte Regina Maria Vieira Castro Alves e outra. Disse que a conjugação dos ofícios e do telegrama (apensos ao processo e subscritos pelo reitor da Universidade) torna necessariamente justificação legal, pelo que deveriam ser aplicadas ao faltoso as cominações da lei, a fim de que o prof. Sousa Pereira preste declarações. Requereu, ainda, nova audição do autuante, considerando que o mesmo fosse ouvido em seguida.

No entanto, o delegado do Ministério Público, dado que a defesa não prescinde da presença do prof. dr. Sousa Pereira "por certamente julgar úteis oo esclarecimentos do declarante" entendeu que ele "devera vir a juízo prestar tais declarações". Relativamente ao telegrama concluiu do seu teor que a falta do declarante está justificada por se ter deslocado a Lisboa em serviço..

O magistério, por sua vez considerou justificada a falta do prof. Sousa Pereira, pelo que indeferiu o requerimento do dr. Arnaldo Mesquita, no que se refere a aplicação das medidas cominatórias. Ordenou, no entanto, que fose requisitada, mais uma vez, a presença do aludido declarante. Relativamente às declarações complementares do autuante, capitão Lopes Gomes, não julgou "indispensável nem conveniente à economia processual a sua nova audição neste momento", pelo que ficavam reservadas para o final da produção de toda a prova.

TREZENTAS MIL CRIANÇAS ESTÃO AINDA POR VACINAR

Como foi oportunamente noticiado, a Direcção-Geral de Saúde promoveu uma campanha de vacinação em massa contra o sarampo em todos os distritos do continente durante os meses de Junho e Julho.

No decurso daqueles dois meses foram vacinadas 152 000 crianças, estando calculado entre 250 000 e 300 000 o número de crianças que, até aos cinco anos, ainda não tiveram o sarampo e se encontram, portanto, na eventualidade de o contrairem.

Assim, já principiou a segunda fase da campanha em Aveiro, Lisboa, Portalegre e Porto. Eis o calendário dos próximos dias:

Outubro: dia 16, Vila Real; 22, Évora; 29, Guarda e Bragança. Novembro: dia 5, Beja, Leiria, Santarém, Viana do Castelo e Viseu; 12, Castelo Branco; 15, Coimbra; 19, Faro.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

Um acordo colectivo de trabalho com a Companhia das Águas de Lisboa foi discutido no Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa.

Segundo informação fidedigna por nós obtida esta manhã, «o acordo foi assinado pela Direcção do Sindicato sem conhecimento da respectiva Comissão Directiva da Secção de Actividade».

Trezentos e cinquenta empregados estão abrangidos por um acordo «que levantou acesa discussão durante mais de duas horas».

«Ficou tudo no vago» — disseram-nos.

Por tal motivo, e também para se dar cumprimento à Orem de Trabalhos marcada para ontem (alterar e votar as Contas e o Relatório anual da Direcção, relativos ao exercício de 1972), efectua-se nova reunião no Sindicato no próximo dia 27 do corrente

DESPEDIMENTOS DISCUTIDOS

Com a presença de cerca de uma centena de sócios, decorreu a noite passada, na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, uma assembleia geral extraordinária da 24.ª secção de actividade, de cuja ordem de trabalhos constava a discussão do despedimento sem justa causa de empregados de Organismos Corporativos, e dos Estatutos dos Empregados dos Organismos Corporativos.

A reunião, que foi presidida por Mendes Galante, iniciou-se cerca de trinta minutos depois da hora prevista. Após a leitura da acta da sessão anterior, a assembleia ocupou-se dos problemas que deram origem à demissão de alguns dirigentes sindicais, não se tendo chegado a nenhuma conclusão, pelo que foi marcada uma nova assembleia geral para o próximo dia 17.

NOTAS VÁRIAS

PLANO DE FOMENTO — APOIO RURAL

A Comissão de Planeamento da Região do Norte, no sentido de contribuir com a urgência requerida para a definição da rede de centros de apoio rural no Plano de Fomento, está a proceder a uma série de estudos que permitam a proposta fundamentada das soluções mais convenientes. Um questionário enviado às juntas de freguesia aborda os seguintes assuntos: condições de habitação da população; comércio e outros serviços; indústria; transportes; comunicações; ensino e cultura; saúde e assistência; infraestruturas; e equipamento diverso.

INTERCÂMBIO LIVREIRO LUSO-ESPANHOL

Durante uma reunião na Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola, presidida pelo ministro dos Assuntos Económicos da Embaixada de Espanha, foi criado o sector «Livros», para o incremento do intercâmbio livreiro entre os dois países. Direcção: dr. Alberto Monteiro, José Luís Goya, eng. Eduardo Ferreira, Manuel Ferreira da Costa e Maria do Céu Santos.

CERÂMICAS SANITÁRIAS

Está reúnido no Algarve o Congresso da Federação Europeia dos Fabricantes de Cerâmica Sanitárias. Estão presentes catorze países. Objectivos: formatos e dimensões da louça sanitária na Europa e estudo das estatísticas apresentadas por cada país. Provou-se que Portugal tem acompanhado os valores de crescimento registados além-fronteiras.

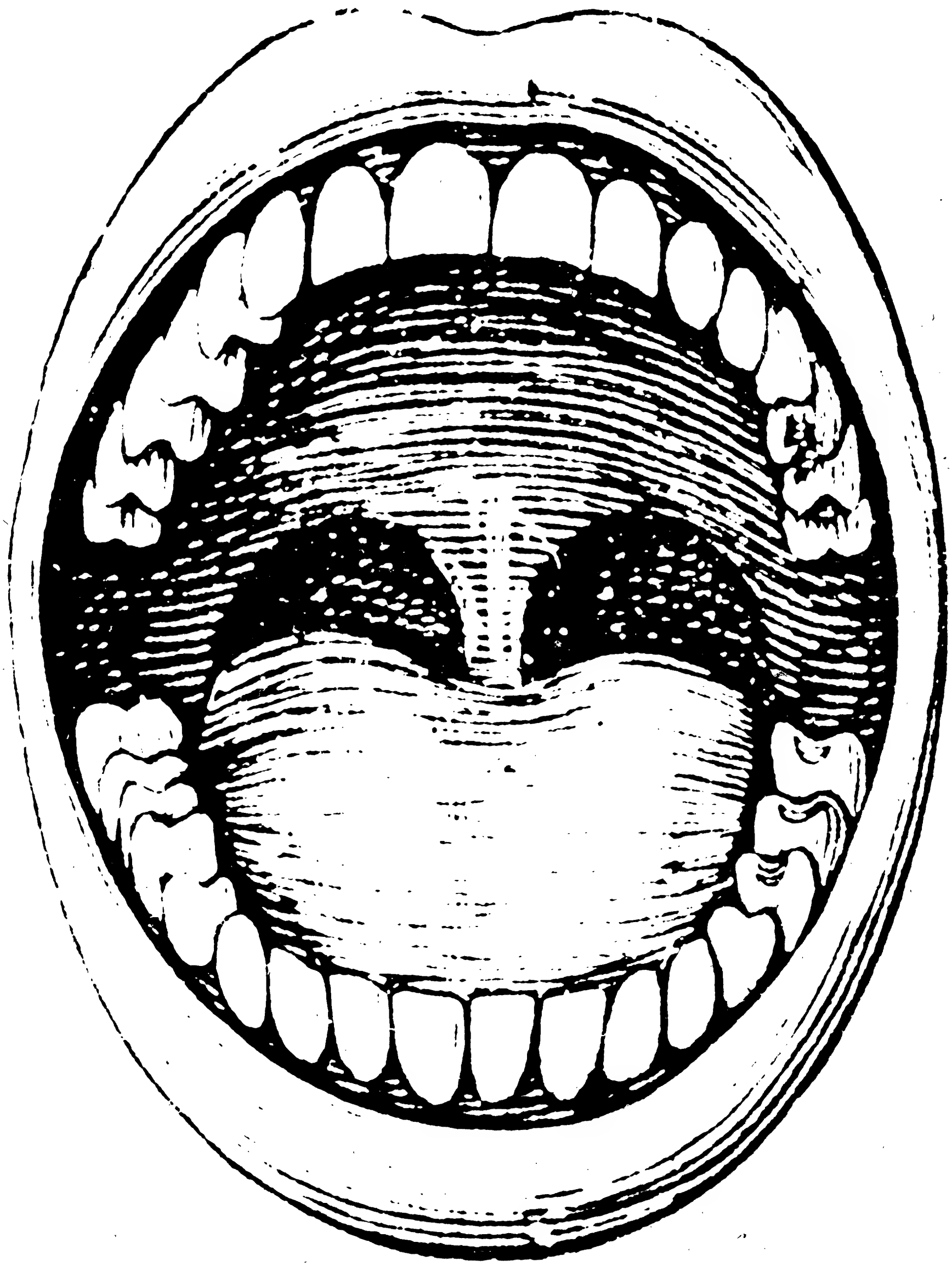
RECURSOS DO MAR

O problema da poluição foi o tema tratado com maior incidência na reunião anual do Conselho Internacional para a Exploração do Mar, que ontem terminou na Fundação Gulbenkian, após sessões de trabalho que se prolongaram por doze dias.

Foi constituído um «comité» que ficou encarregado de efectuar a coordenação de todos os elementos coligidos pelos «comités» nacionais de forma a poder efectuar-se um estudo profundo tendente ao aproveitamento dos vastos recursos vivos do mar.

Central térmica de Moçambique

O Governo-Geral de Angola foi autorizado a contratar com uma firma da especialidade a execução, por empreitada, da construção da central térmica de Moçâmedes por importância não superior a 76 895 contos, escalonada por sete anos.



SUPLEMENTO LITERÁRIO

INTERVENÇÃO CRÍTICA

FERNANDO LUSO SOARES

"UM DEUS NA PALMA DA MÃO", de Josué da Silva

Com Adorno a arte despede-se radicalmente da sua tendência histórica e da confiança no porvir. Em toda a «grande arte» __ escreveu o autor das **«Notas sobre Kafka»** __ domina a ascese frente ao futuro. Aquela limita-se a ser fundamentalmente uma problematização da realidade social. Mas eu creio que essa não é a posição de Josué da Silva, não obstante António Firme (personagem fulcral do seu último romance) rematar o respectivo texto, a págs 368, com esta frase: «... já me sinto cansado para lutar por uma inocência que, embora autêntica, no meio de tudo isto até me parecia ridícula». Josué da Silva e Firme (ou Firme e Josué da Silca __ já veremos porquê esta identificação de autor e personagem) dão-nos uma perspectiva diferente: __ no horizonte há um longo caminho a percorrer e é sempre possível, no final, termos um deus colhido na palma da nossa mão.

A verdade é que a leitura deste romance nos mostra claramente a personalidade do seu autor. Não quero referir-me exactamente ao facto de António Firme ter muitas semelhanças com o seu «criador». Presumo que as tem em face das raízes donde arrancará a consciencialização de a nota biográfica que antecede o texto (e define o autor) se referir à sua «resolução pela cólera». O que pretendo neste momento é colocar aquele problema da «comunicação narrativa» a que se referiu Barthes no seu conhecido ensaio intitulado «Introdução à análise estrutural da narrativa». O que pretendo em suma é perguntar, diante de **«Um Deus na Palma da Mão»**, quem constitui o seu verdadeiro doador.

Barthes alude a três concepções que parece terem ficado claramente definidas até hoje. A primeira diz-nos que a narrativa é emitida por uma pessoa no sentido psicológico do termo, a qual tem um nome e um ser (o do autor) em que se trocam sem interrupção a «personalidade» e a «arte» de um indivíduo perfeitamente identificado __ e então a ficção (particularmente o romance) não constituirá mais do que a «expressão de um eu» que lhe é exterior. Diferentemente, a segunda concepção faz do narrador uma espécie de consciência total, aparentemente impessoal porquanto emite a história de um ponto de vista superior, como se fosse um deus criativo __ e agora o narrador é ao mesmo tempo interior às suas personagens (pois sabe tudo o que nelas ocorre) e exterior (pois não se identifica de todo com elas). Por fim a terceira concepção, a mais recente, partilhada por Henry James e Sartre, sustenta que o narrador deve limitar a história àquilo que pode ser observado e sabido pelas personagens __ e daí tudo se passa como se cada uma delas fosse, uma de cada vez, a emissora da própria narrativa.

O que quero notar perante as diferenças específicas destas três concepções é que, na verdade, constitui característica exacta de **«Um Deus na Palma da Mão»** aquela que se invoca na nota biográfica há pouco referida. Trata-se, com efeito, de uma «obra truculenta e heterodoxa» onde está patente a forte personalidade do autor, onde preside uma consciência total que ora se interioriza nas personagens ora se exterioriza em manifestação de uma racionalidade esquemática, onde enfim noutros passos as personagens são os quadros definidores dos acontecimentos. Há mesmo neste livro uma passagem da qual, em estudo mais desenvolvido, poderíamos partir para a demonstração de semelhante eclectismo nas relações «autor-obra». Refiro-me à súbita incursão daquele, bem pessoalizada a págs 66, que chega a produzir no leitor uma curiosa sensação de o texto se repartir em dois termos simultâneos: o da «narração do autor» e o da «narrativa em si». Repare-se.

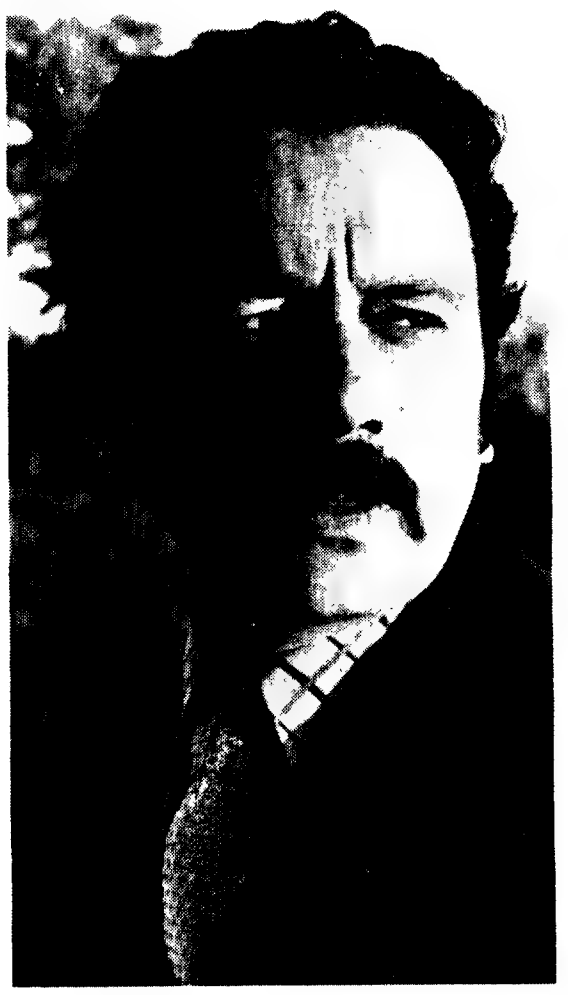
O texto vem «falando» na terceira pessoa: «Inesperadamente, alguém o impusera como autor da proeza, embora o nome do acusador ficasse oculto». Depois, numa mutação repentina, o mesmo texto passa a falar-nos na primeira pessoa: «Minha noite sagrada de desespero incólume, meu estro de amargura, meu corpo dorido de uma violência que me frustra os fantasmas que mantenho, meu corpo exausto de galopadas doidas numa batalha sem desforra...» __ e logo após vemos o regresso (do autor) à terceira pessoa, a personagem António Firme: «... agora ele ali estava tolhido de frio, perdido que andou nas névoas que o alucinam __ as que o habitam, e as que o mar exala sobre a vila como um demónio bafejante». Assinalo tal particular para dizer que não entenderá o processo deste heterodoxo romance quem, na verdade, não souber compreender que é deliberada a atitude interventora do autor. Não se trata de fazer literatura, antes sim de esventrar uma natureza assumida em consciência: __ que a realidade no romance se objectiva através do discurso literário do autor, invólucro de uma seleccionada realidade social extra literária.

Por estas mesmas razões reputo bastante ajustadas as palavras com que há dias abria uma entrevista dada por Josué da Silva a um diário da tarde. **«Um Deus na Palma da Mão»** __ escrevia-se no «Diário Popular» de 30 de Agosto último __ a par de uma aventura estilística levada a efeito na busca do rigor e de novas formas expressivas, permite-nos detectar «um acto interventivo de sinal polémico» e «a preocupação moral do autor em agir sobre um determinado tipo de sociedade cominatória», já que «o discurso de Josué da Silva surge como um admirável levantamento social de um tempo específico» (sic). Evidentemente, não peço perdão destas transcrições. Elas servem-me a demonstração daquilo que por outras palavras precisamente quis dizer.

Montado segundo uma série de sequências que entre si possuem uma solidariedade funcional, **«Um Deus na Palma da Mão»** é obra de ficção capaz de tentar o praticante de análises estruturais. Impossível é, portanto, procurar um entendimento pleno deste romance de Josué da Silva através de uma leitura linear. Ele constitui todo um sistema múltiplo, uma combinação de unidades menores ou segmentos do discurso narrativo. Só uma completa operação divisória desses segmentos, mas de todos, e depois a sua remontagem, nos levará a vermos quanto vale, como conteudo realista (dialéctico), esta extensa narrativa de muitas narrativas.

A linha de narração que poderemos chamar «espinal», informada por uma dialéctica de sentimentos onde predomina o ódio, traduz-se no projecto de um crime que chegará a ser tentado no final da primeira parte. António Firme fica-se a dois passos de conseguir a consumação da morte de Valdo. Porém, esse projecto não passará de projecto. Aliás pouco importa que Valdo venha a ser morto por Firme ou por outra pessoa qualquer. Josué da Silva não pretende inquietar-se com a insolubilidade investigatória do mistério. O que ele quer (e que a sua personagem capital deseja), enquanto o leitor fica enquadrado na dúvida do «ser social individual» que terá morto o alto dignitário de uma estrutura que se reputa intangível, o que a história de António Firme pretende em suma exprimir é aquilo que o próprio Firme nos declara quase ao começo da segunda parte a págs 118: «Ao cometer o crime de que me acusam, cumpriria inteiramente o meu ciclo de totalidade. A acção completava a ideia. A parte conjugava-se no todo. E em seguida poderia exclamar eu sou», na certeza de não trair essa totalidade. Mas dizem-me: a acção só é válida quando verdadeiramente comunitária. E o que é ser comunitário?»

Não se vá no entanto pensar que **Um Deus na Palma da mão** se atém pouco definidamente a um conteúdo concreto. Se assim fosse. Josué da Silva haveria cometido um tremento pecado da abstracção. Nem as cenas de grande realismo, como por exemplo é todo o episódio da busca do «Almejas», com a facinora actuação de «El Matador» (págs 214 a 217), o redimiam do fracasso. Mas não. O romance organiza-se segundo uma complexa rede de elementos pessoais tão concretos, tão implicados uns nos outros, que só um cego não compreenderá a tipicidade extremamente realista das diversas personagens em convívio. António Firme participa (com



JOSUÉ DA SILVA

o autor, de novo ambos em encontro) desta consciência: « ... quando é que a história de um único homem __ diz-nos ele de si próprio (a págs 16) __ deixa de ser a história de cada homem, a história do Homem?»

Eis, portanto, que António Firme se concretiza (como personagem) por uma série de cotejos pessoais. Vêmo-lo de início em confronto com seu pai, ele um ser não-consciencializado, ao contrário de José Firme, a primeira vítima do longo sudário do romance. Depois em confronto com Lúcia, a namorada que já o abandonou, sorvida na voragem da alienação, e que marca por assim dizer, após o longo monólogo em que lhe conta tudo quanto a transformou negativamente, o arranque para a exacerbação do seu sentimento de revolta: «Há que apostar no ódio. Sem ele, sei que vou morrer» (a págs 91). Depois a percepção de que as pessoas se coisificam enquanto dominadas por certa estrutura social, isto na medida em que ganha consciência do passadio de sua mãe: « ... as senhoras deviam tomá-la muitas vezes como uma **coisa** __ indolor, manipulável, castrada, cega, muda. Só ele e mais duas ou três pessoas sabiam que **naquela coisa** habitava uma dor profunda ... » (págs 96-97). Em seguida, a constante «acereação» entre ele, António Firme (a vítima) e Valdo (o seu carrasco e de muitos outros como ele): __ Valdo na base da morte de seu pai, José Firme; Valdo ac destruição do seu trabalho e dos seus sentimentos; no condicionamento da sua liberdade; no assassinato de um seu camarada __ sempre no lugar da contradição irredutível senão pela morte. E depois ainda, para na0o nos alongarmos mais na análise segmentativa dos momentos (todos) da sua tipificação como parsonagem, o confronto de António Firme com Estevão, aquele do qual melhor tomará a noção exacta do seu estar em determinado mundo: «

contudo, ele só viria a tomar verdadeira consciência desses acontecimentos depois de conhecer Estavão. Até lá, embora se sentisse inquieto, perturbado, como toda a gente, não poderia permitir-se o luxo de definir ideias» (págs 130).

Através de todos estes (e de muitos outros) confrontos parcelares, António Firme ganhará ao longo da narrativa a consciência plena da reificação das relações sociais como característica de uma determinada estrutura. E a noção de que o homem comum não passará de ser um animal surrado nos seus baldões. Tal como diria Lukács, e neste caso se pode dizer da personagem central de **«Um Deus na Palma da Mão»**, esta só se torna típica mercê do confronto e do contraste com outras, as quais encarnam, em seu redor, de modo mais ou menos pronunciado, outros aspectos do mesmo contraste. Só nesse processo vário e complaxo, enriquecido de extremas contradições __ que Josué da Silva exercita (em especial na segunda parte) com uma técnica de montagem que semelha a cinematografia __ é possível elevar uma figura a nível verdadeiramente típico.

Admito que o leitor menos atento se impressione com algumas passagens deste romance que raiam a teorização abstracta. Isto, diante de um outro conceitualismo que certas personagens patenteiam, notadamente __ por exemplo __ a própria Lúcia no seu longo monólogo de págs 68 a 91. Mas, a meu ver, tal coisa só seria condenável se significasse uma representação média no reflexo dos problemas sociais de uma dada época. Lúcia talvez fale bem de mais para o nível do seu estrato, é verdade. Porém, o que ela diz articula-se numa unidade viva de contradições. Temos de compreender o que Josué da Silva conscientemente arriscou com tal processo, decerto cheio de perigos: __ superar na particularidade tanto o singular como o universal. E julgo que o consegue, o que parece bastar e é louvável.

Não quereria terminar estas linhas sem notar ainda uma particularidade deste romance. Diria que nele está afastada toda a qualidade heróica e, portanto, toda a feição idealizante. Mas, sendo assim, como explicar o longo episódio que se estende de págs 277 a 315 (cerca de 14 por cento do texto total), intitulado «Narrativa da Loucura», onde uma das personagens é uma Áspide, logo um ser mítico, fabuloso, ou o que mais queiramos de «irreal» que ele se possa dizer?

Eu sei que poderia contestar muito lukácsianamente a validade realista deste fragmento, acusando o seu sentido alegórico (a Áspide exprime, como objecto, um outro objecto são a ilusão da posse, a inversão do dominado em dominador maligno). Mas não pretendo ser categórico. Limitar-me-ei a lembrar que também o mesmo Lukács, no seu ensaio «Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels» escrevia assim: «Não é de modo algum por acaso que precisamente algumas novelas fantásticas de Balzac e de Hoffman se contassem entra aquelas criações artísticas pelas quais Marx tinha particular apreço. Naturalmente, há fantasia e fantasia. E há fantástico e fantástico. Se, neste campo, quisemos procurar um critério de valorização e discriminação, deveremos voltar às teses fundamentais da dialéctica materialista e à teoria do reflexo da realidade».

Ainda há pouco tempo, e por razões semelhantes, eu invocava esta passagem para justificar por meio dela o ambiente fabuloso de fantasia com que remata, também na sua terceira parte, o romance de Redol que mais o qualifica: «Barranco de Cegos».

FAURE DA ROSA: "NÃO SOU UM HOMEM DESILUDIDO MAS AMARGURADO"

— Ouve lá! Afinal tu tinhas qualquer coisa para dizer que não disseste. Não percebeu e tive de lhe explicar ao que me referia: no interrogatório a questão das armas e o sítio onde as haviam escondido. — Pois. Precisamente porque era a única coisa que eu sabia, se a dissesse, não se convenceriam que nada mais tinha para dizer e eternizar-se-iam as cargas de porrada. Eles podiam ter dado cabo de ti, preveni-o naquela altura e contei-lhe como haviam morto o Pratas e o Louro, havia pouco. — A morte não tem importância. Não é o medo de que eles me matem que me pode levar a não lhes vir a dar mais razões para me voltarem a meter dentro. Talvez antes o medo de não aguentar.

Este é um pequeno texto retirado do último livro de Faure da Rosa, «O Massacre». O último livro, porque embora Faure da Rosa não seja um escritor habituado aos berros da fama, já se publica em livro desde os princípios da década de 40, contando oito títulos, sete romances e um volume de contos: «Fuga», «Retrato de Família», «Espelho da Vida», «De Profundis», «Escalada», «A Cidade e a Planície», «As Imagens Destruídas» e, por fim, «O Massacre».

— **Comecei a escrever aos dezoito anos, no «Noticias Ilustrado», onde contactei com o Alves Redol, que também era lá colaborador.**

Faure da Rosa nasceu na Índia, em Vasco da Gama, filho de pais portugueses, tendo vindo aos sete anos para Portugal, onde entraria num colégio particular. Mais tarde seria internado num colégio militar, que abandonou logo que pôde, por se sentir em desacordo com os métodos pedagógicos ali utilizados. De qualquer modo, estando nesta altura Faure da Rosa na casa dos sessenta anos, a alguém pode parecer que a sua produção literária foi escassa, uma vez que em trinta anos **«apenas»** somou oito títulos, quando outros escritores, em muito menos tempo de existência criadora, juntaram um muito maior volume de obra feita. Inquirimos dele o motivo dessa **«escassa»** produção.

— **Eu casei em 1940, um tempo difícil. Pouco depois lançava o meu primeiro livro, mas também vieram os filhos e as preocupações familiares, aumentaram. Tinha que me desunhar a trabalhar, tendo, além do emprego, escritas particulares para fazer em casa. Isto retirava-me a possibilidade de me entregar mais à literatura, o que para mim era tremendamente angustiante, visto que, como se calcula, nessa altura eu ardia por dizer coisas, coisas que me estavam latentes e de que tinha necessidade de me libertar em termos de criação. Mas na situação em que vivia, trabalhando até altas horas para manter o pão da casa, pouco ou nenhum tempo me sobrava para fazer aquilo de que mais gostava, que era debruçar-me sobre as minhas histórias.**

Faure da Rosa tem o ar de um homem massacrado pela vida. **«Dum lado os Prestes com saber e espírito de café, do outro, quietos e calados que nem ratos, os Gonçalos, a admirarem, a gozarem e a invejarem o estupor da nossa vida de cães. Sobrepondo-se a todos, os Gabriéis a quererem acordar em nós a consciência dos cinquenta anos de sacrifícios vãos. Para o raio que os parta!»** (de «O Massacre», páginas 99.)

— **Não sou um homem desiludido, mas amargurado. Por muitas e variadas razões... Uma delas é o facto de me sentir incapaz de me entregar tanto como queria aos meus livros. Inclusivamente desisti por completo de colaborar na Imprensa... por falta de tempo.**

— Mas gostaria, nesse caso, de ter sido um escritor profissional a cem por cento? Escrever livros e mais nada?

— **Não. No fundo, eu não acredito muito no escritor profissionalizado, que vive só do e para o que escreve, isto à parte de quantas brilhantes excepções se possam colher por aí. Creio que acabaria por fazer-me falta esta vivência cotidiana com os outros, esta rudeza da luta pelo pão de cada dia, este ir e vir na vida diária,**

Faure da Rosa.

que nos permite a toda a hora, ou pelo menos em muitas ocasiões, palpar o pulso do mundo. E que nos permite amealhar a vivência que necessitamos para poder escrever alguma coisa de útil ou, se quiser, de autêntico. Digamos que eu gostaria que a minha existência tivesse transcorrido, bem dividida ao meio, para ambas as coisas: cinquenta por cento para um emprego normal e cinquenta por cento para as minhas actividades literárias. Claro que infelizmente, os cinquenta por cento das actividades literárias foram-me tremendamente reduzidos pelos problemas que a vida me levantou e que quase não me deixavam respirar. Uma vida tremendamente dura, a juntar aos problemas da infância, que os tive e nada fáceis...

Outra das páginas de «O Massacre» interpõe-se no nosso diálogo: **«Vivia o Asilo. Eu que sempre o detestara, passei a abençoá-lo a partir da primeira vez que me enfiaram na cadeia. É que foi o Asilo que me ensinou a levar bordoada e a não ceder. Chorava depois, à noite, baixinho, sem que ninguém desse por isso e a lembrar-me do Arlindo. Chorava até com uma certa periodicidade, duas a três vezes por mês, como quem se entrega a prazeres solitários. Hoje vou chorar. Chegada a noite, como num ritual, e quando me apercebia que todos haviam adormecido, chamava a mim a recordação dos meus pais, os mimos perdidos, a morte de um e outro, e chorava. Isto no primeira ano, assim regularmente. Durante o dia era como os outros, duro e rebelde. Dentes cerrados, estendia a mão para as palmatoadas, sofria-as sem fugir com ela ou aguentava as bofetadas cada vez com mais firmeza até quase não vacilar.»**

— Como vê a situação do escritor em Portugal, nas actuais circunstâncias? É certo que alguma coisa desta resposta que lhe peço ficou implícita naquilo que me vem dizendo da sua vida de escritor, mas gostaria que concretizasse melhor, fugindo, se possível, ao caso pessoal..

— **Bom, apesar de tudo, eu penso que de há uns anos para cá, só em certo sentido, é verdade, as coisas melhoraram bastante em relação a décadas anteriores. No entanto, acho que a origem de todo o condicionamento que espartilha o escritor, proveio, não sei se indirectamente, da Censura. Um criador tem de sentir-se estimulado para poder continuar o seu entusiasmo de dizer aos outros o que tem para dizer. Não sei se sabe (e desculpe se retorno ao campo pessoal) que o meu livro «A Escalada» esteve muito tempo proibido de ser publicado. Ora isto é uma coisa que marca as pessoas profundamente, que lhes rouba fé e entusiasmo, que as perturba, coage, dilacera. Além disso, na altura, o editor que eu tinha para o livro até pagava bem para o tempo e se eu tenho conseguido receber esses direitos de autor, embora não fossem fortuna nenhuma, talvez houvesse evitado lançar-me nos trabalhos à noite em casa e procurasse escrever logo a seguir um novo livro... Porque eu sempre que publico um livro, sinto-me estimulado para escrever outro, o que aliás creio que acontece com a maioria dos meus colegas. Ao passo que sempre que surgem dificuldades para a publicação da obra terminada, surge também o impasse, a vacilação, quantas vezes o desespero.**

O desespero, dizemos nós, o medo ao fracasso rotundo, à impossibilidade de nos darmos, de nos erguermos um pouco acima do lodo que somos, do vulgar estéril, do anonimato vazio. De outra maneira, também encontramos isto mesmo nas páginas de «O Massacre»: **«Não, não foi um transfuga. Não ocupou lugares proeminentes. Viveu apenas. Viveu obscura e inutilmente. A história do Gonçalo é sem-história. A vida tragou-o sem grandes desgraças e sem grandes alegrias, fez dele um qualquer-coisa, uma peça de máquina que, ao cabo de muito desgaste, acabam por substituir.»**

— Há algum livro que o Faure da Rosa pense publicar a seguir a «O Massacre»? Tem-no escrito?

— **Sim, tenho. A minha vida agora é um pouco menos sobrecarregada. É claro que, por outro lado, também é verdade que os meus sessenta e um anos, e exactamente por que tive uma vida de trabalho muito intensa, não me permitem fazer o que fazia antes, isto é, escrever horas e horas em cima de um dia exaustivo de emprego. Mas vou publicar brevemente...**

— Título?

— **Provisório. Em todo o caso, posso dá-lo: trata-se de um romance, um pequeno romance, a que chamei em princípio «Elisa». É o retrato de uma figura de mulher.**

— O Faure da Rosa tem viajado muito?

— **Pouco. Vou todos os anos a Bruxelas, onde tenho um filho. Fora disso, duas vezes a a Paris e uma ou outra viagem a Espanha.**

— O que é que o Faure da Rosa pensa da crítica?

De novo e ainda, uma página de «O Massacre», não sabemos se a propósito, diante dos nossos olhos, a cortar a sequência do diálogo que o gravador vai colhendo no seu ventre frio da máquina: **«De repente o Edmundo sentiu-se sacudido por uma onda de revolta que lhe atiçou o espírito contra aquilo que dentro de si, e que lhe parecia estranho a si próprio, o impedia de saborear o encanto dos prazeres comuns do dia-a-dia. Temeu que esta força interior prosseguisse, porque se prosseguisse o aniquilaria E coagiu-se a amordaçar a cataduba de ideias novas que se lhe afiguravam perigosas para a sua personalidade e terrivelmente destruidoras do seu próprio eu, destruidoras do mundo que o aceitava e que ele aceitara, fossem elas embora verdadeiras. E tanto se coagia e tão de vontade que se viu a meio caminho da cura: «estaria provado que valia a pena rectificar o erro que levava a humanidade a aceitar o erro? Estaria provado que valeria a pena destruir-nos por amor da verdade»**

Faure da Rosa, diz-nos acerca da crítica:

— **Parece-me que o caso da crítica literária é um caso parecido com o da criação. O crítico literário é um homem como qualquer outro, com os seus problemas, a sua obrigação de dispersão para atender a esses problemas e, como não é um profissional, no sentido rigoroso do termo, deve-lhe faltar tempo para as suas leituras, para o estudo da obra que tem de analisar, para a prévia preparação do juizo que tem de fazer. Evidentemente que estas coisas fazem-se sentir no carácter da própria crítica, na sua qualidade. E muitos de nós, escritores, talvez tenhamos sofrido um bocado com isso, injustamente. Se interessa dar nomes, eu falaria em João Gaspar Simões. Que embora, note-se, não me tenha tratado muito bem nestes últimos anos, isso não me impede de afirmar que ele foi, não sei se sozinho, mas muito por si, o iniciador de uma crítica séria em Portugal. Depois... lembro-me de um Alexandre Pinheiro Torres, de um João Pedro de Andrade. Pois bem, acho que apesar de tudo a crítica nos ajuda. Mas eu não leio a crítica como a minha sentença. Se por caso eu sou mau escritor, mau escritor continuarei, embora a crítica me lance para as alturas. Se eu tenho a sorte de ser um bom escritor, bom escritor serei, mesmo que a crítica me desanque.**

ESPLENDOR E MISÉRIA DA CRÍTICA JORNALÍSTICA

Com pedido de publicação, foi-nos enviado pelo prof. dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, professor titular da Universidade do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, o seguinte texto:

No Brasil, como espécie de consequência natural da implantação gradativa de hábitos e costumes próprios de uma sociedade industrial e de consumo, como é a sociedade dos nossos dias, o espaço do jornal reservado à crítica ou folhetim literário, actividade que já conheceu a sua época de esplendor, diminuiu sensivelmente, tornando-se mesmo nulo nas grandes capitais. Hoje, inclusive, costuma-se afirmar que o crítico de jornal é um desempregado. Isso não quer dizer, evidentemente, que a crítica literária, enquanto crítica literária, tenha desaparecido. Ao contrário, ela existe, mais fecundada do que nunca, no seio das Universidades, nas páginas de revistas especializadas ou em livro. A crítica miúda, mais pedante que analítica, ou crítica jornalística propriamente dita, aquela que elegeu o impressionismo como norma, apenas sobrevive em cidades do interior, em nível intelectual muito baixo. E ficamos com saudade de velhos críticos, que tanto dignificaram a crítica jornalística de outrora, como é o caso de um Alceu Amoroso Lima...

Cremos que o mesmo fenómeno, de maneira geral, ocorre do outro lado do Atlântico, onde um povo irmão fala e escreve a mesma língua. A verdadeira crítica, em Portugal, por certo que já não é a crítica jornalística ou improvisada, não raro inconsequente, dos velhos e remanescentes suplementos literários, embora alguns deles mantenham razoável padrão. A crítica de cunho universitário, bem informada e consciente de seu ofício, esta se desenvolve em revistas técnicas, ou então em livros, além da crítica dentro da própria Universidade, através da orientação superior de teses de mestrado e doutorado. Nem o espaço jornalístico, sempre limitado, poderia comportar amplas discussões teóricas, como as que se verificam em nossa época, em torno de correntes muito complexas, como as que se filiam aos diferentes tipos de leitura, ora voltadas para a filosofia da existência (a chamada crítica hermenêutica), ora orientadas no sentido dos diferentes estruturalismos de influxo lévi-straussiano, greimassiano, derridadiano ou lacaniano. Nem mesmo haveria público, no sentido da cultura de massa, capaz de acompanhar o peso dessas discussões teóricas. Por isso mesmo, os **mass media** eliminaram, de sua programação habitual, a crítica da literatura, no que andaram bem avisados. Eliminaram-na ou, então, a reduziram extremamente.

Tudo isso ocorre no Brasil, pelo menos nas grandes capitais, como deve ocorrer em Portugal. Lá também existem, em âmbito universitário, mestres de excelente formação especializada, como é o caso de uma Maria de Lourdes Belchior Pontes ou de um J. do Prado Coelho, em Lisboa, ou de uma Ofélia Paiva Monteiro ou de um Vítor Manuel de Aguiar e Silva, em Coimbra. Em revistas especializadas ou em livros, a relação é ampla e honrosa, haja vista a presença de críticos do alto nível teórico de um Óscar Lopes (ainda que injustiçado), de um António Quadros, de um David Mourão-Ferreira, de um Alexandre Pinheiro Torres, de um Artur Portela Filho, de um Eduardo Lourenço, de um Arnaldo Saraiva, de um Eduardo Prado Coelho, para citar apenas alguns nomes representativos de várias posições dentro da crítica literária moderna. Eles revelam perfeita consciência do que escrevem e do que fazem, substituindo os processos inidóneos da crítica impressionistica por uma reflexão consequente em torno do fenómeno literário. Por isso, quem acompanha, como nós,

Continua na pág. nove

ITINERÁRIO DA GUERRA CIVIL

POR AUGUSTO DA COSTA DIAS

REVOLUÇÃO: PRÓ E CONTRA

Como se prometera, concluímos hoje a publicação integral do **Manifesto** do Governo provisório, revolucionário, as Nações e homens ilustrados da Europa:

País colónia faz na ex-colónia guerra colonial

A sua povoação, já exausta pelos motivos que ficam indicados, continuou a ser depauperada pela forçada remessa para o Brasil de alguns milhares de homens, que depois de terem exposto as suas vidas pela pátria e pelo trono, e de haverem merecido descansar em tranquila paz no seio de suas famílias, ou gozarem no seu país natal o prémio do seu zelo e valor, foram continuar na América do Sul os duros trabalhos da guerra, de uma guerra que, fazendo-se a tamanha distância de Portugal, parece que somente sobre este reino tem descarregado os seus pesados golpes, atacando por muitos modos as fontes essenciais do seu vigor e expondo-o ao mesmo tempo às empresas de uma nação vizinha e poderosa, sempre rival e agora estimulada, e até, em sua opinião, ofendida e agravada.

O comércio passa a mãos estranhas

O comércio, em vez da protecção solícita, que a sua situação demandava, e que ainda poderia conservar-lhe algum alento de vida, e ressuscitá-lo a pouco e pouco do mortal letargo a que se achava reduzido, não obteve senão raras e mesquinhas providências, que, não sendo o resultado de combinações judiciosas sobre o verdadeiro estado comparativo das relações comerciais dos diferentes povos da Europa, nem ligadas entre si, e dependentes de um sistema geral adaptado às presentes circunstâncias, ou faziam cada vez mais difíceis e complicadas as suas transacções, ou até cediam em prejuízo directo do comércio nacional, transportando todas as suas vantagens às mãos dos estrangeiros, e desviando do giro público os capitais que nele deviam empregar-se.

Os portugueses só não compram fora a pele do corpo

A indústria não foi mais favorecida, nem era de esperar que a sua sorte fosse mais feliz. Os portugueses viram e sofreram que as suas fábricas e manufacturas fossem destruídas, e quase de todo aniquiladas; que os produtos do seu trabalho não pudessem suportar a concorrência dos estrangeiros; que os móveis mais insignificantes de suas casas, os vestidos e roupas do trajo mais ordinário e usual, as próprias camisas e sapatos, que vestem e calçam, lhes fossem trazidos de fora, deixando inumeráveis artífices e oficiais na ociosidade e na miséria. Os portugueses viram e sofreram que os seus vasos mercantes lhes fossem roubados por amigos e inimigos; que andassem expostos aos insultos dos piratas, e fossem por eles apresados até à vista de suas próprias fortalezas. Os portugueses viram e sofreram... mas para quê renovar aqui tão profundas e sensíveis mágoas? Para quê recordar males tão notórios e tão universalmente sentidos? Digam-no os próprios estrangeiros; digam-no os mesmos que têm tirado proveito da espantosa indeferença ou frouxidão do Governo português, e que não poucas vezes repetiam, com honrada franqueza, que «este belo país era digno de melhor sorte».

Pão abundante sem dinheiro que o comprasse

A agricultura, no meio de tamanho abandono de todos os interesses públicos, não era natural que obtivesse a particular atenção e desvelo que por sua reconhecida influência sobre a felicidade das nações lhe é devido. Peja-se o brio português de confessar haver recebido da generosidade de uma nação estrangeira ténues socorros a benefícios da classe mais útil e a mais miserável dos seus habitantes; socorros que, não podendo produzir utilidade alguma real, nem pelo seu valor, nem pelo modo da sua distribuição, somente serviram para patentear aos olhos da Europa espantada o profundo abismo de miséria a que esta nação, outrora rica e opulenta, se achava reduzida.

A Providência quis favorecer o agricultor português, abrindo em seu benefício o seio fecundo da terra, e dando-lhe anos de copiosa colheita; mas este favor do céu foi inutilizado pelos erros dos homens. O numerário tinha desaparecido da circulação pela estagnação do comércio, pela ruína da indústria, pelas avultadas somas que todos os dias passavam sem retorno aos estrangeiros em troca dos géneros indispensáveis ao consumo da nação, e pelas continuadas remessas eventuais ou regulares que se faziam para o Brasil com diferentes motivos e aplicações, chegando a tal ponto a falta de giro, e consequentemente a pobreza política, que no meio da abundância de pão, aumentada ainda por uma importação excessiva e imprudentemente tolerada deste género, o povo morria de fome, o lavrador desamparava as suas terras e os seus trabalhos, todos lamentavam a geral penúria, e a cada momento se temia que a desesperação rompesse em tumultos e que os tumultos degenerassem na mais completa e horrível anarquia.

Sendo tal o estado em que se achavam as principais fontes de prosperidade e riqueza nacional, fácil é de conjecturar qual seria também o estado do tesouro e do crédito público.

Com a Corte ao longe as despesas da Corte berresforiana multiplicaram-se

Não somente se conservaram sem necessidade e sem diminuição as antigas despesas proporcionadas à grandeza, aparato e esplendor de uma Corte que já não existia em Portugal, mas acrescentavam-se cada dia outras igualmente escusadas, e não menos exorbitantes, ao mesmo passo que decrescia sensivelmente a receita, já pelas causas indicadas e já pela pasmosa negligência ou prevaricação dos administradores subalternos, a muitos dos quais a impunidade afiançava de algum modo o pacífico uso de suas criminosas especulações.

E mais: mais homens, mais numerário para a guerra colonial

Sobre estes acresceram ainda as extraordinárias despesas de algumas expedições marítimas destinadas a fornecer tropas à desastrosa guerra da América do Sul, e os contínuos saques de moeda para soldo e manutenção da porção do exército português ali destacada; despesas que, tirando irrevogavelmente grandes somas do giro nacional, tinham ao mesmo tempo a mais nociva influência sobre o valor do dinheiro papel, cujo câmbio se tornava de dia em dia mais desfavorável e mais ruinoso.

Funcionários, militares, credores, comem paciência

Os empregados públicos, o corpo militar, os melhores e mais úteis servos do estado, sofriam um extraordinário atrasamento na satisfação de seus merecidos salários, e ao mesmo tempo que esta falta abismava a uns na miséria e na desesperação, excitava a outros a romper em altos e perigosos clamores, ou a aventurarem-se aos excessos da mais funesta venalidade e corrupção.

Os credores do estado invocavam em vão a fé pública e o cumprimento das sagradas promessas que se lhes haviam feito, e sobre as quais somente se podia manter o crédito do tesouro e a esperança de novos recursos, quando fossem necessários.

Capital não é patriota

Enfim que precisando ultimamente o erário de abrir um empréstimo de 4..000.000 cruzados, e parecendo de esperar que a própria estagnação do comércio convidasse os capitalistas a entrarem à porfia nesta negociação, que parecia de segura vantagem pelo valor das hipotecas oferecidas ao pagamento do juro regular e à amortização do capital, não foi possível (com vergonha o dizemos), não foi possível preenchê-lo, nem ainda quando o governo, trespassados os limites da espontaneidade, que ao princípio anunciara, quis forçar a isso os capitalistas e proprietários, por meio de uma derrama calculada sobre a avaliação da propriedade individual, e dos pressupostos fundos de cada casa comerciante.

Viria o bondadoso na manhã de nevoeiro?

Em meio de tantas desgraças, que pelo espaço de seis anos oprimiram os portugueses em progressivo crescimento, ainda de vez em quando se avivava em seus corações, algum lume de esperança de que el-rei viria ao meio deles ouvir suas queixas, e dar possível remédio a males tão pesados e opressivos. Conheciam por experiência a natural bondade do seu coração, herdada de seus augustos avós, e sempre propensa a promover a felicidade dos povos de seus domínios, e confiavam que ela lhes prepararia as reformas, melhoramentos e benefícios de que tanto se necessitava em todos os ramos da pública administração; sua majestade parecia haver dado por algumas vezes lugar a esta lisonjeira esperança.

Ela, porém, foi-se desvanecendo pouco a pouco, e o ministério do Rio de Janeiro, que talvez desviava do ânimo de el-rei o pensamento de realizá-la, até sofria de mau grado que algum cidadão amigo da sua pátria ousasse expor ao público as suas opiniões sobre este importante objecto e mostrasse as vantagens de se restituir a Portugal a sede da monarquia.

Experience is the best teacher, or the importance to being (not Ernest but) colony

Desta maneira começaram os portugueses a desconfiar do único recurso e meio de salvação que ainda parecia restar-lhes no meio da quase total ruína da sua cara pátria. A ideia do estado da colónia, a que Portugal em realidade se achava reduzido, afligia sobremaneira todos os cidadãos, que ainda conservavam e prezavam o sentimento da dignidade nacional. A justiça era administrada desde o Brasil a povos fiéis da Europa, isto é, desde a distância de 2.000 léguas, com excessivas despesas e delongas, e quando a paciência dos vassalos estava já fatigada e exaustas de fastidiosas e talvez iníquas formalidades. Muitas vezes se desviavam dos olhos e atenção de el-rei, ao arbítrio dos ministros e validos, as representações que se dirigiam ao trono, e que não podiam ao menos ser acompanhadas das importunações e lágrimas dos pretendentes. Todos, enfim, conheciam a impossibilidade absoluta de pôr em marcha regular os negócios públicos e particulares de uma monarquia, achando-se a tamanha distância o centro dos seus movimentos, e sendo estes muitas vezes impedidos ou retardados pela malignidade dos homens, pela violência das paixões e até pela força dos elementos.

Esta mesma distância, dificultando as queixas dos povos ou dos indivíduos oprimidos, fazia mais ousada a iniquidade dos maus administradores da justiça e dos infiéis depositários de qualquer porção da autoridade pública. A torpe venalidade tinha corrompido tudo. A ambição, a avareza, o egoísmo insensato haviam substituído o amor da ordem pública, o amor da pátria, virtudes em outro tempo tão familiares ao povo português, e origens verdadeiras dos heróicos feitos que a Europa ilustrada ainda hoje admira e admirará sempre na história desta grande nação. Todos os vínculos sociais se achavam relaxados, todos os interesses em contradição, todas as opiniões em discórdia, todos os partidos em divergência, todas as paixões e vícios em campo e em combate. Um único sentimento era comum a todos os portugueses, o da sua profunda desgraça. Em um só desejo se uniam todos os bons cidadãos, o de uma nova ordem de coisas, que salvasse a nau do estado do lamentável e miserando naufrágio em que ia perder-se.

Que deveria pois fazer o povo português, uma nação inteira, em tão apurada situação? Sofrer e esperar? Ela sofreu e esperou em vão por largos anos. Gemer, representar, queixar-se? Ela gemeu, e os seus gemidos não foram escutados; que dizemos, não foram escutados? Foram reprimidos, foram cruelmente sufocados. Ela representou e queixou-se; mas as suas queixas e representações não chegavam aos degraus do trono. Dizia-se a el-rei que os seus povos viviam contentes e eram fiéis... Sim,

Continua na pag cinco

SADE | MASOCH

DE GILLES DELEUZE

● sadismo
● masoquismo
● humor
e revolução

CADERNOS PENINSULARES
ENSAIO 4 | 60$

assírio & alvim
rua pessoa manuel, 67-b
telefs. 55 55 60 | 56 27 43
lisboa

SABA

O TELEVISOR ALEMÃO Nº 1

Para aqueles que exigem imagem e som excepcionais

representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L
RUA DOS DOURADORES, 43 - TEL. 361763 - LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO, 208 - TEL. 25581 - PORTO

PRAIA GRANDE
(COLARES)

Passe os seus fins de semana no agradável e tranquilo Outono da Praia.

Hotel — Motel

Piscina — Restaurante — Selfe-Service — Bars — Sauna

Preços especiais do jantar de 6.ª feira ao almoço de domingo, tudo incluído, desde 360$00 para uma pessoa e 580$00 para duas pessoas.

Suites familiares até cinco pessoas.

Marque pelo telefone 29 02 76 — 29 02 77.

Continuação da pág. quatro

eles eram e são fiéis; nenhuma nação do mundo tem dado mais constantes provas de amor aos seus príncipes, de lealdade aos seus monarcas. Agora mesmo eles têm protestado, e protestam ainda à face da Europa e do mundo inteiro, a mais firme adesão ao seu rei e à sua augusta família, a quem cordialmente amam e adoram; mas eles não viviam contentes, nem o contentamento pode jamais aliar-se em uma nação com a pobreza e a miséria, com a triste decadência de todos os estabelecimentos úteis, com a perda da dignidade e da consideração pública, com a ignorância sistematicamente introduzida ou sustentada, com a ruína, enfim, da honra, da glória e da liberdade nacional. Eles não eram felizes e quiseram sê-lo. Pode disputar-se a alguma nação este direito e os meios de o exercitar e pôr em prática? Pode algum povo, grande ou pequeno, alguma associação de homens racionais prescindir deste direito inalienável, para sujeitar-se irrevogavelmente ao arbítrio de algum ou alguns homens, para obedecer cegamente a um poder ilimitado, a uma vontade, que pode ser injusta, caprichosa, desregrada? Para deixar-se levar ao abismo da desgraça sem dar um passo que o desvie do precipício, sem fazer um esforço generoso para salvar-se?

. O povo português apela para o sentimento íntimo de todos os seus concidadãos, dos homens ilustrados de todos os países, dos povos da Europa e dos augustos monarcas que os regem.

Regime representativo: a necessidade de ser feliz

Não são, como se diz, os falsos princípios de um filosofismo absurdo e desorganizador das sociedades; não é o amor de uma liberdade ilimitada, e inconciliável com a verdadeira felicidade do homem, que o tem conduzido em seus patrióticos movimentos; é o sentimento profundo da desgraça pública, e o desejo de remediá-la, é a necessidade inevitável de ser feliz, e o poder que a natureza depositou em suas mãos de empregar os recursos próprios para o conseguir.

A natureza fez o homem social para lhe facilitar os meios de prover à sua felicidade, que é o fim comum de todos os seres racionais. As sociedades não podem existir sem Governo; a natureza, pois, aconselha a existência desse Governo e autoriza o poder que ele deve exercitar; mas um poder subordinado ao fim, um poder limitado pelo seu próprio destino, um poder que deixa de merecer este nome para tomar o odioso nome de tirania, logo que, exorbitando dos seus naturais limites, impede, em lugar de promover, a felicidade dos povos que lhes estão sujeitos.

De qualquer modo que este poder tenha sido exercitado em uma nação, ou por um ou por muitos, ou concentrado ou repartido, ou limitado por leis expressas, ou confiado sem alguns limites, nem a força das armas, nem os hábitos inveterados, nem o decurso dos tempos podem jamais despojar essa nação da faculdade e invariável direito, que sempre conserva, de rever suas leis fundamentais, de rectificar seus primeiros passos, de melhorar a forma do seu Governo, de prescrever-lhe justos limites e de fazê-lo útil à colecção dos associados. A própria nação inteira, se em massa pudesse exercitar os poderes do Governo, não os teria ilimitados, porque nenhuma sociedade poderia razoavelmente querer, aprovar, autorizar a sua própria infelicidade e comum desgraça.

Eis aqui, pois, os verdadeiros princípios que dirigiram os portugueses, que os constituíram na indispensável e absoluta necessidade de levantarem unânimes a voz, não para ofenderem ou menosprezarem o seu príncipe, não para o despojarem ou à sua augusta casa dos direitos que por tantos títulos, e mui especialmente por sua bondade, clemência e amor de seus povos, tem adquirido sobre os corações de todos eles; não, enfim, para colocarem sobre o trono a licença, a imoralidade e a absurda e bárbara anarquia; mas sim para darem a esse trono as bases sólidas da justiça e da lei; para o libertarem das insídias da lisonja, dos laços da ambição, das astúcias da arbitrariedade; para o fazerem firme, sem poder ser injusto; para o porem a igual distância dos excessos violentos do despotismo tirânico, e da frouxidão não menos funesta do negligente e inerte desmazelo.

Foram estes os votos de todos os portugueses, quando proclamaram a necessidade de uma constituição, de uma lei fundamental, que regulasse os limites do poder e da obediência; que afiançasse para o futuro os direitos e a felicidade do povo; que restituísse à nação a sua honra, a sua independência e a sua glória; e que sobre estes fundamentos mantivesse firme e inviolável o trono do senhor D. João VI, e da augusta casa e família de Bragança, e a pureza e esplendor da religião santa, que em todas as épocas da monarquia tem sido um dos mais prezados timbres dos portugueses e tem dado o mais nobre lustre a seus heróicos feitos.

A conquista de uma constituição é um direito que vem desde as origens do país: 1139, 1385, 1640.

Debalde se pretende caluniar este generoso esforço, qualificando-o de inovação perigosa. Os homens doutos e imparciais, versados na história das nações, sabem que em todas as idades os povos oprimidos reconheceram o mesmo direito e o empregaram ainda com maior amplitude. A mesma História de Portugal subministra exemplos disso, e a actual casa reinante a um semelhante esforço deve a sua exaltação e a sua mais distinta glória. Se a moderna filosofia criou o sistema científico do direito público das nações e dos povos, nem por isso inventou ou criou os direitos sagrados, que a própria mão ou natureza gravou com caracteres indeléveis nos corações dos homens, e que têm sido mais ou menos desenvolvidos, mas nunca de todo ignorados.

Os portugueses deram o trono em 1139 ao seu primeiro ínclito monarca e fizeram nas côrtes de Lamego as primeiras leis fundamentais da monarquia. Os portugueses deram o trono em 1385 a el-rei D. João I, e lhe impuseram algumas condições, que ele aceitou e guardou. Os portugueses deram o trono em 1640 ao senhor D. João IV, que também respeitou e guardou religiosamente os foros e liberdades da nação.

Continua na pág. dez

Leia este texto até ao fim. Vamos pensar juntos no dia de amanhã...

O FUTURO NÃO SE ADIVINHA: APRENDE-SE!

Não se capacite de que apenas os bens do vizinho podem arder ou ser roubados. Os seus também. Até porque estão mesmo ao lado...

Já pensou nisto?

1. – No recheio de sua casa existem peças de arte, quadros valiosos. Mesmo um pequeno Malhoa. E se ele arder?
2. – Uma simples explosão de gás pode dar lugar a muitos prejuízos. Tem gás em sua casa, não tem?
3. – Um incêndio pode destruir a aparelhagem de uma fábrica. Mas... que mais prejuízos podem surgir, além da inutilização do equipamento?
4. – As trancas à porta, mesmo antes da casa roubada, são insuficientes... Não é verdade que o gatuno pode entrar pelo telhado?
5. – Quem guarda a sua casa, quando dela se ausenta, com os seus, em férias? Sente que a casa está em segurança quando a deixa desabitada?

As Companhias de Seguros respondem-lhe:

1. – Um Seguro de Incêndio possibilita a substituição dos bens e valores perdidos. E lembre-se que não só as chamas danificam os seus bens! O calor e o fumo desenvolvidos pela combustão, a água e todos os meios utilizados para combater o incêndio, muitas vezes, completam a destruição... Um Seguro de Incêndio inclui a reparação de todos estes prejuízos.
2. – Toda a gente tem gás em casa. As probabilidades de uma explosão, são, felizmente, mínimas. No entanto, pode acontecer... Mais vale prevenir do que remediar.
3. – Uma fábrica, cujo equipamento de trabalho fique inutilizado num incêndio, terá, fatalmente, de interromper a sua actividade – o que se traduz em lucros não realizados. Os encargos permanentes mantêm-se. Muitas vezes, o Empresário terá de conseguir instalações provisórias por absoluta necessidade de manter a sua produção. Uma "Apólice de Lucros Cessantes" cobre-lhe todos esses riscos.
4. – O Seguro de Roubo prevê escalamento ou arrombamento de portas exteriores, telhados, janelas, paredes, sobrados e tectos; e também o emprego de chaves falsas, gazuas e outros instrumentos.
5. – Os objectos mencionados numa Apólice ficam seguros quando o roubo for efectuado em casa desabitada, se a sua ausência não exceder 30 dias. Esse prazo pode ser aumentado, mediante estipulação especial.

Nota: Os bens materiais valorizam-se dia a dia. Actualize regularmente as suas apólices de Seguro.

O Seguro não evita necessariamente que as coisas aconteçam.
Ele serve, sobretudo, para lhes minorar as consequências.

As Companhias de Seguros existem para cuidar do seu Futuro.
Confie nelas. Directamente, ou através dos seus Agentes e Vendedores.

O SEGURO PROTEGE O FUTURO

TEATRO NO TEXTO

WEDEKING:
"O DESPERTAR DA PRIMAVERA"

A obra do autor de «*Lulu*» situa-se na encruzilhada em que o naturalismo dá passagem ao expressionismo.

E claro que nesta matéria é um erro compartimentar excessivamente movimentos, escolas ou correnes, como se cada um deles fosse um rio completamente separado dos restantes, e não participasse, muito pelo contrário, de experiências muito ou pouco anteriores, de correntezas subterrâneas que em determinada altura adquirem mais força e sobem à superfície.

Não se pode por isso falar na encruzilhada Wedeking (em que também cabe, aliás, Strinbderg) sem evocar outras correntes que igualmente vieram desaguar no expressionismo após terem permanecido submersas durante muito tempo. E por isso, de resto, que explica a riqueza de um movimento como aquele.

Dois nomes fundamentais surgem quando se pretende falar de expressionismo, ambos, contemporâneos de um tempo em que o expressionismo nem sequer como premonição existia. Refiro-me a Buchner e a Lenz. Wedeking retomou em «*O Despertar da Primavera*» a técnica de Buchner e que Brecht viria a utilizar com objectivos bem definidos: a divisão da peça em cenas mais do que em actos. Ou aquilo a que o prefaciador da tradução portuguesa chama técnica de montagem.

Em «*O Despertar da Primavera*», o texto surge-nos inesperadamente (a peça foi escrita em 1890) quase com as características do guião para um filme ao qual tivesse sido dado uma forma teatral: as cenas sucedem-se nos sítios mais diversos numa montagem extraordinariamente fluente.

Não devemos esquecer, porém, que ás inovações formais que o dramaturgo germânico propõe correspondem audácias que tornam a sua peça ainda hoje inviável e não só nos nossos palcos.

Audácias não do tema principal — o despertar da sexualidade — nem das críticas que o autor levanta a propósito (incompreensão dos adultos; conflitos de gerações; ignorâncias a que os jovens são forçados; hipocrisia de relações humanas; ausência de uma pedagogia científica, etc.) O que fundamentalmente caracteriza o que nesta peça há de mais audacioso é a liberdade que Wedeking utilizou na exposição dos seus conflitos. A grande força desta peça consiste exactamente na coerência que se observa nos seus vários níveis. Libertação de formas caducas (ou do teatro como lugar fechado); libertação temática (o teatro é um veículo que permite a expressão de todos os sentimentos); libertação cénica (é necessário que tanto personagens e situações como o cenário tenham uma presença significante).

«*O Despertar da Primavera*» põe-nos perante os problemas que se levantam a jovens colegiais que descobrem subitamente que existe qualquer coisa a que chamam «mistério da vida». A esse tema — o despertar da sexualidade — um outro subjaz, em surdina e seu contrário: o da morte. A primeira cena é muito importante sob esse aspecto. A jovem Wendla faz catorze anos e a mãe ofereceu-lhe um vestido de que Wendla não gosta porque é demasiado comprido. Trava-se então o seguinte diálogo entre mãe e filha:

Senhora Bergmann — Não sei que te diga. O filha, eu bem gostaria de te guardar tal e qual como estás agora. Há raparigas da tua idade que são desajeitadas e pesadas. Tu és o contrário. Quem sabe como virás a ser quando as outras se desenvolverem?

Wendla — Quem sabe? Talvez eu já nem exista.

Senhora Bergmann — O filha, ó filha, como é que podes pensar numa coisa dessas?

Wendla — Não, mãezinha! Não fique triste!

Senhora Bergmann — (Beijando-a) Minha querida! Meu único bem!

Wendla — Penso nisso de noite quando não consigo dormir. Eu não fico nada triste com isso, e sei que durmo até melhor. O mãe, será pecado pensar nessas coisas?

Em 1929, Peter Lorre e Lotte Lenia interpretaram «O Despertar da Primavera», na encenação de Karlheinz Martin

Veremos ao longo da peça que *pensar nessas coisas* é considerado mais do que pecado — um crime.

Pelo menos a ajuizar pelas reacções dos adultos que povoam a peça de Wedeking. Wendla morrerá não por pensar nessas coisas mas por tentar viver as coisas que os adultos declaram tabus. A peça desenvolve-se num crescendo em que os conflitos se vão agudizando, as tensões tornando-se insustentáveis. Wedeking faz o processo de uma sociedade repressiva que surge mortalmente doente em virtude dessa característica.

O que aqui é também posto em causa é a inadaptação do sistema educativo às necessidades e apetências vitais dos jovens. Na realidade, esta peça constitui um requisitório implacável contra uma engrenaque impõem uma determinada disciplina e obrigam a uma concentração totalmente alienatória; por outro lado, os jovens sentem, sem poderem compreender, os apelos da seiva que irrompe nos seus próprios corpos. Em última análise, a peça consiste exactamente no estudo das tensões que esse conflito provoca: ao longo dela verificamos que as destruições que essas tensões inevitavelmente originam resultam de causas bem concretas e por isso definíveis numa perspectiva política.

Mais do que um conflito de gerações, trata-se do embate entre duas maneiras de estar no mundo: a conservadora e a que pretende a sua transformação. Wedeking leva a lição até às últimas consequências porque é sempre a destruição (a morte) que espera as vítimas de um sistema injusto e desnecessariamente cruel. O suicídio, a fuga, a morte provocada por aborto, a prostituição, eis o que espera algumas das principais personagens da peça de Wedeking, vítimas inocentes de um jogo de maneira nenhuma inocente.

Embora esta peça pareça nalguns dos seus aspectos caduca, continua a ser infelizmente um retrato exactíssimo de certas realidades inamovidas.

Como disse, Wedeking é um dos principais precursores do movimento expressionista que devia marcar a Alemanha nas primeiras décadas deste século. Desprezando as convenções de um teatro condicionado por determinados códigos realistas, Wedeking retoma a tradição de um teatro que acredita nos valores do imaginário (de que Shakespeare foi o mais insigne representante). As últimas cenas de «*O Despertar da Primavera*» decorrem num cemitério e nelas participam o espectro de um jovem que se suicidara e uma nova personagem que de acordo com o ponto de vista do prefaciador da edição da «Estampa/Seara Nova» representaria o próprio autor. Poderíamos dar, talvez, uma interpretação mais lata da personagem, vendo nela não apenas o próprio autor, mas o símbolo de uma força histórica que se ergue contra o estado de coisas denunciado na peça.

Carlos Porto

Cinema

PERCURSOS

VIDA EM FAM

..1. Ao almoço, o avô (é um homem triste e cumpridor, duma honestidade absoluta e franca, duma generosidade indiscutível) diz para a neta: «Queres que te corte a carne?» E a neta responde: «Não é preciso, avô, eu sei». E o avô: «Mas gostas mais que o avô corte, não é?» E corta.

Este episódio é vulgar e não tem grande importância — dirão. Tentarei responder: que ele é a condensação do filme, do drama do filme, da insuportável tragédia do filme, de tudo o que existe de irrespirável nete filme. Exactamente assim, miudinho e modesto, é assim que ele representa tudo isso. E o mais terrível é que seja vulgar: é isso, vulgar.

Porque tudo parte deste paradoxo muito simples: o avô quer que a neta tenha vontade **própria, e por isso lhe pergunta** o que ela quer; mas o avô quer também que a neta tenha a vontade **que ele quer que ela tenha.**

É isto, em linhas muito gerais, o essencial da teoria do «double bind» estudada por Bateson, Jackson, Haley e Weaklan em «Towart a theory of schizophrenia». A pessoa para obedecer ao que lhe é indicado está numa situação paradoxal: se obedece no sentido de ter vontade própria, então não tem a vontade do avô, e desobedece-lhe; se obedece no sentido de ter a vontade do avô, desobedece também porque não tem vontade própria. O que a teoria diz é aproximadamente isto: o «double bind» não provoca a esquizofrenia, mas provoca no indivíduo que o suporta um comportamento que se assemelha ao comportamento esquizofrénico; ora, como nota Laing **(The politics of the family)**, o «diagnóstico de esquizofrenia, incitando o sujeito a representar o papel de esquizofrénico, engendra por si mesmo uma grande parte do comportamento considerado como fazendo parte dos sintomas da esquizofrenia»; por outro lado, as situações de «double bind» tendem a repetir-se ilimitadamente, sendo condição do seu funcionamento que o sujeito **não possa** tomar consciência da contradição que o divide e bloqueia.

A cena do avô e da neta pertence ao filme **Vida em Família** de Kenneth Loach.

2. **Vida em Família** conta a história de Jan, filha mais nova de um casal normal, que pouco a pouco se transforma num caso irrecuperável de esquizofrenia. Não porque existam no filme pessoas, forças ou instituições **más;** nada disso; tudo se passa num excelente mundo em que cada um procura ajudar o próximo e amá-lo como a si mesmo: e é isso que é terrível, o descobrirmos a enorme violência que os bons sentimentos podem constituir. Porque **Family Life** mostra como uns pais bem intencionados e normais podem destruir por completo uma filha, julgando que estão a fazer «o melhor para ela»; como um psiquiatra sabedor pode destruir um ser humano ao fazer tudo para o curar; como a polícia pode cortar a última hipótese de sobrevivência de uma pessoa ao julgar que a protege. Sabemos agora que, ao contrário do que muitas vezes nos disseram, ninguém deveria ser pai **sem saber que não sabe.**

Inicialmente, supomos que o filme vale sobretudo **como documento.** Não como história, mas como cinema-verdade. A isso nos convida a serenidade, a neutralidade, este jeito atapetado de contar: Loach mostra fragmentos significativos dum caso. Mas depois vemos que não, que não é nada disso: é todo **um discurso teórico** que o filme produz, em cada sequência se insere numa argumentação teoricamente sólida e impecável: e é isso que justifica cenas como a da administração ou, no final, a da aula. O que se torna fascinante é então o modo exemplar como teoria e ficção se cruzam e sustentam, sem nunca se tornarem autónomas, sem nunca se tornarem visíveis no seu trabalho conjugado frente ao espectador — e é isso que faz de **Vida em família** um filme admirável como cinema e, por isso, mesmo, uma das obras politicamente mais importantes dos últimos tempos.

3. «Na instituição familiar (tal como na instituição escolar, hospitalar, etc.), a **pressão** está no interior de toda a educação, seja ela liberal ou autoritária: a violência, vimos, está sempre presente, mascarada (sob a forma de uma manipulação moral), ou aberta.

A pressão exercida pelo quadro da instituição (familiar) não existe independentemente da estereotipia dos membros duma família. Pela sua relativa imobilidade, a instituição familiar introduz uma permanência, factor de regulação (do comportamento), de formação (do carácter), de reprodução (de indivíduos semelhantes aos pais).

A instituição familiar reduzida à família conjugal é essencialmente conservadora. E este traço conservador que se reproduz na escola, na fábrica, na igreja, no hospital. Os efei-

OPÇÕES

(código: ⋆ com algum interesse; ⋆⋆ a ver; ⋆⋆⋆ bom; ★★★★ muito bom; ⋆⋆⋆⋆⋆ excepcional)

Vida em Família («Family Life»), no Estúdio 444
Real.: Kenneth Loach
Um filme necessário e irrespirável: onde se vê como destruir — em nome da ordem, da família, da ciência, da normalidade, do trabalho e da moral — como destruir, terrivelmente, e apenas com bons sentimentos, uma pessoa. A não perder de modo algum. (Classificação: ⋆⋆⋆⋆⋆)

Ensina-me a viver («Harold and Maude»), no Apolo 70
Real.: Hal Asby
Uma falsa lição de moral a partir de dados inteiramente viciados. Falsa e fácil: a excentricidade é a única regra para a vida e para o cinema. Divertimento às vezes divertido, às vezes irritante, sempre demagógico. (Classificação: ⋆)

O enforcamento («Koshikei»), no Estúdio
Real.: Nagisa Oshima
Não basta ver; é preciso dizer aos outros para irem ver. Porque se trata de uma obra-prima indiscutível, filme multifacetado e interminável, sobre o desejo, a realidade e o imaginário. O mais inteligente filme sobre a questão do sujeito e da ideologia. Um argumento extraordinário e uma realização que encena e calcula o jogo ilimitado das leituras. Juntamente com **Vida em Família**, é este o cinema que será imperdoável perder. (Classificação: ⋆⋆⋆⋆⋆)

Viajens com a minha tia («Travels with my aunt»), no Império
Real.: Georges Cukor
Um cinema de outro tempo que nos deixa a nostalgia disso: com um humor invulgar e subtil, confrontam-se experiências e ciências de duas personagens bastante sedutoras. Ganha a Tia Augusta (uma insuperável Maggie Smith). O todo é agradável, não mais. (Classificação: ★★

A casa da boneca («Doll's House»), no Londres
Real.: Joseph Losey
É filme de que começamos a estar fartos: um Losey domesticado para consumo (intenso) das famílias: problemas distanciados, cuidadosamente transpostos, amansados pela «qualidade da escrita». O resultado é extremamente entediante. Quem quer cinema de hoje não quer isto. (Classificação: ⋆)

Alfredo, Alfredo, no Roxy
Real.: Pietro Germi
Esperteza, gosto de escândalo e algum sentido de humor fazem um êxito que não é inteiramente de desprezar: o casamento não vai ao fundo, mas apanha alguns tiros. (Classificação: ⋆)

O regresso de África («Le retour d'Afrique»), no Satélite
Real.: Alain Tanner
Um pouco embaciado pelo Oshima e pelo Loach, este filme de Tanner é inteligente e simpático: sabe a Maio-68 com tudo o que isso tem de saber bem. (Classificação: ★★★

ÍLIA

tos, como se sabe, lêem-se nível dum bloqueamento ou de uma desordem chamada «doença». Um conformismo é, no fim de contas, promovido, «para bem» do sujeito, a condição da sua promoção social.

A ideologia da instituição familiar, como das outras instituições, participa estreitamente — através de formas subtis de dominação — na manutenção da ordem moral e social (que veremos ser hoje a do rendimento), Maud Mannoni, **Education impossible**, Seuil. pp. 39-40.

4. O que primeiro nos surpreende no filme de Loach é a sua narração **des-dramatizada**: não há quase conflitos, há apenas intermináveis e magoados percursos de vozes mais ou menos desamparadas que solicitam, no seu fio extremo, uma outra voz compreensiva. Provando-se assim como a comunicação pode ser um logro (raras vezes se comunica neste filme), como a compreensão pode ser um logro, como a bora vontade pode conduzir ao desastre. Evitando o drama, Loach impede uma leitura que se prendesse à superfície e aos acidentes da história. E, por outro lado, aguça (é na segunda parte do filme que o vamos saber) o gume de uma intolerável violência. As cenas do fim são cenas naturais e quotidianas: são também, na sua doçura e resignação, do que de mais difícil pude ver em cinema.

O terrível é aqui o inevitável desencontro: sempre me assustou o modo como pessoas — famílias vivendo regradamente, honestamente, segundo as normas do bom senso, se vêem de súbito *excedidas* por algo para o qual elas não têm nem palavras, nem razões, nem instrumentos mentais para o reflectir; e aquilo que as excede excede-as de tal modo que elas, sentindo dolorosamente o excesso, nem o entendem **nem o podem pensar**. Hesitantes, redobram então de cuidados em relação aos filhos: «ele tem tudo o que quer, não lhe falta aqui nada, não pode ter problemas», sem verem que esses cuidados reforçados, sintomas do desencontro, se tornam por vezes insuportáveis (na sua generosidade patética) para os filhos que os suportam. Loach não expõe conflitos de gerações nem se arvora em árbitro designando os bons e os maus; nem há aqui bons ou maus; há apenas um sistema que determina um certo modo de ver (não ver) vida,

Kenneth Loach

de viver (não viver) a vida. O pior cego não é o que não quer ver: é o que **não pode** ver; porque aqueles pais queriam ver a filha e só vêem nela a filha **que ela não é**. Por isso desconhecem sempre o que nunca chegaram a conhecer: «tu estás diferente», «tu não estás em ti», «tu estás doente».

A doença: palavra admirável, porque tranquiliza. De tudo aquilo que estes pais não entendem eles dizem que é doença; razão para não pensarem mais em entender: não é a eles que cabe perceber de doenças, mas aos médicos. A doença é a tranquilidade da família: concentrar tudo na doença de Jan é útil porque impede a família de ver que é **toda a família que está doente**. Por isso o pai diz: «Ela está doente, mas não fui eu que a fiz adoecer, pois não?». E pergunta numa das perguntas mais difíceis de ouvir neste filme: «E que têm a ver as relações sexuais entre mim e a minha mulher com a doença da minha filha?» Gentes habituadas a viver **sem desejo** (porque lhes ensinaram que era preciso produzir, não desejar), não entendem que o desejo irrompa no corpo de alguém **e** *fale*. Contudo, o que excluíram obceca-os: não o desejo, mas o sexo (é a mãe, a não dotada para o amor, no dizer do marido, que vê o sexo em todo o lado como o grande perigo). Que preocupa mais estes pais (pobres pais) quando a filha entra numa enfermaria psiquiátrica? Que homens e mulheres durmam separados.

Gentes habituadas a viver sem desejo, não percebem que um trabalho nunca é um bom trabalho se as pessoas lá trabalham em cadeia e à cadência, sem que ninguém lhes dê razões para trabalhar. «Você tinha um bom trabalho, diz o médico». «Diria o mesmo se lá estivesse?», pergunta Jan.

O pai pergunta ao psiquiatra: «como aprendem eles a distinguir o bem do mal?».

Pergunta que encobre o drama de alguém supor que bem e mal existem de forma distinta. E por isso ele faz o mal julgando que faz o bem.

5. O que torna *irrespirável o* filme de Keneth Loach é ele levar-nos a assistir a um processo de destruição **sem que nós possamos intervir**. É isso o que o filme faz: impõe em nós **o desejo de intervir**. Razões e ocasiões não faltam. O que torna urgente perguntar e saber: como se produz, lenta e laboriosamente, a loucura à nossa volta? Como se poupa a si mesmo o bom senso?

EDUARDO PRADO COELHO

JORGE LISTOPAD

FICHAS

NA MESA

11, 1 — (Pauvre Jarry): Há um século mais alguns dias que nasceu um senhor estranho, esse banqueiro anarquista sem dinheiro, aquele que foi acompanhar o enterro de Mallarmé em bicicleta, e que nos deixou a primeira talvez verdadeiramente moderna peça de teatro, isto é, o primeiro texto em que se recusa todo o século XIX teatral, desde romantismo, historicismo, psicologismo até realismo, de uma maneira radical. Falo de Alfred Jarry e do seu «Rei Ubu». Apesar de Jarry não ser apenas o autor dessa peça mas também de outras (e bem interessantes) e de muitos textos literários, o nome de Jarry evoca automaticamente a truculenta personagem de Ubu, como, por exemplo, Hasek lembra o soldado Schweik. Sobreposições de identidade? Talvez só visto de longe. Mas tanto faz para o caso.

Qual caso? Lembramos a efeméride, embora pouco inclinados a coleccionar datas festivas, porque o «Rei Ubu», bem traduzido para português, ainda espera — se não estou em erro — a estreia lusitana. A ex-escandalosa peça, representada hoje nas escolas francesas, realizada há algum tempo com piada e em jeito de «estruturação» e «destruturação» na TV francesa por Averty, ainda não encontrou aqui ou bênção ou iniciativa.

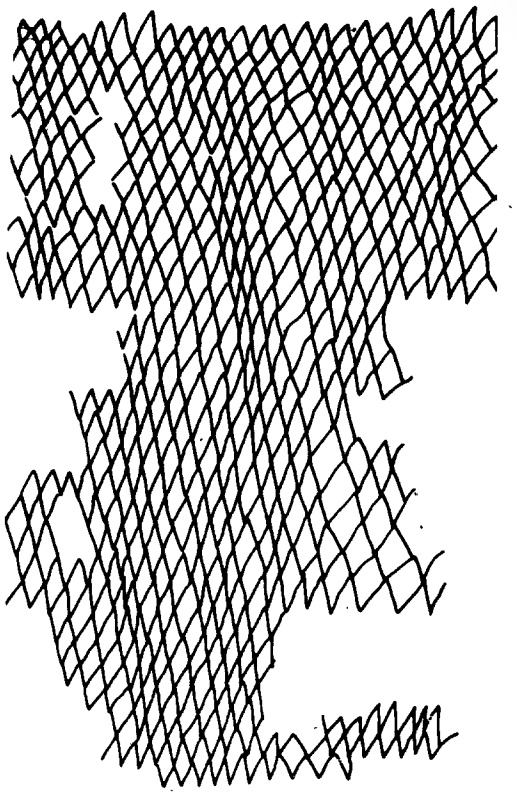
11, 3 — (Humor de Miranda): Chamo a atenção para o humor de Miranda, o caderno de desenhos «Contrabando clandestino», que chegou do Porto (edição Paisagem) e que tem qualidades humorísticas próprias, mesmo as que são típicas da cidade dita Invicta. Chamo a atenção para os órgãos olfactivos das centenas de bonecos apanhados pelo moinho da vida: sempre os mesmos e todavia sempre com expressão diferente. Os narizes também falam. Gogol já o sugeria.

11, 4 — (Normalização): Vi, por mero acaso, nos últimos dias, a edição alemã de «O Delfim» de Cardoso Pires. Vi, nas mesmas condições, a edição russa, já feita em 72, do romance cabo-verdiano de Manuel Lopes «Iarostnyj livenh», o que é «Chuva Braba» (com **b** em braba) em língua de gente. Não li sobre estes factos coisa alguma nos jornais portugueses nem nos suplementos. Parece-me excelente sintoma. A situação da literatura portuguesa no mercado mundial normaliza-se. Da excepção à regra.

11, 2 — (Itinerário das abelhas): Estava com o livro (livro?), com o objecto (objecto?) fingindo a forma (forma?) de livro de Ana Hatherly; o nome: «Mapas da Imaginaçao e da Memória». E observava, primeiro, o livro-objecto-etc.; depois, penetrava, pedestre, nas páginas da escrita reescrita, de reescrita desenhada, do desenho reescrito; em seguida, sonhando, querendo, desejando, mas não sabendo como, como comunicar eu, pela minha escrita pobre, este fenómeno complexo ao leitor.

A água corre para a água, escreveu Hermann Hesse. Os sinais-desenhos de A. H. correm para os meus, que são civilizados, normativos. O branco das páginas corre para o branco do papel diante de mim. O branco de Ana Hatherly lembra a grande sabedoria chinesa que ensina a olhar também com atenção os espaços vazios dos quadros.

Estava eu com o livro-objecto-etc. e afinal já estava com Ana Hatherly, que conheço há bastante tempo sem a conhecer totalmente (isso chamo amizade), e que sempre vejo como os favos louros das abelhas musicais, cujas estruturas vitais também não percebemos totalmente (isso chamo amizade) e desejava tanto dizer uma palavra **simples** a importância de qualquer vida, de todos os gestos, da memória, real e inventada (inventada é, porém, também real), tudo isto que o livro-objecto-etc. me inspirava, mas incapaz de encontrar o verbo justo, no momento exacto em que, por uma local do jornal que alguém me trouxe, soube do acidente de Ana Hatherly na Marginal. Está no hospital; talvez apenas estava, quando isto lerão. Do seu mapa de imaginação e de memória, partidas algumas malhas, como nessa rede do livro-objecto, etc. que estão a ver.

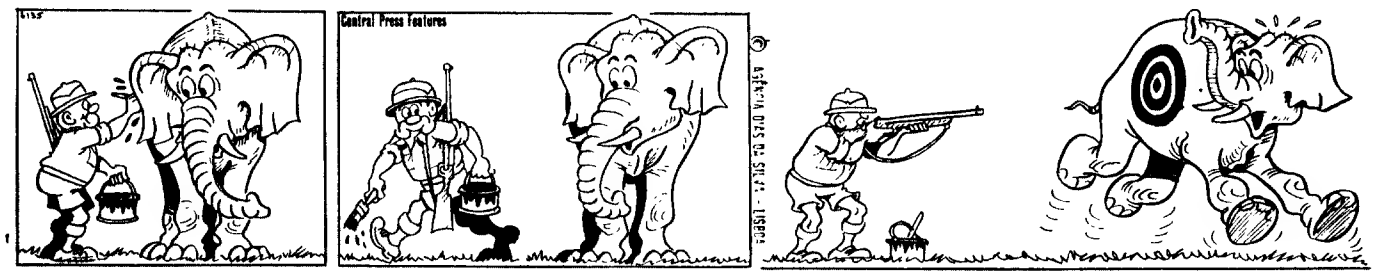


Ou encontradas as redes novas? Da Marginal ao centro?

11, 5 — (Love Story): Não sei se esta ficha ainda apanha a projecção do filme «Harold and Maude» (com o título piroso e desorientador «Ensina-me a viver») em Lisboa. Atrasei-me: vi a fita só há alguns dias e não estava aqui quando as críticas saíram. Não sei, pois, nada se «Harold and Maude» foi discutido ou unanimemente considerado pronto para consumo, saudável, crítico, progressivo, regressivo, materialista, etc. Pelo que me toca, além das evidentes implicações do antiamericanismo tipicamente americano, algo pela rama, há mais ou menos trinta minutos que poderão valer; aí, o realizador (Hal Ashby) e os actores (Ruth Gordon, Bud Cort) souberam dar-nos uma bela história de amor, isto é, uma banal história de amor, como todas são, e com o perigo inerente quando contadas, mas fazendo-nos **esquecer** o lado talvez anormal, patológico, da paixão entre um homem e uma mulher com 60 anos de diferença. A Julieta da história tem 80: podendo esquecer isto, o filme ganhou uma estranha batalha.

11,6 — (Simplesmente Luisinho): O folhetim sobre a vida de Beethoven, todas as noites às 20.30 na Emissora, da pluma de Odete de Saint-Maurice, que estimo, tem todos os ingredientes que precisa. Até o pequeno Beethoven é chamado ternamente Luisinho e parece um pouco airasadinho, o Luisinho, mas confio no seu futuro. Única coisa que aí não está muito bem escolhida, e, por assim dizer, destoa da unidade artística: a música qque acompanha as peripécias, de um certo Ludwig van Beethoven.

O submarino miniatura «Pisces», fretado pela Corporação Britânica de Correios e Telecomunicações, é içado para bordo do barco auxiliar «Vickers Voayger» antes de zarpar de Dover para a colocação no fundo do mar do novo cabo telefónico transatlântico «Contat 2». Os tripulantes do «Pisces» enterraram 20 quilómetros de fios utilizando jorros de água a alta pressão.



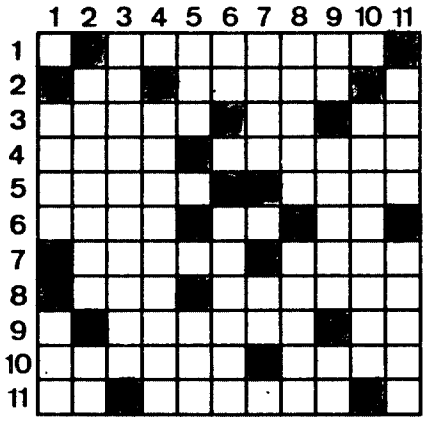
PASSATEMPOS GRÁFICOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 574

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido Numerário.
2 Pedra de moinho. Irmão de Moisés.
3 Vírgulas dobradas. Antigo Testamento. Cobalto (S.Q).
4 Cidade da Grécia. Aberturas no alto das muralhas.
5 Ódios. Planta do pé.
6 Lavras. Artigo definido. Compaixão.
7 Pertencentes à alta Escócia Tombar
8 Feche as asas para descer mais depressa Amourisca.
9 Poisar no mar (o avião). Esquadrão.
10 Afastado Tosquia.
11 Prefixo de negação Pessoas muito parecidas com outras.



VERTICAIS:

1 Aquela que não vê. Acreditei.
2 Freguesia do concelho de Celorico de Basto. Preposição.
3 Subjugariam.
4 Guarnecessemos de asas.
5 Em as. Prendo.
6 Tempo do verbo haver. Artigo definido. Planta vivaz e medicinal (pl).
7 Estavam. Ruim.
8 Pequenos barcos de recreio Talha.
9 Letra grega. Cobri de lodo. Ósmio (s.q).
10 Principiantes em qualquer matéria.
11 Nome de flor. Dever

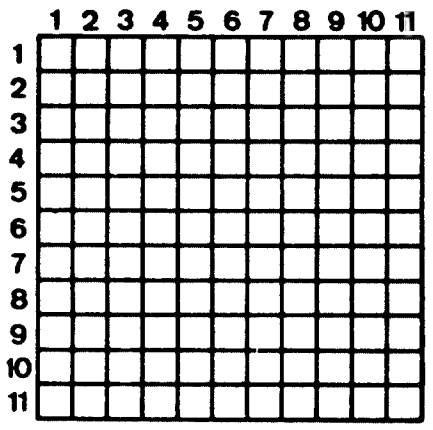
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 731

HORIZONTAIS:

1 Destemida. Cidade de Portugal.
2 Serra de Portugal. Lavrem.
3 Expulse (fig).
4 Sacrifica. Resmunga.
5 Invulgares. Verbais.
6 Cidade de Itália.
7 Sadia. Ósmio (s.q).
8 Aia. Ribeira de Portugal. Artigo indefinido
9 Habitante da Lapónia. Do feitio de ovos.
10 Dera mios. Cidade do Egipto
11 Restos mortais. Queimas.



VERTICAIS:

1 Desterrar. Sereno.
2 Troça. Oceano. Em mais alto grau.
3 Paixão. Mulheres baixas e gordas.
4 Lê. Freguesia do concelho do Cartaxo. Anel.
5 Aralé (fig). Ecoas
6 Porco. Rio de Portugal
7 Lavrou. Terreno cheio de mato.
8 Batráquio. Cidade da Argélia. Fúteis.
9 Freguesia do concelho de Guimarães. Transpirais
10 Germânio (s.q). Ninho. olhe atentamente.
11 Causas amuo a. Sucessos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 573

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 OLHOS. Apita.	1 VERDES. Ra.
2 Io. Ota. Rn.	2 Lia. Amores.
3 Vassalos. Ao.	3 Hospedar. Às.
4 Chamais.	4 Olaria.
5 Oó. Alda.	5 Aço. Sl.
6 Dado. Sérios.	6 OLHOS. DE.
7 Emala. Ri.	7 Atoa. Eros.
8 Sora. Doam.	8 Pasmaria. Ar.
9 És. Eça.	9 Ali. Medi.
10 Reais. Adão.	10 TRAIDOR. Caa.
11 Assaltarias.	11 Anosas. Laos.

PROVÉRBIO: Olhos verdes, olhos de traidor.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 730

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Marau. Arada.	1 Mim. Amor. Vã.
2 Im. Creme. Os.	2 Amornar. Lai.
3 Mor. Amo. Grã.	3 Rodo. Falo.
4 Rol. Bom.	4 Ac. Lameiro.
5 Andar Selim.	5 Ura. Rema. Ré.
6 Maomé. Azeda.	6 Ema. Adi.
7 Or. Emace. Ar.	7 Amo. Saco. Pó.
8 Fiadora.	8 Ré. Bezerro.
9 Lar. Ris.	9 Gole. Aira.
10 Valor. Porás.	10 Dormida. Sal.
11 Aio. Ero. Aló.	11 Asa. Maré. Só.

os Kolans

A CRÍTICA JORNALÍSTICA

Continuação da página três

a evolução da cultura literária em Portugal, sabe que a nação irmã dispõe de excelentes especialistas nos domínios da crítica literária, capazes de manter em alto nível qualquer discussão em torno da literatura. E isso não apenas no que se refere aos métodos do **new criticism** anglo-americano, da estilística ou da filosofia da existência, mas inclusive em torno do formalismo russo, da semântica estrutural, da teoria do reflexo de Lukacs, do estruturalismo genético de Goldmann, da autonomia do processo estético de Badiou, do estruturalismo lévi-straussiano ou mesmo da psico crítica como crítica estrutural, partindo-se da reeleitura de Freud proposta por Lacan. Tudo isso existe, nos dois lados do Atlântico, onde se fala e escreve a mesma língua.

Mas também há, tanto no Brasil como em Portugal, o reverso da medalha. Há os aventureiros, que fazem da incompetência e da invalidez intelectual a sua melhor arma, como é o caso realmente constrangedor do sr. Fernando Luso Soares, autor de um artigo de crítica (?) ao livro **Situação Actual da Literatura Portuguesa**, estampado na segunda página do **Suplemento Literário do Diário de Lisboa**, de 19 de Julho do ano em curso. Como se sabe, a segunda edição desse livro foi recentemente publicada em Coimbra, pela Livraria Almedina, e nele colaboram, ao meu lado, os professores e críticos Fernando Mendonça, João Alves das Neves, Manuel Tânger e António Basílio Rodrigues. Trata-se de um volume despretensioso, resultante de cinco pequenas palestras, realizadas no Rio de Janeiro, com o propósito de chamar a atenção do público para os autores da moderna literatura portuguesa. Nesse sentido, aliás, o livrinho atingiu plenamente o seu objectivo, muito cedo esgotando-se a sua primeira edição. Claro está que ali não era o local próprio para desenvolver grande número de considerações analíticas ou debater problemas teóricos de crítica, como ressaltamos no prólogo. Foi nosso propósito apenas informar ou chamar a atenção do público, em pequeno volume, para o valor indiscutível da literatura portuguesa dos nossos dias. Só isso e nada mais que isso. Particularmente, não me queixo da síntese que escrevi sobre o moderno romance português. De forma alguma!

Assim, somente por incultura ou incompreensão alguém poderia dizer o que disse o sr. Fernando Luso Soares sobre o livro, em linguagem agressiva e oca. Nem sabemos como um jornal da categoria do **Diário de Lisboa** ainda abre, tão generosamente te, amplo e precioso espaço para uma crítica de tão baixa qualidade, como esta a que nos referimos, e que pretende revelar bases de orientação marxista, sem nada entender de marxismo, ou de cousa alguma. Inútil seria, por isso mesmo, tentar um debate teórico com o sr. Fernando Luso Soares sobre a problemática moderna da crítica literária. O seu artigo revela que ele nada sabe de literatura, por ser um equívoco como crítico, embora esteja convencido do contrário. Apenas entende de afirmações levianas e inconsequentes, em linguagem de alta agressividade, sem questionar qualquer problema pertinente de crítica. Se lhe disséssemos, por exemplo, que a linguagem literária não se opõe à sociedade, exactamente porque o texto é tomado numa inversão assimétrica em relação ao contexto, ele por certo ficaria sem compreender coisa alguma, boquiaberto e atónito. Com isso, pretendemos dizer que a nossa divergência não é apenas adjectiva. Ela é substantiva mesmo, pois fazemos uso de dois códigos de referencialidade crítica inteiramente opostos, com muita satisfação para nós.

De qualquer forma, em respeito aos leitores do **Diário de Lisboa**, não podemos deixar de pôr em evidência essa diferença de formação crítica existente entre os cinco autores do livro **Situação Actual da Literatura Portuguesa** e o referido articulista. Aliás, dos cinco autores, apenas o signatário deste artigo é brasileiro. Os quatro restantes são portugueses e aqui sempre fizeram tudo pela cultura portuguesa, merecendo melhor forma de tratamento, e disso não se queixam, em relação aos escritores portugueses intelectualmente válidos. Não há somente dois portugueses, entre os autores do livro, como afirma o sr. Fernando Luso Soares, entre outras coisas destituídas de qualquer senso de responsabilidade informal. E para nós, que sempre recebemos de boa vontade o que os portugueses escrevem sobre a literatura brasileira, ainda que discordemos de um ponto ou outro, é muito triste ler um depoimento redigido com tanta má-fé e sem qualquer forma de pudor literário. Em dado momento, chegamos a pensar que o articulista confunde mesmo Anita Garibaldi com balde de Anita...

Aos leitores do **Diário de Lisboa**, que devem ser bem informados, desejamos finalmente ressaltar que o livro **Situação Actual da Literatura Portuguesa** nada tem de pretensioso (o título apenas diz da matéria tratada), ou de leviano, como afirma incompreensivelmente o sr. Fernando Luso Soares. Aliás, ele chega ao ponto de escrever que o intercâmbio cultural luso-brasileiro é «um intercâmbio de paralíticos e cegos». Mas seria bom não confundir o intercâmbio que ele certamente estabelece com gente do seu nível no Brasil com o alto intercâmbio, felizmente já existente, entre verdadeiros intelectuais portugueses e brasileiros. Sinto-me inclusive envergonhado de ter que responder a um artigo dessa natureza, e só o faço em respeito à amizade que tenho por vários escritores portugueses, tão chocados quanto eu com a publicação desse estranho artigo no **Diário de Lisboa**. Mas, ao fim e ao cabo, pensando bem, não há nada a que se possa dar resposta em nível de seriedade ou de conhecimento literário, pois o articulista ignora o sentido de ambas as coisas.

Por tudo isso, não poderia ler o referido artigo sem rejeitá-lo em sua totalidade. E ao fazê-lo, apenas peço ao público esclarecido que, ao ler o livro, logo estabeleça um confronto entre ele e o que sobre ele escreveu o sr. Fernando Luso Soares, cada um tirando as próprias conclusões. E não vai ser por isso, é mais do que claro, que eu e os demais autores do livrinho deixaremos de ter, cada vez mais, interesse e amor pela literatura portuguesa, modestamente realizando no Brasil uma obra que tem a seriedade como norma e o respeito aos outros como dever essencial de todos aqueles que atingiram, verdadeiramente, a condição humana.

Em suma, à direcção do **Diário de Lisboa**, um dos mais conceituados jornais da capital portuguesa, os nossos agradecimentos pela atenção que der a este depoimento, com a informação de que o autor deste artigo não pretende, em nenhuma outra oportunidade, voltar a tal assunto. E isso porque, como espero que todos compreendam, temos muito que fazer, não nos restando tempo para manter polémicas que apenas revelam a miséria actual da crítica jornalística.

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES DE AUTOR

O FOSSO DA MENTIRA
Hélio Costa Ferreira

EDITORA ARCÁDIA

ENSAIO SOBRE A LIBERDADE
Stuart Mill
Tradução revista e prefaciada por Orlando Vitorino
Colecção Universo do Estudante

«TÃO TARDE AO ANOITECER...» — PABLO PICASSO
Geneviève Laporte
Prefácio de Armand Lanoux

OS ALUNOS INADAPTADOS
Paule Parent e Claude Gonnet
Tradução de Carlos Alberto Nunes
Colecção Universo do Estudante

EDITORA ULISSEIA

A QUÍMICA DA VIDA
Steven Rose
Tradução de José Cardoso Ferreira
Colecção Livros Pelicano — n.º CA 87

PROBLEMA DA ECONOMIA MUNDIAL
Richard Bailey
Tradução de Maria do Rosário Rebordão Sobral e de Luís Filipe Torres Sobral
Colecção Livros Pelicano — n.º EP 86

O FIM DAS EMBAIXADAS
Roger Peyrefitte
Tradução de Armando Neves
Colecção Clássicos do Romance Contemporâneo — n.º 11

EDITORES ASSOCIADOS

A SERPENTE EMPLUMADA
D. H. Lawrence
Tradução de Maria Franco e Cabral do Nascimento
Colecção Livros Unibolso — n.º 28

EDITORIAL PRESENÇA

NAPOLEÃO (volume II)
Evgueni Tarlé
Tradução de R. D. Silva
Colecção Síntese — n.º 10

GEOGRAFIA HUMANA (volume I)
Max Derruau
Tradução de Helena de Araújo Lopes e Carlos de Almeida Sampaio
Colecção Biblioteca de Textos Universitários — n.º 7

PARA UMA ESCOLA DO POVO
Célestin Freinet
Prefácio de Élise Freinet
Tradução de Arlindo Mota
Colecção Questões — n.º 6

CRÍTICA DOS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA (volume I)
Georges Politzer
Tradução de Conceição Jardim e de Eduardo Lúcio Nogueira
Colecção Biblioteca de Ciências Humanas — n.º 28

ABC DO BRIDGE
Pierre Jais e Henri Lahana
Prefácio de Jacques Parentié
Tradução de J. Clemente
Colecção Cultura e Tempos Livres — n.º 4

PRELO EDITORA

RIO DEGEBE
Antunes da Silva

DUAL
HI-FI
À VENDA NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA
RUA DO NORTE, 5
LISBOA

UNIVERSAL GENEVE

Ref. 153200 — Ouro
Ref. 553100 — Plaqué
Ref. 853200 — Aço

UNISONIC CHRONOMETER

O UNISONIC
já não pertence à mecânica

Agora é um electrónico e a sua precisão é comandada por um diapasão: um oscilador electrónico que vibra 360 vezes (em vez de 5) por segundo.
E a simplicidade do mecanismo aumenta a sua resistência

A PRIMEIRA MARCA SUIÇA QUE ADOPTOU O RELÓGIO COM DIAPASÃO

motor

O seu nome poderá ser famoso!
CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL
Nikon 1973

aberto a todos os possuidores de aparelhos fotográficos NIKON em todo o mundo — amadores e profissionais.

A alta perfeição mecânica e óptica dos aparelhos NIKON torna-os instrumentos de grande valia na produção fotográfica.

Os seus 250 diferentes acessórios e 42 objectivas, representam uma extensa gama de possibilidades que estimulam a criação artística.

No ano de 1971, um grande fotógrafo português conquistou, sensacionalmente, o 2.º Prémio Mundial neste Concurso, glorificando o nome de Portugal!

No ano passado outro notável amador português conquistou também uma boa classificação.

O Júri constituído pelos melhores fotógrafos japoneses, seleccionará os trabalhos dos concorrentes, classificando-os e atribuindo-lhes prémios: medalhas em ouro, prata e bronze, a oferta de valiosos artigos NIKON e inúmeras Menções Honrosas.

O Concurso encerra a 31 de Outubro do ano corrente.

Colha os proveitos que a sua NIKON lhe oferece, participando no maior Concurso Fotográfico do Mundo!

Conquiste um primeiro lugar em Tóquio!
A sua NIKON abre-lhe o caminho da glória!

CONCORRA!

Peça boletins de inscrição com todos os pormenores ao seu habitual revendedor NIKON.

CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL
Nikon

MOLDES
PARA
PLÁSTICOS E FUNDIÇÃO INJECTADA
PINHOS & RIBEIRO, LDA.
EXPÕE NA FILPLAST-73 STAND N.º 161
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA — PRAÇA DAS INDÚSTRIAS

REVOLUÇÃO: PRÓ E CONTRA

Continuação da pagina cinco

Os portugueses tiveram sempre côrtes até 1698, nas quais se tratavam os mais importantes negócios relativos à política, legislação e fazenda; e neste período, que abrange mais de cinco séculos, os portugueses se elevaram ao cume da glória e da grandeza, e se fizeram credores do distinto lugar que, a despeito da inveja e da parcialidade, hão-de sempre ocupar na história dos povos europeus. O que hoje, pois, querem e desejam, não é uma inovação, é a restituição de suas antigas e saudáveis instituições, corrigidas e aplicadas segundo as luzes do século e circunstâncias políticas do mundo civilizado; é a restituição dos inalienáveis direitos que a natureza lhes concedeu, como concede a todos os povos; que os seus maiores constantemente exercitaram e zelaram, e de que há somente há um século foram privados, ou pelo errado sistema do Governo, ou pelas falsas doutrinas com que os vis aduladores dos príncipes confundiram as verdadeiras e sãs noções do direito público.

Rebelião? Ilegitimidade? Só é ilegítimo o que é injusto

O nome de rebelião, a qualificação de ilegitimidade, têm sido igualmente empregados para com eles se manchar a glória dos portugueses, para se fazerem odiosos os seus patrióticos movimentos, para se atribuir a crime a sua nobre ousadia. Mas a rebelião é a resistência ao poder legítimo, e não é legítimo o poder que não é regulado pela lei, que não é dirigido ao bem dos governados, e para felicidade deles. Não é ilegítimo senão o que é injusto, e não é injusto senão o que se pratica sem direito ou contra direito.

Com semelhantes determinações pretendeu Filipe IV infamar, perante as côrtes da Europa, o glorioso levantamento dos portugueses em 1640. A justiça prevaleceu; o senhor D. João IV deixou de ser rebelde e usurpador, os portugueses que o fizeram rei foram heróis beneméritos da pátria, e a augusta casa de Bragança começou a fazer o paralelo dessa época com a actual, em todas as suas circunstâncias. Estamos mui longe de comparar o carácter de D. Filipe IV com o do senhor D. João VI; os sentimentos do primeiro para com os portugueses, com as virtudes que eles mesmo reconhecem no segundo, e com o amor e benevolência que lhe são devedores. Mas nem por isso é menos certo que a nação sofria ao presente a mesma pobreza, a mesma decadência, os mesmos vícios e a mesma opressão que naquela época. Os seus direitos são os mesmos. O desenvolvimento deles, que então se reputou legítimo, não pode hoje ser criminoso.

A honra de ser facção

Os que atribuem esse desenvolvimento, nas circunstâncias actuais de Portugal, a efeitos de uma facção, honram por certo em demasia este nome, porque nunca houve facção alguma, nem tão sagrada nos seus motivos, nem tão desinteressada nas suas intenções, nem tão moderada nos seus procedimentos, nem tão unanimente desejada, aprovada, aplaudida. Nunca houve facção alguma que no curto espaço de trinta e sete dias mudasse a face de uma nação inteira, e de uma nação que se preza de religiosa e leal, sem derramar uma só gota de sangue, sem dar lugar a um só insulto contra a autoridade, a um só ataque contra a propriedade pública ou individual, sem ocasionar a mais ligeira desgraça ou desordem, ou ainda qualquer desagradável incidente. Nunca houve facção alguma que com tão justa razão excitasse a admiração e merecesse o aplauso dos estrangeiros, que a viram começar, que observaram o seu progresso e o seu espírito, e que não podem deixar de render a devida homenagem ao carácter nobre, generoso e pacífico dos portugueses, assim como muitas vezes lamentavam a sua triste decadência e infeliz situação.

À vista de tudo o que fica substanciado, não podem os portugueses duvidar de que os seus patrióticos movimentos hajam de merecer, não só a mais favorável consideração, mas até justo louvor, tanto na opinião pública das nações ilustradas, como na dos gabinetes dos soberanos que regem os diferentes povos da Europa.

Gendarmes da Santa Aliança! Não abusem do vosso poder

Seria decerto bem doloroso para a nação portuguesa, que grandes e poderosos monarcas, com quem ela tem mantido em todos os tempos relações amigáveis, fiel e religiosamente guardadas e respeitadas, abusassem agora do seu poder e superioridade para subjugá-la e impor-lhe leis, ou empregassem a sua influência para reprimir o nobre e ousado esforço de um povo sobejamente humilhado e infeliz, o qual, achando-se impossibilitado pela sua situação geográfica de estender o seu poder, de dilatar-se em conquistas, de perturbar os outros povos na livre e pacífica fruição de seus direitos e de suas instituições, somente pode intentar, e somente intenta em realidade, melhorar a sua sorte, reformar a sua interna administração, recobrar os direitos sagrados que a natureza lhe concedeu, de que já gozou, e de que nenhum poder a deve despojar, e finalmente restituir à coroa do seu augusto príncipe a independência, o esplendor e a glória que em mais felizes idades constituíram o seu melhor ornamento.

Não intromissão nos negócios internos dos Estados é a sabedoria dos príncipes (reaccionários)

Nunca a nação portuguesa se intrometeu nos negócios internos das outras nações da Europa. Ela reconhece e respeita os direitos que competem aos povos independentes, e deve esperar que também sejam reconhecidos e respeitados os que ela mesma tem por igual razão. Como poderia, pois, ver sem grande mágoa que, postergados a seu respeito estes direitos, se abusasse do poder e da força para a conservar na humilhação e no abatimento, para agravar mais a sua desgraça, para a fazer vítima de um poder ilimitado e arbitrário, e para roubar-lhe o distinto lugar que pelas eminentes qualidades de seus habitantes lhe cabe entre as nações civilizadas? Porventura, aqueles mesmos que há pouco desdenhavam a nação portuguesa pela sua decadência, e quase a queriam relegar para a costa fronteira de África, intentarão agora forçá-la a permanecer nesse estado de abjecção?...

A reconhecida prudência, sabedoria e magnanimidade dos príncipes da Europa; o respeito que eles professam aos severos princípios da moral pública e da imparcial justiça; a justa deferência à opinião geral dos homens livres de todas as nações, e até a particular consideração que há-de merecer um povo ilustre, a quem o mundo moderno deve, em grande parte, a sua civilização e os seus progressos, são em verdade motivos de segura confiança para a nação portuguesa, e que lhe não permitem duvidar das disposições pacíficas dos soberanos, que à face da Europa têm posto por base de seus procedimentos as santas máximas da fraternidade universal, tão recomendadas no código sagrado do Envangelho.

Jamais deixa de ser livre um povo que o quer ser

Contudo, se a despeito de todas estas considerações, se acharem frustradas as esperanças dos portugueses, eles, depois de invocarem o Supremo Árbitro dos impérios, como testemunha de suas intenções, e como auxiliar da justiça da sua causa, empregarão em sua justa e necessária defesa todos os meios e forças que têm à sua disposição; eles sustentarão seus direitos com toda a energia de um povo livre, com todo o entusiasmo que inspira o amor da independência. Cada cidadão será soldado para repelir a agressão iníqua, para manter a honra nacional, para vingar a pátria ultrajada, e em último recurso eles verão antes talar seus campos, devastar suas províncias, reduzir a lastimosas ruínas suas habitações e exterminar o nome português, do que hajam de submeter-se a um jugo estrangeiro, ou receber a lei de nações que lhe são na verdade superiores em forças e poder, mas não em honra e dignidade.

Jamais deixa de ser livre um povo que o quer ser. Este princípio adoptado em teoria, é derivado da natural elasticidade do coração humano, e comprovado com factos ilustres dos nossos dias. Os gabinetes da Europa são assaz ilustrados para avaliarem até que ponto se podem desenvolver os recursos de um povo honrado e brioso, quando se vê atacado iniquamente em seus mais sagrados direitos, e quando pugna pela sua liberdade e independência. Os acontecimentos recentes da última guerra mostraram à Europa admirada que o carácter nacional dos portugueses não havia degenerado do que fora no tempo dos romanos e dos árabes, e em épocas mais modernas e não menos gloriosas. Ele se desenvolveria, pois, com igual energia e constância, quando este povo ilustre pugnasse por tudo o que uma nação sisuda e grave pode reputar de seu mais verdadeiro e sólido interesse. O povo português terá uma justa liberdade, porque a quer ter; mas se por extrema infelicidade lhe não couber em sorte conseguir esta ventura, será antes destruído do que vencido ou subjugado. Nenhum dos seus concidadãos sobreviverá às ruínas da sua pátria, às ruínas da pública felicidade. Mas atentem os monarcas e os povos, que a injustiça e a imoralidade de uma guerra, por mais felizes que sejam aparentemente os seus resultados, nunca deixa de ser punida, cedo ou tarde, pelas leis invariáveis da ordem eterna que o Supremo Árbitro do mundo prescreveu a todos os seres, e às quais não pode esquivar-se, nem a força, nem a grandeza, nem poder algum sobre a terra.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1820

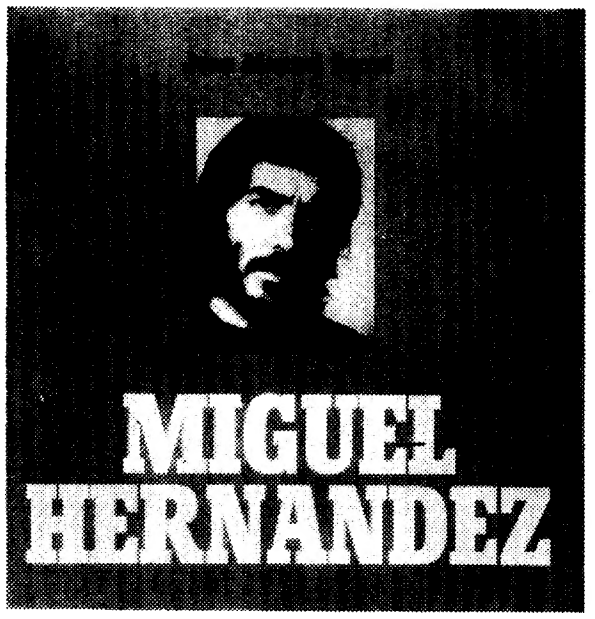
Ora pois... Todavia, invocado por outras bocas o «Supremo Árbitro do Mundo» não pretenderia «debalde caluniar este generoso esforço, qualificando-o de inovação perigosa». Porque existiam na verdade dois deuses: o liberal, cujos sacerdotes invocavam a palavra dos Evangelhos, e o do Antigo Regime.

Que em longa geração pune um só crime,/O deus, que no deserto, entre relâmpagos,/Entre o rouco estampido das trombetas,/Pela voz do trovão legisla o Mundo.

Este Jeová, energúmeno em rancor, bênção de miguelistas, não hesitará, ao contrário do que inocentemente se prevê no **Manifesto**, em «manchar a glória dos portugueses, para se fazerem odiosos os seus patrióticos movimentos, para se atribuir a crime a sua nobre ousadia». «Rebelião» e «ilegitimidade» serão de facto alguns dos nomes que em nome da divindade utilizarão os doutrinários reverendos do absolutismo. Não perca o leitor seu tempo na escolha de diferenças nos argumentadores: são tão diferentes apenas como duas rodelas de tonsura os Padres Macedo, Alvito Buela, Recreio, S. Boaventura e os restantes muitos.

(1) Os artigos têm aparecido com saltos, gralhas, mutilações para o que se pede a compreensão do leitor.

serrat
INTERPRETA
MIGUEL HERNANDEZ



► O ALBUM DE MAIOR ÊXITO EM ESPANHA
► 1º LUGAR NOS HIT-PARADE
► DISCO DE OURO (2º) PELA VENDA DE 100.000 EXEMPLARES

Á VENDA EM TODO O PAIS

tecla
DISTRIBUIÇÃO
TECLA - Sociedade Comercial de Discos, Lda
* * * Rua Sousa Martins, 5, 1º * * - LISBOA

TZEVTAN TODOROV
literatura e significação
um clássico da análise da estrutura narrativa
TEXTOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS | 3 | 80$
assírio & alvim
rua passos manuel, 67-b
telefs.55 55 80 | 56 27 43
lisboa

A C. P. INFORMA:

LEILÃO

Em 15 de Outubro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los até ao dia 12 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço de Fiscalização das Receitas — Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa.

Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos:

Folhetim-artístico

José-Augusto França

UM DICIONÁRIO DE PINTURA E A SUA HISTÓRIA

Acabou de publicar-se, ao 41.º fascículo, o *Dicionário de* **Pintura Universal**, no seu terceiro e último volume, consagrado à pintura portuguesa e composto, ele próprio, por 14 fascículos. Levou a obra catorze anos a publicar em vez dos quarenta e um meses que seriam normais, num ritmo de publicação mensal; começada em Outubro de 1959, deveria ter terminado em Fevereiro de 1963, salvo erro. O atraso foi, portanto, de mais de dez anos e meio — e tem uma explicação e uma história.

Uma história pitoresca não só por de pintura se tratar. Contá-la rapidamente poderá servir para o conhecimento das dificuldades da prática da historiografia da arte em Portugal, os anos 60, e, um tanto também, para uma análise de costumes que um dia venha, historicamente, a fazer-se.

Começou a coisa por os Estúdios Cor (pacientíssimos editores!) me proporem a tradução do «Dictionnaire de Peinture Moderne», obra colectiva das edições Hazan, de Paris, e por eu, recusando, em troca lhes propor a ideia de uma obra original. Que eu faria, acharam os editores, que não, respondi eu — alargando o âmbito dela, em projecto, à arte do passado, e também, à arte portuguesa, em regime especial de volume isolado, aliás luso-brasileiro. Disso se convenceram os editores — e também de que tal obra teria de ser colectiva e programada não por mim só, mas por uma equipa de especialistas que a muitos outros depois fariam apelo, para a redacção dos artigos. Nesse esquema convidei então Artur Nobre de Gusmão, meu antigo colega de Universidade, e ambos convidámos Mário T. Chicó, de quem Gusmão fora ou era assistente. Ao prof. Chicó caberia a «presidência» da equipa e a sua cultura e «finesse» de espírito eram garantia de um trabalho sério e agradável de levar a cabo — como foi, na divisão de tarefas naturalmente estabelecida. Discutiu-se a orgânica do dicionário, a sua estrutura — e definiu-se então uma obra de cuja originalidade (e carácter de pioneiro) estou certo, atendendo ao que na altura existia como publicações do género. Era um campo praticamente deserto, com os trinta e tantos volumes do eruditíssimo Thieme-Becker e os sete do atrabiliário Bénézit há pouco reeditado, e, além do assaz excelente Hazan, para os «modernos», meia-dúzia de coisas modestas de divulgação. Em Portugal havia os quatro volumes do dicionário de Fernando de Pamplona e, para trás, as fontes clássicas do Taborda, do Cyrilo, do Raczynski e do Viterbo, sobre as quais ninguém trabalhara. Quanto a metodologia — um somatório de nomes alfabetados e só. A nossa ideia foi de introduzir uma série de artigos de conjunto e de ligação — referentes a épocas, países, escolas, estilos, correntes, géneros, técnicas, etc. E com isso se organizou um roteiro de artigos de diferentes dimensões, consoante a sua importância relativa, tanto nos de conjunto como nos relativos aos artistas seleccionados. Uma hierarquia de valores assim se estabeleceu, discutível sem dúvida, como é inevitável, mas estabelecida conforme um critério cultural bem assente. E, de qualquer modo, não parece suscitar dúvidas o facto de Leonardo da Vinci ser tratado num artigo mais longo que Cima da Conegliano ... É claro que as distinções nem sempre são tão nítidas — mas não creio que a margem de erro seja grande, ou que um júri ideal propusesse resultados de classificação substancialmente diferentes.

Era, pois, indispensável que os colaboradores convidados se sujeitassem à regra do jogo de escrever artigos de 1400, 1050, 700 ou 350 palavras, ou uma infinidade deles de cerca de 100 palavras. A margem de contagem que lhes era oferecida era rigorosamente de 5 por cento. Assim se evitava que, por gosto ou por acaso, um colaborador se espraiasse sobre um artista de quarta ordem, enquanto outro se economizava sobre um pintor de primeira água, também por gosto, falta de tempo, quiçá por embirração ... Um esquema sucinto da organização dos artigos era também fornecido, para evitar falta de espaço para o que o dicionário tinha de considerar essencial. Duas obrigações, portanto, e uma bem difícil de cumprir, apesar dos contratos estabelecidos e assinados.

E o drama começou. Ou a comédia ...

Logo com os artigos de 100 palavras que, para manter unidade de informação, foram, por contrato especial entregue a um colaborador que o prof. Chico escolheu, cabendo-me a mim todos os que diziam respeito a artistas do século XX. Havia, bem entendido, prazos marcados — mas ao fim de dois meses, quando esperávamos receber acho que duzentos artigos feitos, o colaborador apareceu com meia dúzia deles terminados e outra meia dúzia por acabar ... Os editores arrepelaram-se e, ante a gravidade do caso (era mais de metade do dicionário que estava em questão!), foi preciso mudar de colaborador. Quem, então? Toda a gente tinha os seus compromissos e ninguém desejava aumentá-los com tal estopada de umas mil e duzentas vezes cem palavras sem glória ..

Eu ia então para Paris trabalhar — e, contando com uns meses de pouca ocupação ao princípio, assumi a responsabilidade da tarefa; vejo-me ainda, quase diariamente, a uma mesa da biblioteca do Institut d'Histoire de l'Art da Sorbonne, a «Doucet», rodeado de histórias de arte gerais e particulares, monografias, catálogos, o Bénézit e o Thieme-Becker (laboriosamente lido, com dicionário!) para as dúvidas — produzindo contra-relógio, não sei já quantos artiguinhos por dia. Dias melhores, dias piores, a única consolação, algo romântica ou lusíada, era ter de atravessar o Jardim de Luxemburgo para lá chegar — com o o Sol da Primavera, que tantos meses levaram os estuporados artigos a fazer. Além daqueles que, por outro e mais nobre contrato, me cabiam.

As palavras contadas foram quase sempre problema — quando era apenas um problemazinho de redacção, e um profissional da pena tem de saber tratar do mesmo assunto em 100 páginas ou em 10, senão em 175 palavras rigorosamente determinadas. Nem sempre o faz, porém — como se um alfaiate pudesse fazer calças de um só comprimento. Houve conversações, pedidos e rogos — e cortes necessários geralmente (e, valha a verdade: agradecidamente) aprovados pelos autores assim libertados de trabalhos penosos. Lembro-me do meu bom amigo José Júlio procurando-me, logo ao princípio da publicação, com um artigo emperrado, impossível de reduzir. Meia hora depois estava mesmo reduzido com as nossas boas vontades postas em comum — e a história acabou em bom humor; e o José Júlio, homem conscencioso que era, foi numericamente exacto daí em diante. Assim o fossem outros! Para só lembrar outro amigo, desaparecido também: o Manuel Mendes — que escrevia as palavras que lhe davam na gana, e «cortem vocês à medida» ... Um dos artigos mais importantes do Dicionário, tive eu que o escrever, resumindo as dez inabaláveis folhas com que o autor (outro amigo) me brindou. Creio que, ao fim, ele «admirou» a obra feita e que lhe era sinceramente impossível realizar ...

. Ao problema da quantidade veio juntar-se, obviamente, o da qualidade — não, bem entendido, da ciência dos colaboradores escolhidos e todos eles competentes, mas de adequação da prosa fornecida, por vezes contrária ao espírito de um Dicionário, e falta, outras vezes também, de dados precisos (oh as datas para os meus compatriotas, tão felizes, sempre fora do tempo!). Um remédio universal e profissional para estas coisas: o «rewriting» nivelador de estilo e disciplinador de informação. Mas, esta prática corrente nem todos a sofrem em Portugal, de boa vontade. E, depois, quem reescreveria os textos? Que profissional se poderia encarregar de tão delicada tarefa? Profissional de quê? Nos dicionários estrangeiros há equipas de jovens licenciados em história de arte muito contentes de serem escolhidos para tal trabalho, que faz bem e a sério. Entre nós, começa por não haver licenciados na matéria — e, se os houvesse, aceitariam eles o humilde emprego?... O melhor foi, pois, não pensar nisso e reduzir ao mínimo, e por vezes indispensável, as correcções. Com cartas de «Pedimos licença para sugerir a V. Ex.ª que etc.» — que geralmente nem resposta tinham. O José Saramago, que dirige agora este Suplemento e se encarregava da publicação do Dicionário — que o diga...

Houve também zangas: mas teimar um colaborador que a pintura do país tinha acabado no século XVIII e não querer que, já fora da sua assinatura, se acrescentasse informação até à actualidade, não era mesmo aceitável...

Houve zangas e outras peripécias: quem publicasse os próprios artigos já pagos em páginas literárias de jornais, quem desse sumiço ao contrato pedido para verificação — e quem (e foram tantos!), muito naturalmente, se esquecesse de o cumprir, já não digo em datas (oh as datas!...) mas em espécies. A todo o momento foi preciso tapar buracos, porque Fulano, autor-contratado, naquela altura (já tão para além da data não satisfeita), «não podia». E achar quem pudesse... — Santo Deus, que a vítima fui tantas vezes eu!

Houve também quem fornecesse ao confiante editor um artigo sobre um artista que não estava programado! O colaborador em questão foi corrido, mas foi preciso reimprimir a folha, já distribuída.

...Na parte portuguesa, foi muito pior, porém.

E logo sem os brasileiros programados. Deles se encarregaria José Valadares, director do Museu da Baía; morreu. Depois seria Lourival Machado; veio para a UNESCO e morreu também. A seguir seria Mário Barata, professor da Universidade do Rio, que apresentou programa — mas, após muitas diligências, não conseguiu organizar a colaboração local, e teve de desistir. A parte luso-brasileira ficou, assim, apenas lusa — e disso declinam os editores e os organizadores toda a responsabilidade.

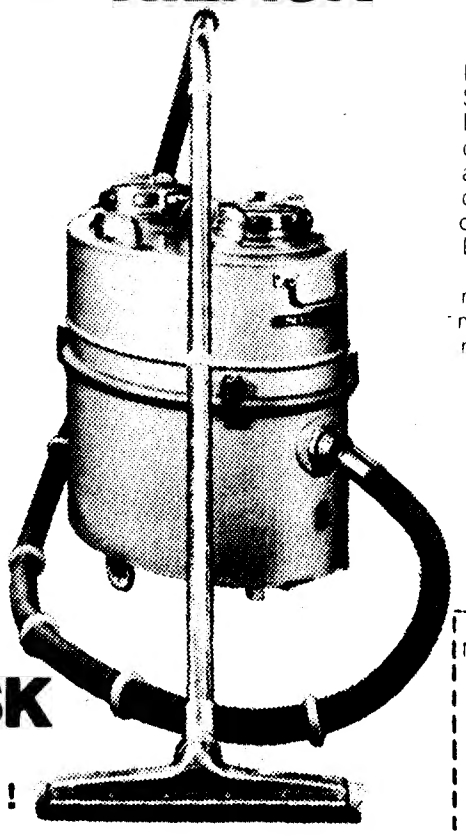
Os organizadores variaram, na parte portuguesa, com a saída, por impedimento profissional, de Artur N. de Gusmão, e a entrada de Armando Vieira Santos, que o prof. Chicó e eu convidámos com aprovação do substituído. Morreu ele entretanto, como morreu Mário T. Chicó — e vários colaboradores ao longo da alongada publicação: José Júlio, Santos Simões, Manuel de Figueiredo, Manuel Mendes, Costa Barreto...

A parte portuguesa levou 8 anos a publicar, em vez de 14 meses, pela astronómica dificuldade em obter artigos que demoravam, demoravam — e bastava a falta de um para encravar a publicação do fascículo por três, quatro, seis meses! Daí que uma ou outra valorização ou hierarquização, válida em 1965, o seja menos em 1973, e houvesse um ou outro artista sem querer prejudicado, e um ou outro beneficiado. O artigo sobre «Coleccionadores», esse teve de ser reescrito e reimpresso, com substituição de folhas, tal foi a modificação verificada nos últimos anos!

O **Dicionário da Pintura Universal (e Portuguesa)** terminou, porém, a publicação — enfim. E as últimas palavras deste artigo que comemora tal feito, informando sobre ele, deverão ser de homenagem a um homem sem o qual a obra não teria chegado ao termo. Deveu-se, com efeito, a Armando Vieira Santos uma série de artigos importantes e difíceis sobre controversos pintores do nosso embrulhado século X. Assumiu ele a responsabilidade de os escrever, não fugindo a trabalhos e canseiras, mau grado uma saúde já condenada; e fê-lo com uma meticulosidade e uma serenidade de especialista que lhe permitiu coligir e acertar hipóteses e identificações, fornecendo assim um indispensável instrumento de trabalho. Pode dizer-se que, sem a dedicação de A. Vieira Santos, estes artigos nunca mais teriam sido escritos, nem a edição terminada — tal é o estado actual da historiografia da arte em Portugal, dentro da qual muito pouco hoje pode fazer-se — enquanto não se renovarem quadros esvaziados por sucessivos falecimentos de homens de 60, 70 ou 80 anos que não deixaram sucessores. Nem puderam deixá-los, numa prática cultural sem a devida estrutura universitária.

este aspirador tem ideias próprias sobre limpeza é um NILFISK

N1 - 73



ELE PENSA EM GRANDES E PEQUENAS SUPERFÍCIES

Ele sabe onde os resíduos do trabalho dia-a-dia se amontoam e onde o pó se acumula. Ele chega aos pontos de mais difícil acesso, onde por vezes, a poeira concentrada, pode constituir perigo. De grande poder de sucção, NILFISK INDUSTRIAL, em qualquer dos seus modelos, é o aspirador mais eficiente e mais durável — o mais versátil e mais rentável.

NILFISK INDUSTRIAL tem sido duramente comprovado em fábricas, hotéis, hospitais, igrejas, armazéns, garagens, cinemas, etc.

NILFISK um mundo de soluções!

NILFISK – Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda.
Lisboa-4 – Rua Félix Correia, 8 – Tel. 78 83 31

Para mais informações, corte preencha e envie para:

NILFISK - Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda
Apartado 4049 - Lisboa-4

Nome .....
Actividade .....
Morada .....
Localidade .....

Para uma crítica de artes plasticas

JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

DESINTEGRAÇÃO OU EXPANSÃO DA ARTE (II)

Na semana passada comecei a tratar um assunto que me fora sugerido pela leitura de dois livros que davam diferentes leituras da actual produção artística (plástica) internacional.. Eram eles *A Desintegração da Forma nas Artes*, de E. Kahler, que procurava demonstrar como a capacidade de comunicação se degradou ao longo da evolução das artes no século XX (das vanguardas do século XX) através de um cada vez maior predomínio do inconsciente, com a apresentação, como obra de arte, da matéria bruta por trabalhar; o outro título, *Da Arte Objectual à Arte de Conceito*, **1961/1972,** do crítico espanhol S. Marchan, traça o inventário das tendências mais importantes dos anos 60 e 70, dividindo-as em três grandes famílias: Neofigurativa, Neoconcreta e Tecnológica e Expansão da Arte (Ambientes, «Happenings», Arte Pobre e Arte Conceptual).

Da comparação entre estes dois desiguais trabalhos surgiram dois pontos comuns fundamentais e uma radical divergência. São eles: o Neoformalismo, que tende a definir um novo tipo de Arte pela Arte, e o Consumismo, sendo a divergência fundamental a que vai dos conceitos de Incoerência («Triunfo da Incoerência» é o título da última parte do trabalho de Kahler) e de Expansão.

A. NEO-FORMALISMO — UM NOVO TIPO DE ARTE PELA ARTE

Uma longa citação de Ad. Reinhardt, descrevendo uma sua «pintura abstracta» texto que, tanto ou mais que a pintura, tem interesse para definir uma situação que já era, antes de o ser (1961), de intenção minimal e conceptual de atitude, serviu a Kahler para situar aí o ponto zero absoluto da Arte, num voltar-se sobre si própria que ajudava a definir, para as recentes vanguardas, um novo tipo de Arte pela Arte. Para esta semana ficou a escolha de alguns exemplos mais significativos que Marchan dá desta atitude geral em referência às mais variadas tendências.

Vejamo-los:

a. NEO-DADA (ASPECTOS NEODADAÍSTAS DA POP ART)

«No neo dada empregam os «ready-made» para descobrir neles valor estético. Eu lancei-lhes à cara garrafas e um urinol como uma provocação e agora admiram-nos como belo estético», dizia Marcel Duchamp em 1962 (cit. Marchan, p.39): o que era uma revolta tornou-se forma, o antifétiche transformou-se de novo em fétiche e a evolução da maior parte dos neodadaístas foi em direcção a «um conformismo estético perfeito, de acordo com as convenções da arte superior de elite, purificado de todo o tipo de suspeitas irreverentes».

b. HIPERREALISMO OU SUPERREALISMO

Basta, neste caso, citar os pontos comuns às várias tendências e personalidades ligados a este «movimento»: «exactidão e sobriedade de representação, recurso a procedimentos pictóricos com uma fidelidade enganosa com a vista... cultivo do detalhe... recurso à ampliação de dimensões — por vezes com predilecção pelo fragmento... representação distanciada e fria, onde desaparece toda a marca de gesto ou escrita subjectiva e expressionista».

c. NOVA ABSTRACÇÃO

«A «nova abstracção» foi um movimento abertamente esteticista, concentrado em problemas intrínsecos à própria pintura no seu sentido contemplativo», como se pode ver nesta citação de Franck Stella: «A minha pintura está baseada n(facto de que só há nela o qu(pode ser visto... O que você vê é o que vê» (p. 106).

d. MINIMAL ART

Marchan, ao sublinhar o parentesco entre esta proposta e o construtivismo russo, parentesco que figura na maior parte das críticas, ou das apologias, da arte Minimal, faz notar: «O reconhecimento da arte da revolução russa nos últimos anos é paradoxal e sintomático. É evocado como algo puramente formalista, artístico, prescindindo do seu marco histórico, quando na realidade o movimento russo não foi puramente formal, antes esteve implicado numa tentativa de transformação revolucionária da sociedade. Nas actuais apropriações vê-se despojado das suas implicações sociais e do seu valor de uso, apenas se conservando de um modo desfigurado e empobrecido algumas considerações formais», para concluir mais adiante que «tal parentesco é fruto da desventurada universalidade da interpretação formalista, atenta a meras analogias superficiais». Encontramo-nos aqui com um fenómeno de todo em todo paralelo ao do Neo dadaísmo já mencionado.

e. OP. ART

«Polarizadora do neo construtivismo europeu» lhe chama Marchan, mas a percepção pela percepção, desligada de «códigos icónicos e iconográficos» que possam veicular significados mais relevantes, acaba por resultar na *conversão dos meios* (formais) *em fins*. Assim, «a acusação que mais pesa sobre a arte Op é o seu carácter epidérmico, superficial, na exploração da visibilidade... da referência da percepção à própria percepção e ao perigo de converter-se a si própria em um fim».

d. HAPPENNING

Dentro das manifestações que se podem incluir nesta classificação, aponta também Marchan uma linha formalista «que afirma que não deseja fazer arte nem crítica social ou manifestações políticas, convertendo-se o «happenning» num acto agressivo dos artistas como reacção à situação das artes numa sociedade que, entre a saturação mercantil e a falta de objectivos, degrada a sua acção numa actividade sem sentido».

e. ARTE CONCEPTUAL

A própria Arte Conceptual, que sempre se apresenta com um carácter antiformalista e anti-objectual, está muito longe de assumir, como muitos julgam, qualquer sentido crítico frente à sociedade em que se projecta e os que os assumem são uma minoria). Em geral é frequente o «afastamento de toda a ideologia e política»; trata-se, antes do mais, de uma «atitude analítica» que Marchan procura definir com duas «notas determinativas».

Arte como tautologia — «As obras definem-se enquanto obras de arte, sem remeter para outras realidades. A tautologia quer dizer que a proposta artística é uma verificação da própria arte, afastando em princípio o que poderia ser a mensagem»; de uma representação da arte como representação, a caminho de uma arte de projecto, de propostas para uma acção, determinada do tipo «Caminhe na mesma direcção em que o fez durante os últimos dez segundos».

Aqui entramos numa zona em que a arte e a sua própria definição constantemente se confundem, ou melhor, a arte é a sua própria definição e constante redefinição, nisso se esgotando.

Entre um Neo formalismo omnipresente (em Portugal também) e uma nova Arte pela Arte, bem expressa nas intenções de tantos conceptualistas, balança-se muito da produção (de vanguarda?) na actualidade.

Porquê?

B. CONSUMISMO E OBSOLESCÊNCIA

Esta outra coincidência dos pontos de vista de Kahler e Marchan não é a resposta cabal e total ao porquê que atrás ficou escrito; responde porém a algumas perguntas, tornando-se até, em relação a certos movimentos — o hiperrealismo, por exemplo numa explicação quese cabal.

Enquanto Kahler apenas se refere à degradação da comunicação do embotamento da consciência, do qual só uma actividade benéficia, a publicidade, cuja acumulação de técnicas comunicativas «desemboca onde tudo o que se faz neste povo e neste país (USA) desemboca: em fazer dinheiro». (p. 125).

Poderia agora retomar o esquema anteriormente seguido e retirar de Marchan numerosos exemplos de tipos de produção artística quase exclusivamente destinados a um consumo comercial. Melhor será todavia citar o que nos tem a dizer sobre o conceito de obsolescência que define logo na entrada do seu trabalho:

. «nas sociedades actuais, a obra artística, como os outros produtos, será uma *originalidade provisória*, condenada a um rápido e incessante consumo, que possibilita a exploração do novo, preferentemente formal, que não de conteúdos. A obsolescência psicológica artística é, pois, dificilmente compreensível da obsolescência planificada, que afecta as actuais relações de produção. Os interesses do mercado numa sociedade em que a obra foi perdendo progressivamente os valores de uso a favor do puro valor de troca, impõem a necessidade de incessantes inovações artísticas, semelhantes aos fenómenos de *moda*. Sabemos que esta influi nas alterações da norma estética e que se converte num factor importante da sociologia do gosto. Atenção: a moda não é primariamente um fenómeno estético ou artístico, mas um fenómeno *económico* onde o artístico possui uma função secundária».

Com a entrada, a partir de 1961-62, dos americanos, esta situação acentuou-se mais e mais, pois segundo Marchan, foi no campo das artes plásticas, a imposição da «obsolescência planificada». Daí a necessidade de impor uma «tradição do novo» e ser nos USA que as tendências artísticas actualmente recebem a sua consagração (estética e sobretudo económica): «quer nos agrade quer não, as inovações localizam-se no mundo anglo-saxão e especialmente nos USA e na Alemanha Ocidental, clara sucursal artística dos interesses americanos».

Não resisto à tentação de acrescentar dois dos exemplos mais significativos desta situação que se podem encontrar no trabalho de Marchan e que dizem respeito a duas tendências que, em princípio, se deveriam opor a este estado de coisas e que a ele se opõem explicitamente nas declarações públicas dos seus produtores; são elas o Realismo Crítico (incluindo o «Schocker Pop» e a «Funk Art») e a produção de Múltiplos (normalmente integrados nas produções Op e Cinética).

a. REALISMO CRÍTICO

No caso do Realismo Crítico, que, como sublinha Marchan, é explicitamente contra este estado de coisas, estas tendências não vivem sem graves contradições em sociedades em que a «tolerância» «claramente se converte em repressão», assinalando também como um dos principais perigos desta atitude o de recorrer a temáticas universalistas cuja «ambiguidade é um dos piores inimigos das suas pretensões de eficácia comunicativa».

b. MÚLTIPLOS

A defesa deste tipo de produção por alguns dos seus realizadores (Vasarely, Schöfer) assenta na «democratização e no consumo maciço», ao mesmo tempo que se «sai do narcisismo social da obra única». No entanto, os limites desta atitude são bem conhecidos. O próprio Vasarely põe a sua assinatura nos seus múltiplos, não só como garantia estética, mas também como garantia comercial; aliás, «a maioria dos centros produtores de múltiplos defenderam o número limitado, entre 100 e 200 exemplares. A limitação de exemplares é que mantém a raridade artificial. Os preços obedecem a certos modelos: os múltiplos *numerados* e *assinados* de tiragem *limitada*... e é frequente que a diferença de preço varie segundo os artistas sejam mais ou menos conhecidos». Daí que «uma questão sejam as intenções subjectivas de muitos artistas, e inclusivamente de vários promotores, e outra as condições objectivas. A sociedade neocapitalista actual, inclinada a todo o tipo de compromissos, permite novos sistemas de consumo exigidos pela dinâmica da sua estrutura económica, mas ao mesmo tempo propugna — na arte mais do que em qualquer outro produto — os velhos costumes privilegiados de recepção em virtude dos privilégios de posse».

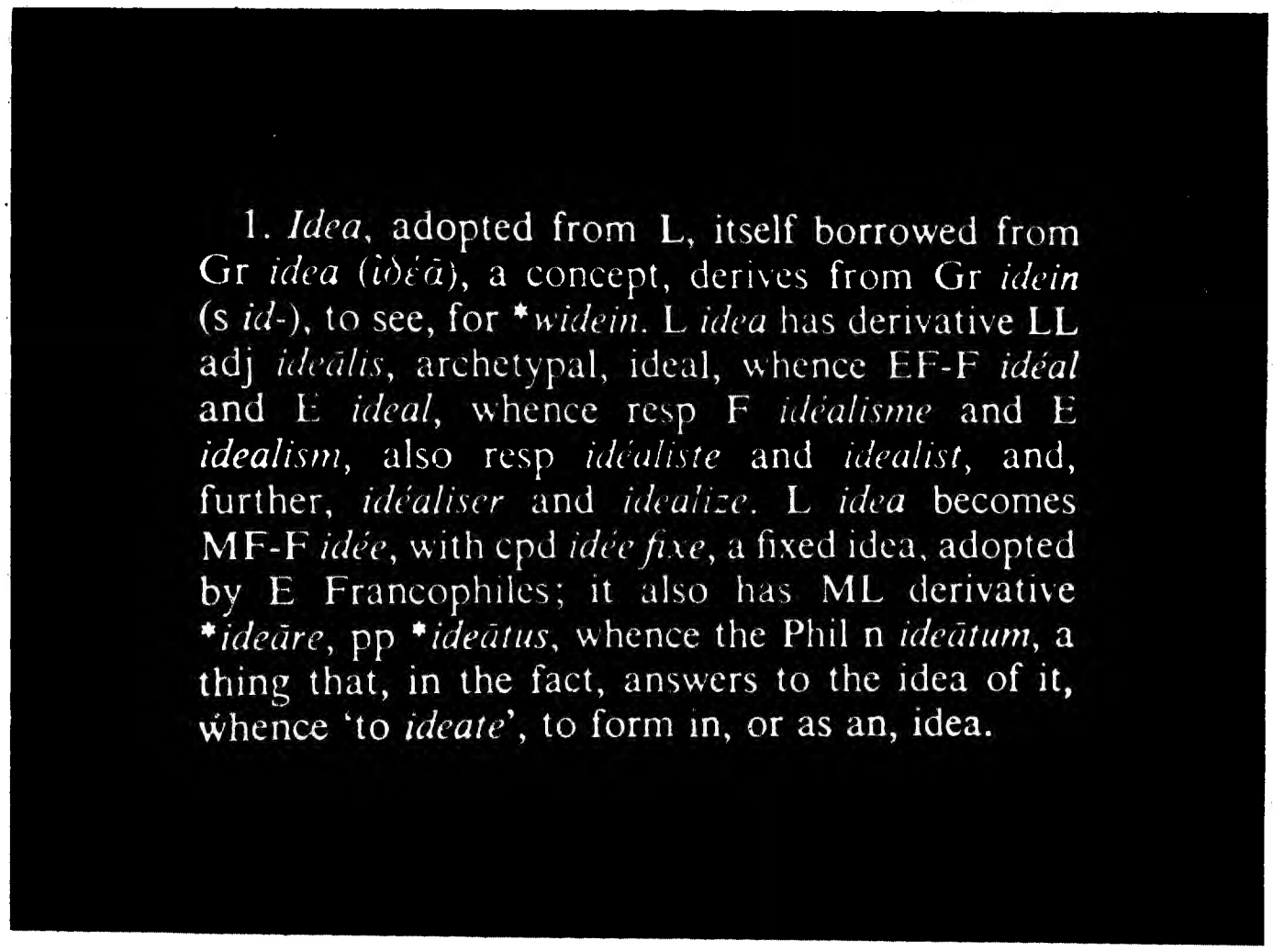
C. INCOERÊNCIA OU EXPANSÃO DA ARTE?

Que fazer?

Só me parece de aceitar uma das duas atitudes de base das obras que tenho vindo a citar, já que uma rejeita e a outra inventaria e procura estudar; uma nega, e a outra procura ver-entender-ler, por entre as notícias pagas e a propaganda mal dissimulada, as linhas de força com que se irão construir os anos 70 que estamos vivendo, tempo de expansão de arte para fora dos seus «quadros» tradicionais, explorando sistematicamente o «espaço equívoco» (por vezes incoerente, porque não?) que (não) medeia entre a arte e a vida, inventando novos ritos, os quais não têm quaisquer mitos a animá-los, a não ser o mito da Arte e do Artista, esquálido e sem base social suficiente a impulsioná-lo; donde um novo tipo de Arte pela Arte, esse refúgio, que continuamente a si própria se descobre (como conceito) e se vai redefinindo num jogo, ou numa investigação de formas e de significados (Marchand diria sintática e semântica) que não acaba mais.

Acabará?

. Ou surgirão finalmente os Novos Mitos que o Surrealismo em vão tentou suscitar (ressuscitando o Romantismo) e que a chamada Contracultura parece não ter força para propor?



Joseph Kosuth: «Art as Idea as Idea», 1967